

# UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO  
EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

14 ENTREVISTAS

[WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM)

#1

SÉRIE DE ENTREVISTAS REALIZADA POR UM BRASIL EM 2014

ROBERTO DAMATTA  
LAURENTINO GOMES  
LUIS FELIPE PONDÉ  
PAULO FELDMANN  
JOSÉ GOLDEMBERG  
RENATO OPICE BLUM  
JORGE DUARTE  
MARCO ANTONIO VILLA  
DENIS ROSENFELD  
IVES GANDRA MARTINS  
DEMÉTRIO MAGNOLI  
LUIZ FLÁVIO GOMES  
ROBERTO MACEDO  
CLAUDIO ABRAMO



# UM BRASIL

ANÁLISES E DISCUSSÕES SOBRE UM POVO  
EM BUSCA DE UMA IDENTIDADE

14 ENTREVISTAS

[WWW.UMBASIL.COM](http://WWW.UMBASIL.COM)

#1

SÉRIE DE ENTREVISTAS REALIZADA POR UM BRASIL EM 2014

---

## UM HUB DE DEBATE SOBRE O PAÍS

A elaboração da plataforma UM BRASIL foi embasada na necessidade de discutir com profundidade os problemas brasileiros em seus diferentes aspectos. Para isso, ouvimos a opinião de especialistas envolvidos no debate de grandes temas nacionais.

As entrevistas aqui publicadas abordam assuntos relacionados a política econômica, qualidade da democracia, sustentabilidade, ambiente jurídico, entre outros.

O meio digital foi o escolhido para dar suporte a esse projeto por não carregar as amarras de tempo e formato presentes na televisão. Além disso, possibilita a interação com o público e cria a tão necessária sinergia entre provedores e consumidores de conteúdo.

Os temas tratados contribuem para fortalecer o entendimento e o diálogo coletivo em torno do País. Não se trata apenas de apontar problemas, mas de discutir soluções e criar um espaço aberto à opinião e, principalmente, às novas ideias.

Nosso anseio é estimular um debate plural e transformador com foco em um País igualitário. Ao reconhecer a necessidade de analisar os rumos do Brasil, a FecomercioSP cumpre o seu papel de colaborar para a construção de uma sociedade mais participativa.

### **Abram Szajman**

Presidente da Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo, entidade gestora do Sesc-SP e Senac-SP.

---

## SUMÁRIO

# 11

MARCO ANTONIO VILLA  
Sociólogo e historiador

---

# 23

PAULO FELDMANN  
Professor da USP e consultor da FecomercioSP para assuntos relacionados à pequena empresa

---

# 29

JOSÉ GOLDEMBERG  
Físico, professor da USP e presidente do Conselho de Sustentabilidade da FecomercioSP

---

# 79

DEMÉTRIO MAGNOLI  
Sociólogo, comentarista de política internacional e escritor

---

# 85

LUIZ FLÁVIO GOMES  
Jurista e cientista criminal

---

# 91

LUIZ FELIPE PONDÉ  
Filósofo, escritor e professor universitário

---

# 35

ROBERTO DAMATTA  
Antropólogo, professor universitário e escritor

---

# 45

RENATO OPICE BLUM  
Advogado e presidente do Conselho de Tecnologia da Informação da FecomercioSP

---

# 51

LAURENTINO GOMES  
Jornalista e escritor. Autor da trilogia 1808, 1822 e 1889

---

# 99

ROBERTO MACEDO  
Economista e professor universitário

---

# 107

CLAUDIO ABRAMO  
Vice-presidente do Conselho Deliberativo da ONG Transparência Brasil

---

# 61

JORGE DUARTE  
Psicólogo e presidente do Conselho de Desenvolvimento Local da FecomercioSP

---

# 67

DENIS ROSENFELD  
Filósofo, escritor e professor universitário

---

# 73

IVES GANDRA MARTINS  
Jurista e presidente do Conselho Superior de Direito da FecomercioSP

---

---

# TEMOS UMA TRADIÇÃO AUTORITÁRIA MUITO FORTE

O BRASIL É UM PAÍS CHEIO DE PECULIARIDADES EM QUE O ESTADO RESISTE A REFORMAS, DIFICULTA OS NEGÓCIOS E É ANTAGONISTA DOS EMPREENDEDORES. OS AVANÇOS SÃO LENTOS E A CLASSE POLÍTICA É DISTANTE DOS ANSEIOS POPULARES. ESSA É A VISÃO DE MARCO ANTONIO VILLA, MESTRE EM SOCIOLOGIA E DOUTOR EM HISTÓRIA. CRÍTICO DOS GOVERNOS DO PARTIDO DOS TRABALHADORES (PT), O HISTORIADOR COMENTA AS RAZÕES DAS SUAS FRUSTRAÇÕES COM OS LÍDERES POLÍTICOS E DISPARA CONTRA A ESTRUTURA DO GOVERNO E SUAS INSTITUIÇÕES. PARA O PRÓXIMO PLEITO [DE 2014], VILLA ESPERA UMA DISPUTA ACIRRADA, O QUE PODE SER POSITIVO PARA O PAÍS POR GERAR DEBATES SOBRE OS MELHORES RUMOS PARA O FUTURO.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



**Você é otimista ou pessimista em relação ao Brasil? Estamos no caminho certo para o desenvolvimento e a criação de uma nação justa e competitiva para as empresas?**

Em relação à estrutura governamental e ao funcionamento das instituições, eu sou absolutamente pessimista. Porém, sou otimista em relação aos brasileiros, àqueles que empreendem apesar de todas as dificuldades, mantêm seus negócios, são criativos e ainda expandem. Mas a estrutura do Estado brasileiro joga contra a iniciativa e a criatividade dos empresários de todos os portes.

**O Estado é antagonista do empreendedor? Ele não ajuda os empresários como deveria para fomentar negócios?**

Sim, é o Estado indo contra. No Brasil, o Estado sempre teve uma longa tradição arbitrária, antidemocrática e criadora de empecilhos para o empreendedor. As-

## SOU OTIMISTA EM RELAÇÃO AOS BRASILEIROS, ÀQUELES QUE EMPREENDEM APESAR DE TODAS AS DIFICULDADES

sim como em relação à livre organização das pessoas para participação política, no campo econômico sempre houve a criação de obstáculos. Isso ocorre desde o século XIX e não é, portanto, um fato recente, mas um longo processo histórico. Por mais estranho que pareça, mesmo a economia brasileira sendo uma das maiores do mundo, a estrutura para empreender é cada vez mais complexa e quase expulsa o micro e o pequeno empresário do mercado.

**Por que existe um descompasso no País quando falamos em reformas, especialmente aquelas que todos sabem que precisam ser feitas, mas não avançam? O que aconteceu, considerando o processo histórico?**

Isso depende da época da história do Brasil Republicano. Analisando de 1930 até os dias atuais – lembrando que muitos desses períodos não foram democráticos –, foi feita uma série de reformas. Veja como o Brasil é um país complicado, como já dizia o músico Tom Jobim: “O Brasil não é um país para principiantes”. Nos períodos autoritários, tanto na ditadura do Estado Novo como no regime militar, foram realizadas mudanças no campo trabalhista, por exemplo. Na área econômica, houve a criação do Banco Central. Então, o curioso é que, muitas vezes, nos momentos democráticos, entre 1945 e 1964 ou depois de 1985, houve uma enorme dificuldade para se realizar

algumas reformas estruturais do Estado. É uma coisa estranhíssima. A democracia não impede reformas, longe disso, mas criam-se grupos de interesses tão sólidos no interior do Parlamento que causam enormes dificuldades a um Estado que, no fundo, não deseja se reformar. Mas, se compararmos o período de 1930 até agora, o governo de Juscelino Kubitschek foi o momento no qual tivemos as maiores reformas econômicas, a abertura ao capital estrangeiro (que era considerado um crime na época), a criação da indústria automobilística e a mudança da capital. Imagina alguém mudar a capital hoje, no Brasil? Qual é a grande obra de infraestrutura do governo Dilma? Foi no Amazonas, no Piauí, Rio Grande do Norte ou no Rio

Grande do Sul? Não, foi em Cuba. Por incrível que pareça, a grande obra estrutural do Governo Dilma foi gastar R\$ 2,6 bilhões no Porto de Mariel com dinheiro do BNDES, que não vai ser pago nunca, porque as garantias dadas por Cuba são para inglês ver. Então, o curioso é que tivemos alguns momentos democráticos com iniciativas políticas, como no período de Juscelino, mas a impressão é que falta aos presidentes eleitos efetivamente exercer o mandato popular. Não é passar por cima do Parlamento, ninguém quer uma estrutura bonapartista. Mas quem foi eleito pela maioria absoluta dos eleitores brasileiros tem legitimidade e autoridade. O programa político apresentado nas eleições tem de ser implementado, caso ele seja o vitorioso, especialmente no primeiro ano de mandato, de fazer as reformas, até porque tem apoio do Congresso. Porém, é preciso ter disposição para lutar, capacidade de articulação e um bom projeto que seduza para obter efetivamente apoio popular no momento da implementação.

**Qual o motivo do descompasso entre o mundo político e o que a sociedade almeja? Existe algo específico para vivermos nessa situação?**

Tem coisas no Brasil que realmente são complicadas. A Constituição de 1988, que é tão nova, já tem quase 70 emendas. Se analisarmos quantas vezes aparece a palavra “direito”, veremos que ela aparece seis ou sete vezes a mais do que a palavra “dever”. O Estado de Direito devia ter direitos e deveres. É bom lembrar que aquela Constituição saiu dessa forma porque Deus não é brasileiro, ao contrário do que imaginamos. Se Ele fosse brasileiro, o Tancredo Neves não teria morrido. Talvez o grande nó que te-

mos até hoje seja por causa disso, com o rompimento de uma liderança que tinha o respaldo da Campanha das Diretas e uma experiência e apoio político sólidos, que tinha vivido situações diferentes, desde o início do governo de Getúlio Vargas, na crise de 1954 e passando pelo período do regime militar. Ele passou do Legislativo para o Executivo e tinha um conhecimento da máquina do Estado brasileiro e acabou, infelizmente, não podendo colocar em prática o seu programa. O Brasil dormiu com Tancredo presidente e acordou com José Sarney. Deus certamente não é brasileiro.

**2014 é um ano especial para o Brasil. Um ano de evento internacional, talvez o maior evento internacional para o país do futebol seja sediar uma Copa do Mundo. Além disso, existe a voz das ruas, não a das manifestações, mas a voz das ruas de quem trabalha no dia a dia, que sente dificuldades com problemas burocráticos. Você acredita em mudança no debate durante a campanha eleitoral e na efetiva implementação das reformas, seja quem for o vencedor? Este será um ano decisivo para o Brasil?**  
Dino Sani, antigo volante que foi do São Paulo e do Corinthians, jogou futebol na Itália e foi técnico, criou a expressão “O futebol é uma caixinha de surpresas”. A política também é uma caixinha de surpresas. A gente não sabe, efetivamente, o que vai ocorrer. Por isso, quando se fala em ciência política, fico em dúvida, porque é política e não ciência. Pequenas questões podem mudar a conjuntura e ter um efeito político danoso incrível. Pode dar tudo certo na Copa do Mundo e a seleção, inclusive, até ganhar. Mas não podem ocorrer algumas coisas no Brasil, como ventar. É proibido ven-

tar. Se ventar, o estádio Engenhão cai. Não pode chover. O Estádio do Palmeiras tem problemas na estrutura e com guindaste, como no Itaquerão. Então, a engenharia brasileira não suporta o vento e não pode chover. Politicamente, pode ter um efeito danoso incrível, pois muitas vezes são pequenas questões que mudam a conjuntura se, no dia da abertura da Copa do Mundo, em São Paulo, chover. Se chover forte, não tem abertura da Copa do Mundo, ninguém chega a Itaquera. Olha a situação estrutural em que o País vive. Em 2010, eu torci e queimei a língua para que na campanha presidencial tivéssemos uma discussão de ideias reais sobre o Brasil, que discutíssemos os programas. Por exemplo, o que cada candidato gostaria de construir no seu governo? Para não virar aquele xingamento, como é comum nas campanhas eleitorais, além de parecer que há uma disputa entre marketing, e não entre candidatos. Certamente a eleição presidencial não se decidirá no primeiro turno. Pode ser que ao menos para o segundo turno exista alguma discussão programática. Eu torço para isso, porque isso é bom para o Brasil, isso é bom para fazer o País crescer. Não é possível crescer a passos de tartaruga – como crescemos no triênio Dilma, um dos piores da história republicana. O pior foi do Floriano Peixoto, com duas guerras civis, a Revolta da Armada e a Revolução Federalista; depois, Fernando Collor, com dois anos de recessão, de 1990 a 1992; e o terceiro pior triênio da história de crescimento econômico é o da presidente Dilma. [Entrevista concedida antes do agravamento da crise econômica]

**Qual sua avaliação quanto à realização da Copa do Mundo? Ela será positiva e deixará um legado efetivo para o País?**

A Copa do Mundo não vai deixar legado nenhum ao Brasil, só dívidas. Nunca na história recente do Brasil, como dizia o ex-presidente, se roubou tanto em tão curto espaço de tempo. Essa “medalha de ouro” em roubo e em corrupção devemos ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que trouxe o evento esportivo sabendo que não tínhamos a mínima estrutura e condições de organizá-lo. Foi um delírio do segundo mandato. As pessoas, hoje, têm a ima-

## NÃO É POSSÍVEL CRESCER A PASSOS DE TARTARUGA, COMO NO TRIÊNIO DILMA

gem do Lula do segundo governo, pois, no primeiro, até fevereiro de 2006, os índices de popularidade dele eram extremamente baixos. Mas, na história, fica sempre a última imagem. E para muitos é a do ano de 2010, por causa do crescimento de 7,5%. Veja a ilusão, pois em 2009 houve recessão e o Brasil cresceu menos de 0,3%. Porém, a fala era tão eficaz que dá impressão de que o Brasil cresceu a ritmo chinês, não houve recessão. As coisas podem funcionar e ter a Copa, usando o jeitinho brasileiro e com puxadinhos, e com as manifestações fracassando. Contudo, as manifestações podem ser ocupadas realmente pela indignação do cidadão – como foi, em grande parte delas, antes dos Black Blocs. São Paulo foi testemunha disso, Brasília, Porto Alegre e Rio de Janeiro e os gastos da Copa vão estar muito presentes.





**Por causa das manifestações, o senhor acha que o Brasil está diferente ou os protestos foram pontuais?**

As manifestações de junho ocorreram de forma surpreendente. É importante lembrar que elas começaram por Porto Alegre, depois aconteceram no Rio de Janeiro e em São Paulo. Na capital paulista, havia razões um pouco mais particulares, envolvendo questões de ordem política e da sucessão de 2014. Especialmente em Brasília e no Rio de Janeiro, a questão foi com os gastos da Copa. O ponto central para todos foi a corrupção. Foi muito positivo e acabou com aquela ideia primária de que estávamos às portas do paraíso. O Brasil estava crescendo a 1%, 2% e 3%, mas ia maravilhosamente bem no discurso. E todo mundo estava satisfeito com os hospitais, a educação, o transporte e a segurança. O Brasil era uma espécie de paraíso, e viu-se que não era nada disso. Bastou uma ou outra manifestação, e o castelo de cartas ruiu. Infelizmente, no decorrer das manifestações, ocorreram os episódios lamentáveis dos chamados Black Blocs, mas o saldo foi muito mais positivo do que negativo. Elas sinalizaram que a população está insatisfeita, quer mudança e que as ruas são um espaço de manifestação. Não adianta ficar só reclamando, tem de ir à rua manifestar de uma forma apartidária, não apolítica. Foram momentos extremamente emblemáticos da insatisfação em relação ao momento em que vivemos. [Entrevista concedida antes das manifestações que reivindicaram o impeachment de Dilma Rousseff]

**O senhor acha que a mansidão bovina do brasileiro já não existe mais?**

Nós não temos tradições de grandes mobilizações na história do Brasil. Tivemos

momentos, como foi o Abolicionismo, na segunda metade da década de 1880 do século XIX; em 1930, não só em São Paulo, mas em boa parte do Brasil e Rio de Janeiro, Porto Alegre, naqueles acontecimentos que levaram à Revolução Constitucionalista; na década de 1960; em 1983/1984, com a campanha pelas Diretas, e com o Fora Collor na década de 1990. Foram momentos muito rápidos e, na maior parte das vezes, não se conseguiu extrair uma espécie de caldo que levasse à transformação de uma ordem social, econômica ou política. Claro, o Abolicionismo levou ao fim da escravidão, que provavelmente seja a única revolução social do Brasil.

**A percepção ou desejo de cidadania do brasileiro é menor do que ele deveria ter?**

Sim. A democracia, no sentido de uma plena garantia dos direitos individuais, da liberdade de opinião, manifestação, organização, é da Constituição de 1988. Portanto, é uma coisa muito nova. Se retroagirmos nas constituições republicanas, desde a de 1891, elas foram criadas em regimes que não eram plenamente democráticos. Nós temos uma tradição autoritária muito forte na história brasileira, tanto da direita como da esquerda. Por isso, em certos momentos, eles se aproximaram muito, por exemplo, sob a concepção da participação do Estado na economia e da importância do Estado.

**Hoje ainda existe direita e esquerda?**

Não. O Governo Dilma é de centro-direita, basta ver a sua base parlamentar e sua ação econômica e social. Ela mistu-

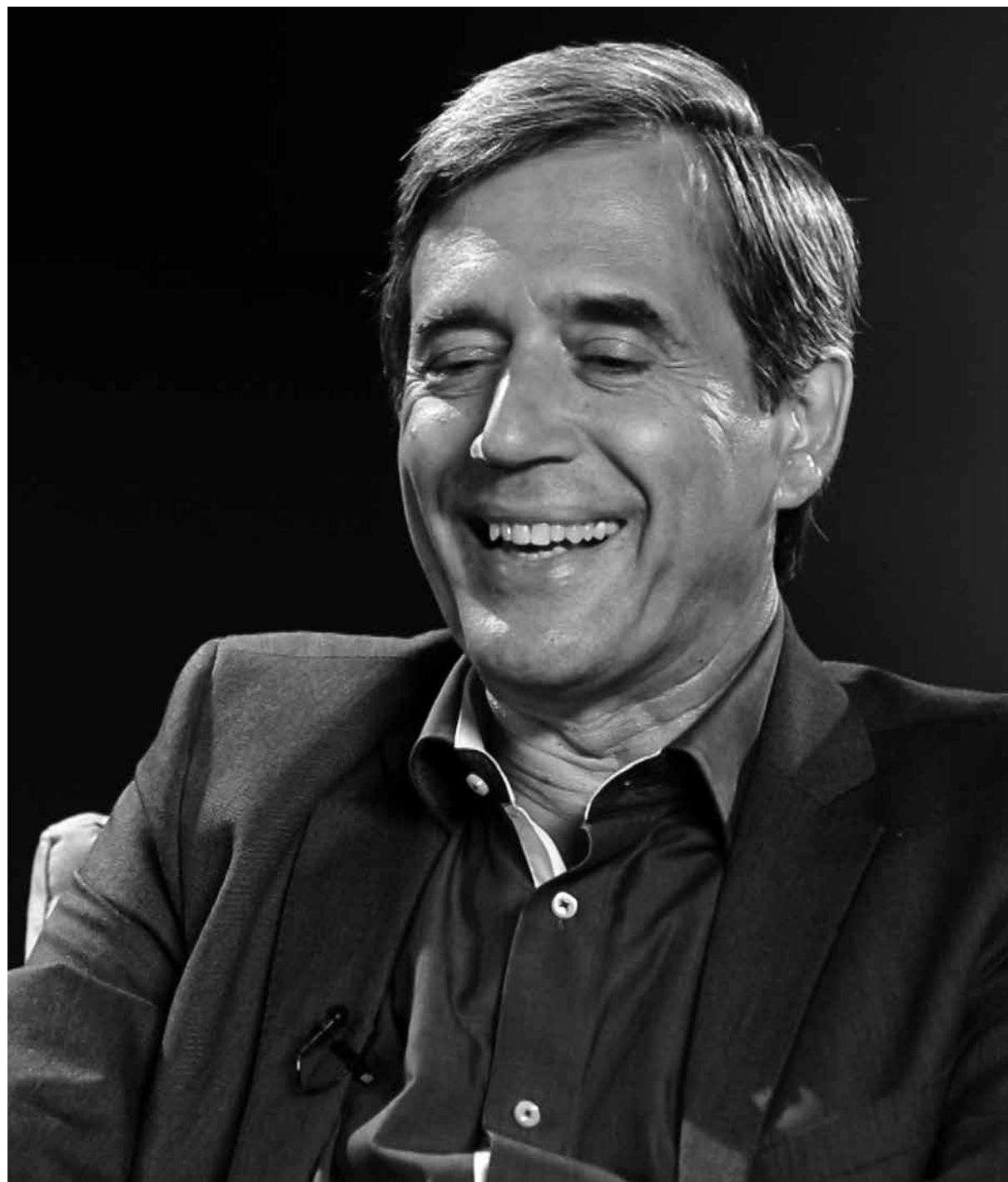
ra, por exemplo, um apoio à mais longa ditadura do continente americano, que é a Castrista, que matou milhares de pessoas. Ao mesmo tempo, alia-se a José Sarney, Jader Barbalho e Renan Calheiros. São coisas aparentemente distantes, mas não tanto, porque, se formos olhar um pouquinho melhor, tem seus pontos de aproximação. O Governo Dilma é conservador, no pior sentido da expressão. Fora do Brasil, essa expressão é usada para quem quer conservar a lei, a ordem e a democracia, mas aqui virou palavrão. Nós somos um país sui generis. Na campanha presidencial de 2002, tínhamos quatro candidatos: Garotinho, Ciro Gomes, Serra e Lula. Os quatro se diziam de esquerda. Em 2006, tivemos três candidatos, e ninguém se dizia de direita. Em 2010, tivemos três candidatos, e novamente ninguém se dizia de direita. Só que o Parlamento é controlado pelos setores retrógrados no sentido político.

## A DEMOCRACIA É RECENTE NO BRASIL, E NÓS NÃO APRENDEMOS O QUE É UMA SOCIEDADE DEMOCRÁTICA

Engraçado que essa direita não tem candidato a presidente, mas controla o Parlamento. É uma das razões para emperrear qualquer transformação da ordem social, econômica e política.

**Por que usamos esses termos de maneira errada no Brasil? É problema educacional ou é a pressa em rotular alguma coisa e dar um nome que chame atenção?**





## A ESQUERDA E A DIREITA TÊM ÓDIO DE CONVIVER COM SEU OPOSITOR, NÃO ENTENDEM QUE DEMOCRACIA É CONVIVER COM A DIFERENÇA

Quando eu estava assistindo às manifestações pela televisão, lembro-me de uma âncora descrevendo um homem destruindo uma loja como um manifestante exaltado. Aquele não era um manifestante exaltado, era um ladrão que estava destruindo. Mas ela chama de manifestante, porque tinha medo de denominá-lo pela forma incorreta. O anarquismo, na história do Brasil, foi protagonista das grandes greves operárias, no começo do

século XX em São Paulo, com conquistas históricas para os trabalhadores. Célebres anarquistas de São Paulo, como o jornalista Everardo Dias, se visse um Black Bloc, diria que o movimento não tem nada a ver com o anarquismo clássico. Temos medo de definir a realidade como ela é, então, busca-se mascarar-la. No Brasil, o curioso é o seguinte: o comunismo nunca deu certo, mas a direita positivista, quando tomou o poder em 1930, tinha uma concepção muito próxima à socialista aqui no Brasil. E essa união criou um coquetel infernal para uma sociedade que não deixa claro o que é direita, centro e esquerda. Não deixa claras as diferenças sobre concepção de Estado e que tem ódio da diversidade e da diferença. A esquerda e a direita têm ódio de conviver com seu opositor, não entendem que democracia é conviver com a diferença. Por isso, os dois sempre tiveram uma perspectiva golpista.

**É essa a razão pela qual as pessoas não conseguem conviver com a diversidade de opinião, por exemplo, na internet?**

Claro. A democracia é recente no Brasil, e nós não aprendemos o que é uma sociedade democrática. Falar em redemocratização nem é uma expressão correta, porque, se nunca tivemos democracia, não se pode redemocratizar. O que tivemos foram períodos de certas liberdades na história do Brasil. A internet surge no

momento em que a sociedade está se democratizando na década de 1990, vendo o que é separação de poderes e quais são os direitos efetivos do cidadão. Aí cria essa relação de ódio e não se consegue conviver com a diferença. Você não é meu adversário, eu convivo com adversários. Você é meu

inimigo, e, esse, se destrói. Isso é guerra, não é política, porque ela é a arte do convencimento. Muitas vezes, você muda de posição convencido pelo argumento do outro. No Brasil, mudar de posição nem é bem visto.

**O senhor vê alguma chance de ter um debate real hoje no Brasil?**

De 2010 para cá, escrevendo em jornais ou participando de debates, estou bem atento à conjuntura. O historiador, muitas vezes, está vendo a situação e vai escrever décadas depois. Eu quis fazer uma história do tempo presente e tentar ver como são construídas certas leituras do Brasil. Então, por exemplo, construí-se uma ideia de que a presidente Dilma era uma gestora brilhante. Disseram que era doutora em economia, mas é apenas bacharel. Ela sequer tinha defendido a dissertação de mestrado e muito menos a tese de doutorado. Era falsificado o

currículo. Em qualquer país, isso acabaria com a carreira política de qualquer um. No Brasil, foi visto como algo absolutamente irrelevante. Foi o governo que mais teve de se livrar de ministros corruptos, não porque queria acabar com a corrupção, pois entregava ao mesmo partido. Então, além de boa gestora, era faxineira. Mas continuou nomeando os mesmos ministros, loteando os 39 ministérios, como era uma péssima gestora. Mas se construiu a terceira versão, que, depois de gestora e faxineira, ela ia romper com seu criador, o Luiz Inácio Lula da Silva. A criatura não tinha vida própria, e criatura que não tem vida própria não rompe com o criador. Chegamos a 2014. Nunca na história do Brasil, usando uma expressão do criador dela, um presidente influenciou tanto no mandato do seu sucessor como ele. Certa vez, um político, ao ler um artigo que eu tinha escrito no Estadão, chamou-me de pessimista sobre a situação do Brasil. Ele sabia que era verdade, mas não podia admitir publicamente. Existem bons políticos também, e eles sabem que a situação é essa. Mas há um temor do enfrentamento, um relaxamento em relação à ética e à moral. Um político me disse outro dia que a dona do Banco Rural não podia ser condenada a uma pena tão severa por causa do Mensalão. Eu falei, ao contrário: a pena foi pouca. O Banco Rural estava envolvido no Escândalo Collor na década de 1990, e nada aconteceu. Agora, em 2014, temos fundamentalmente três candidatos, e não é clara a diferença entre eles. Sobre questões fundamentais, como política externa, a gente não sabe, porque eles não falam. Na reeleição, quem está no cargo leva vantagem, mas eu não sei o que defendem o Eduardo Campos e o Aécio Neves. Eu não sei

o que eles acham da política externa ou da política econômica. [Entrevista concedida antes da morte de Eduardo Campos, candidato à presidência da República pelo PSB, em um acidente de avião em agosto de 2014]

#### E por que não há esse debate?

O que me chama a atenção é a pobreza da imprensa brasileira contemporânea. Não só porque o jornal diminuiu de tamanho, mas porque a imprensa piorou muito, inclusive como espaço de discussão política. Os jornalistas têm uma formação muito precária, muitas vezes fazem perguntas absurdas para você e não sabem mesmo do que estão falando. E é um fenômeno brasileiro, não é mundial. Falar que tem poucos jornais por causa da internet não é verdade. Temos três jornais no País: O Estado de São Paulo, A Folha de São Paulo e O Globo. Temos também o Zero Hora no Rio Grande do Sul e, eventualmente, A Tarde, na Bahia. O Brasil tem 200 milhões de habitantes. No passado, nós tínhamos em São Paulo 14 jornais diários, aproximadamente, com uma tiragem enorme. Alguém pode argumentar que não havia televisão e internet, mas, em outros países, esses veículos existem e os jornais ainda têm popularidade muito grande. No caso do debate político, piorou muito, porque eu trabalho muitas vezes lendo os Anais Parlamentares, tento acompanhar os debates. Mesmo sob a vigência do AI-5, os debates no Senado tinham intensidade e coragem. Eu ligo a TV Senado hoje e durmo ou fico irritado com senadores semianalfabetos, incapazes e que não sabem o que dizem. A elite política brasileira piorou, como a intelectual, também. Hoje não temos intelectuais participantes da conjuntu-

ra. Se pegarmos os anos 1930, você tinha intelectual fazendo política.

#### Por que a política está tão separada da vida do brasileiro, sendo que não é possível fazer nada sem ela?

É uma pergunta que eu me faço também. Muitas vezes, fico estudando a história recente para tentar entender em que momento isso ocorreu. Será que foi em 1985? Com a redemocratização, o fracasso do Governo Sarney e a desmoralização da Nova República, a campanha de 1989, que era a grande esperança da época? Será que foi o impeachment? Eu não tenho uma resposta, porque não é só uma questão da pobreza do debate na gestão do PT. No governo Fernando Henrique, o debate foi muito pobre também, no momento da discussão sobre as privatizações, quando podia-se discutir questões mais profundas para o Estado brasileiro. Eu acho que o nó dessa questão está no momento da redemocratização, em 1985. Se fosse para escolher um momento, seria esse. Houve uma enorme esperança durante os anos do regime militar de que a plena democracia resolveria todos os problemas do Brasil. Por outro lado, desde então, os intelectuais foram paulatinamente se afastando da discussão política. Provavelmente, os últimos vinte anos sejam o momento da história do Brasil republicano em que os intelectuais tenham menos participado da política brasileira, e isso foi muito prejudicial. E os problemas que temos em relação à elite política são os mesmos em relação aos intelectuais. Que grande escritor brasileiro, hoje, tem menos de 50 anos? Qual é aquele grande escritor, o gênio? Simplesmente não há nenhum. A literatura brasileira vive um

momento ruim e medíocre. Em suma, o País emburreceu. O curioso é que o Brasil equilibrou sua economia a partir de 1994 e teve um crescimento pequeno – não pense que é crescimento grande, pois o período em que o Brasil mais cresceu, goste ou não, foi em 1968/1978, durante o regime militar. Então, o País cresceu recentemente, mas emburreceu e não tem mais uma elite intelectual e política. Porém, como não temos isso e temos empreendedores tão eficazes, que conseguem concorrer no mercado internacional? Há um descompasso entre os empreendedores das diversas áreas da economia brasileira e o espaço da política e da cultura. Hoje, eu simplesmente não conheço no mundo um país que tenha essa característica, porque os Estados Unidos e a Europa

## A LITERATURA BRASILEIRA VIVE UM MOMENTO RUIM E MEDÍOCRE. EM SUMA, O PAÍS EMBURRECEU

continuam tendo uma elite intelectual. A democracia é tensão. Onde não há tensão, há ditadura. Parece que as pessoas não gostam de tensão. É aquilo que o Dr. Ulysses dizia: quer um lugar silencioso, vá ao cemitério. Está todo mundo morto. É preciso uma visão estrutural para pensar o Brasil, ter um projeto nacional e saber o que seremos daqui a uma ou duas décadas. A gente sequer sabe o que seremos na semana que vem.



---

# EXIGIR QUE A PEQUENA EMPRESA EXPORTE É CRUELDADE

AS DIFICULDADES E A IMPORTÂNCIA DAS MICRO E PEQUENAS EMPRESAS SÃO TEMAS FREQUENTES. NO ENTANTO, AS POLÍTICAS PÚBLICAS NÃO AVANÇAM NA PROPORÇÃO DA RELEVÂNCIA DELAS PARA A ECONOMIA. PARA O PROFESSOR DA FACULDADE DE ECONOMIA DA USP E CONSULTOR DA FECOMERCIO-SP PARA ASSUNTOS RELACIONADOS À PEQUENA EMPRESA, PAULO ROBERTO FELDMANN, A LEGISLAÇÃO BRASILEIRA IMPÕE ENTRAVES AO SEGMENTO E FALTA DISCERNIMENTO SOBRE O TEMA AOS LEGISLADORES.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



### A realidade da micro e da pequena empresa mudou muito desde a década de 1990?

Infelizmente, os números mostram que a situação piorou. Há dez anos, as MPes respondiam por aproximadamente 26% do PIB brasileiro; hoje, a participação é de 20%. Em 2002, elas respondiam por 3% do total das exportações brasileiras; agora é 1%. O privilégio para as grandes companhias é uma omissão das políticas públicas. O poder delas é assustador. Nenhum país do mundo tem a situação que nós temos: 60 mil grandes empresas representam apenas 1% do total, mas geram 80% do PIB. Fizemos uma pesquisa e não encontramos isso em lugar nenhum do mundo, pois aqui as políticas públicas não favorecem. Não se pode exigir que a pequena empresa aumente sua participação na economia se não tiver ajuda. O problema é que, du-

outros países – como Alemanha, Itália e Inglaterra – e ver como são tratadas as MPes nesses lugares. Constatamos que o Brasil ainda está na Idade da Pedra.

### O lobby político das grandes companhias consegue mais atenção do governo?

Nossa legislação eleitoral é muito ruim e, felizmente, o Supremo Tribunal Federal está discutindo a questão das doações de campanha por parte de empresas. Na medida em que elas podem doar aos políticos, estes ficam devedores. As MPes mal têm como sobreviver ao dia seguinte e não têm dinheiro sobrando para doar. Isso é facilímo de constatar acessando dados oficiais, e o que vemos é que todas as doações de campanha de quem foi eleito nos últimos anos (para governador e para presidente) são feitas por empresas muito grandes. Se não for regulamentado, será um proble-

ma. Como a MPE nunca é doadora, também não recebe nada em troca. Se pegarmos, por exemplo, os países mais avançados em termos de políticas públicas para pequenas empresas – Alemanha, Itália, Suécia e Holanda –, não

pode haver doação de companhias para as campanhas eleitorais; só de pessoa física. Essa é a solução.

### Por que as MPes brasileiras não conseguem exportar se as de outros países conseguem chegar às nossas lojas?

Exigir que a pequena empresa brasileira exporte é crueldade. Um negócio de pequeno porte na Itália, por exemplo, faz parte de um consórcio de pequenos negócios que tem entre 100 e 150 empresas que, juntas, têm massa crítica e recebem

isenções fiscais importantes. Isso dá condições para criar uma estrutura organizacional destinada à exportação, e, inclusive, de registrar uma marca internacional. Exportar não é fácil. Você precisa de uma estrutura para fazer estudos de mercado no exterior, lançar marca e ir a feiras internacionais. A legislação italiana regula muito bem esses aspectos e, por isso, 43% das exportações daquele país vêm das empresas de pequeno porte. Se você analisar alguns setores, como móveis, a Itália é líder mundial em exportações e são todas pequenas empresas. A diferença em relação ao Brasil é que temos uma legislação cruel.

### O microempresário brasileiro estaria disposto a exportar se percebesse alguma facilidade e ganho econômico?

Claro, e temos levado isso às autoridades com frequência. A formação de consórcios é muito importante, não só por causa das exportações, mas por outras atividades – como o desenvolvimento de tecnologia. Se a empresa compuser um consórcio com várias outras, com incentivo fiscal para criar uma estrutura de pesquisa, elas serão inovadoras. Há cerca de dois anos, houve uma concorrência pública no Estado de São Paulo para compra de camisetas para escolas. Um grupo de pequenas empresas se juntou, criou um consórcio e venceu a licitação para fabricar milhões de camisetas. Venceu, mas foi impugnado por abuso de poder econômico. No Brasil, não pode haver associação de empresas, sendo ela pequena, média ou grande. Claro que esse foi um artifício usado pelo segundo colocado – que era uma grande empresa – para impugnar a licitação. Mas foi aceito. Esse é o problema: não temos legislação que proteja a pequena empresa.

## O PRIVILÉGIO PARA AS GRANDES COMPANHIAS É UMA OMISSÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS

rante muitos anos, principalmente na década de 1990, falava-se: “deixe o mercado resolver”. Esse era o lema, mas isso é bom apenas para a grande empresa.

### A autorregulação não funciona para as MPes?

Exatamente. Para a pequena empresa, a autorregulação é trágica porque ela não consegue avançar sem políticas públicas. O que fizemos no Conselho da Pequena Empresa da FecomercioSP nesses últimos anos foi buscar experiências de



**Onde está o problema maior? No governo, que deveria buscar equilíbrio, ou nessa briga do capitalismo, de poder econômico?**

Eu diria que é mais uma visão tacanha dos nossos governantes e legisladores, que não olham em longo prazo. Não quero citar nomes e partidos, mas, infelizmente, no Brasil, os nossos governantes, de maneira geral, só pensam na próxima eleição. Fazem coisas para vencer; e medidas

**Qual sua avaliação sobre o Simples Nacional?**

É muito questionável se a criação do Simples foi positiva ou não. Já foram arrecadados mais de R\$ 150 bilhões desde 2012, segundo dados da Receita Federal. No entanto, a participação da pequena empresa no PIB diminuiu nos últimos anos. O Simples tem uma contradição muito grande, porque atende a empresas que faturam até R\$ 3,6 milhões. Se faturar

um real a mais, já perde o benefício. Isso não gera estímulo para crescer. Além disso, gera preocupação se mudar de categoria. Então, é uma lei errada. Defendemos uma mudança: as

empresas que faturam acima de R\$ 3,6 milhões têm que continuar recebendo o benefício do Simples. O que ultrapassar esse montante entra em outro sistema de tributação, para não inibir o crescimento.

**Por que algumas medidas demoram tanto a ser aprovadas, mesmo com tantas evidências de que elas são benéficas?**

Infelizmente, ainda somos um país em desenvolvimento e temos carências educacionais sérias que acabam se refletindo na falta de preparo de muitas pessoas em cargos importantes. Elas não têm o embasamento e a formação para dar importância ao que é necessário. Muitas vezes, adotam-se medidas demagógicas porque são mais rápidas de aprovar, sem muita formulação e discussão, e que não são apropriadas. Só depois de alguns anos se constata o erro. É o caso do Simples. Quando foi criado, parecia uma maravilha e não foi percebida a falha. Agora, após muitos anos, está óbvio que o sistema é um entrave ao crescimento. É um desestímulo, porque ninguém quer

perder o Simples. Essas coisas não são muito evidentes quando o projeto de lei está sendo implementado, e não foram percebidas talvez por falta de preparo intelectual das pessoas que estavam estudando o assunto.

**Há alguma medida em vista para desburocratizar a vida das micro e pequenas empresas?**

A presidente Dilma pretende lançar neste ano um portal voltado à pequena empresa, que envolve vários ministérios e a Receita Federal, por meio do qual o empreendedor vai conseguir, se tudo funcionar, abrir uma empresa em uma semana. O ministro Afif Domingos coloca isso como a principal realização e acredita que até o fim do ano esse portal estará funcionando. Se ele realmente estiver certo, será uma grande medida de desburocratização. O site permitirá a abertura de empresas e vai integrar vários órgãos. Todo o trabalho que o empresário tem de percorrer inúmeras repartições vai ser resolvido no portal, com a aprovação de todos os pedidos em uma semana. Esperamos que isso realmente aconteça porque, hoje, para abrir uma empresa no Brasil se gasta, em média, 107 dias. Em outros países já existem sistemas similares.

**O tema pequena empresa será importante na campanha eleitoral?**

Eu espero que sim. A cada eleição esse assunto fica mais forte e é apresentado por um número cada vez maior de governantes. Na última eleição na cidade de São Paulo, por exemplo, a pauta teve forte apelo. Portanto, existe uma tendência de discutir políticas públicas para as pequenas empresas na próxima eleição.

## NOSSOS GOVERNANTES, DE MANEIRA GERAL, SÓ PENSAM NA PRÓXIMA ELEIÇÃO

de longo prazo que mudem a situação institucional do País, em geral, não são levadas à frente. Por que até hoje não conseguimos resolver a nossa situação educacional? Porque a educação é uma coisa de longo prazo. Também existe a questão da contribuição eleitoral já citada.

**Qual é a realidade da micro e pequena empresa brasileira atualmente? Há algum avanço no horizonte?**

Não dá para ser otimista, porque não vemos grandes mudanças. Claro que a criação da Secretaria da Micro e Pequena Empresa foi uma medida muito importante, e o ministro Guilherme Afif Domingos tem dado mostras de que sabe quais as medidas necessárias. Mas a vida dele não é fácil, pois tem que vencer a Receita Federal, por exemplo, de algumas isenções para a pequena empresa. Felizmente, não é apenas a FecomercioSP que está brigando. Há muitas entidades que também insistem nas várias instâncias de governo para que se adotem medidas de proteção.

---

# O BRASIL TEM LEIS QUE PEGAM; OUTRAS, NÃO

A POLÍTICA NACIONAL DE RESÍDUOS SÓLIDOS AUMENTA A RESPONSABILIDADE DAS EMPRESAS, QUE FICAM OBRIGADAS A IMPLANTAR A LOGÍSTICA REVERSA DOS PRODUTOS QUE FABRICAM OU COMERCIALIZAM. PARA O FÍSICO DA USP E PRESIDENTE DO CONSELHO DE SUSTENTABILIDADE DA FECOMERCIO-SP, JOSÉ GOLDEMBERG, APESAR DE A LEGISLAÇÃO SER POSITIVA, AINDA É PRECISO SABER QUANTO O GOVERNO TERÁ DE INTERVIR E PUNIR EMPRESAS PARA FORÇAR A IMPLEMENTAÇÃO E COMO RESOLVER O DILEMA DE PRODUTOS CUJA RECICLAGEM NÃO TEM VIABILIDADE ECONÔMICA.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



#### **O brasileiro se importa com a destinação do lixo?**

Só aqueles que vivem perto de onde o lixo é depositado. Para a grande maioria das pessoas, o lixo é removido por alguém e, portanto, não há preocupação quanto ao destino, que são os córregos ou os aterros sanitários mal construídos, que acabam prejudicando a vida de quem mora perto. É como o saneamento básico, desde que se tire o esgoto da frente de casa, as pessoas não se preocupam com a segunda fase, que é o tratamento.

#### **O País está preparado para a Política Nacional de Resíduos Sólidos?**

A lógica da lei é muito boa. Com a Logística Reversa, uma boa parte do lixo que acabaria nos lixões, nos córregos ou nos terrenos baldios será tratada de maneira industrial quando retornar ao fornecedor. Isso deve reduzir a carga que vai para os lixões ou para os aterros, mas o problema é se a lei vai pegar ou não. O Brasil tem leis que pegam; outras não.

#### **O que é necessário para esta lei pegar?**

O caminho utilizado pelos governos estaduais e federal é promover acordos setoriais com os fabricantes. Exemplo no qual a FecomercioSP teve um papel importante é o dos celulares, que constituem um problema sério. Existem mais

aplicativos. Enfim, é um problema cultural. Como existem quatro ou cinco empresas envolvidas, elas fecharam acordo para receber de volta os telefones velhos. A reciclagem dos telefones celulares é atraente, pois é rentável, mas não é assim em todos os segmentos. O problema é como resolver a questão da Logística Reversa quando o produto recolhido não tem valor comercial.

#### **Mas como fazer isso com produtos maiores, que não são fáceis de transportar, como geladeiras? O consumidor vai pagar por isso no ato da compra?**

O Ministério do Meio Ambiente está tentando resolver esse problema. A solução, ao que tudo indica, levará a um pequeno adicional no preço do produto. O dinheiro extra será utilizado para organizar uma nova empresa, que será responsável por recolher o produto e dar uma destinação adequada a ele. Por exemplo, quando a pessoa compra uma geladeira que custa mil reais, ela não vai mais pagar mil reais, paga mil e dez. Esses dez reais vão para um fundo, que vai ser utilizado para organizar uma companhia, uma nova empresa que será responsável por recolher as geladeiras e dar uma destinação adequada para elas. Se puder reciclar, tudo bem. Caso contrário, terá que ser disposto adequadamente em aterros

sanitários. Cada setor criará uma empresa para se encarregar do problema e, então, se encarregará da questão, porque senão não há solução. Atualmente, se você comprar uma ge-

ladeira, deixa a velha em um canto; e se quiser se livrar da velha, tem que alugar um carro, que custa muito mais que dez reais. Então, quando você achar que

a sua geladeira velha não tem mais uso, você telefona e eles vêm buscar. Seria assim que funcionaria de maneira ideal. Não é um caminho de duas mãos. No caso de telefones celulares, as empresas colocaram em todas as lojas uma caixa onde você deposita o aparelho velho e toma as suas providências para desativar o número e para proteger os seus dados. Mas você faz isso se quiser.

#### **De qualquer maneira, a população precisa cooperar...**

Sim, a população precisa cooperar e, quando devidamente esclarecida, ela colabora. Porém, é preciso criar esses mecanismos que ajudem a população. Com a coleta seletiva, por exemplo, não está funcionando. Há vários prédios de apartamentos em São Paulo que fazem a coleta seletiva, mas, quando passam os caminhões da prefeitura, mistura-se tudo outra vez. Ou seja, todo trabalho é perdido. Cria-se um problema de credibilidade, que precisa ser recuperada, com campanhas de televisão, por exemplo. É preciso fazer uma campanha de terror sobre o lixo, que não é mentirosa, é realista. Porém, precisamos ver medidas efetivas, como caminhões específicos para coleta seletiva nas ruas. Vê-lo passando na frente de sua casa seria um veículo de publicidade importante. Eu sei disso porque nos Estados Unidos é assim e você logo entra no sistema.

#### **Como conscientizar a população sobre as consequências de suas ações?**

Provavelmente, boa parte da população vai ignorar, mas uma campanha de conscientização é necessária. Um exemplo, que talvez seja mais dramático, são os remédios, que sempre sobram ou acabam passando da validade. E as pessoas

## **É PRECISO FAZER UMA CAMPANHA DE TERROR SOBRE O LIXO**

de 200 milhões de celulares no País e cerca de 10% deles são jogados fora todos os anos, pois as pessoas trocam de aparelho porque a cor muda ou porque tem mais



jogam no lixo ou na rede de esgoto. Tudo acaba nos rios e mata os peixes. Um dos acordos setoriais em discussão é exatamente o que fazer com os remédios. As farmácias têm dificuldade para recebê-los de volta porque gera mais trabalho para eles e custa dinheiro. Tem de ter uma pessoa lá que os receba, ou uma caixa especial de depósito. Mas, uma vez entregues na farmácia, os remédios podem ser recolhidos pelos fabricantes, que têm interesse nessa devolução – seja por valor econômico, seja por marketing, pois ninguém quer ser acusado de envenenar os peixes. Não deixa de ser um valor econômico também, porque, senão, a qualquer hora, vão começar a acusar os laboratórios de estar envenenando os peixes na Represa Billings.

**No caso do comércio, pode haver custos e quais seriam as vantagens?**

O caso que eu conheço melhor é o dos remédios. Tivemos reuniões com representantes do setor na FecomercioSP e o argumento é que as farmácias pequenas teriam um custo para manutenção desse material devolvido em um lugar específico, além do custo referente ao tempo dos funcionários para cuidar disso. Há experiências em Portugal que mostram que há custo. Houve até um cálculo que apontou o valor de R\$ 300 por mês para as farmácias de pequeno porte, e isso é significativo. Então, elas provavelmente não vão querer, mas o Poder Público vai acabar forçando. No Estado de São Paulo, a Secretaria do Meio Ambiente tem poder legal para multar, interditar ou tomar providências. Por enquanto, o governo não está usando as armas pesadas e está encorajando acordos setoriais, por meio dos quais as próprias empresas se organizam com um pequeno aumento de preço.

**Existe oportunidade para novos negócios?**

Ainda falta identificar oportunidades de reciclagem que deem dinheiro. O setor tem sido negligenciado, mas é possível obter lucro com reciclagem. Há um problema logístico, mas a informação que se tem é que as empresas que reciclam pneus, por exemplo, são economicamente viáveis. A questão dos telefones, aparentemente, está resolvida e a dos medicamentos está andando. Ou seja, as pessoas vão descobrindo maneiras. Mas, quando a coleta seletiva for introduzida, teremos outro problema, diferente da Logística Reversa, que é separar o lixo que pode ser reciclado. O trabalho de catar e separar o lixo, que pode ou não ser reciclado, não é rentável. Por isso, o Poder Público terá de alugar um galpão e ensinar os catadores a fazer isso.

**O que fazer com o lixo orgânico?**

Ele é uma excelente fonte de energia. A Europa queima o lixo orgânico para produzir calor ou eletricidade. Isso está chegando ao Brasil e já existem prefeituras estudando a possibilidade de usar sobras de alimentos. Cerca de metade do lixo que sai da casa dos brasileiros é de material orgânico. É como uma fonte de petróleo. Economicamente, ainda não faz sentido e precisaria de subsídio. Na Europa, as prefeituras já subsidiam para se livrar da necessidade de construir aterros sanitários.

**É possível medir o valor econômico para saber se vale a pena resolver o problema na origem?**

Há estudos concretos demonstrando que a conta não fecha, mas ela quase fecha. Prefeituras ricas, como as de São Bernardo do Campo ou de Barueri, inves-

tem para se livrar de um problema de saúde pública. A Baixada Santista, por exemplo, sofre na época do verão com aumento do turismo e do lixo produzido. A região não tem aterro sanitário, apesar de possuir muitos lixões clandestinos. Mas, por isso, tem de transportar o lixo para o alto da serra. Isso tem um custo e, quando você calcula tudo isso, fica próximo de fazer sentido econômico.

**Como será a implantação da legislação? E o senhor acha que poderemos ter o lixo entrando em pauta nas próximas eleições?**

À medida que os prazos vão se esgotando, deve haver multas. Quando elas começarem, os setores que estão resistindo vão se adaptar. A FecomercioSP está desempenhando um papel interessante para promover a convergência. Mas não há nada que funcione tão bem quanto ameaçar interditar uma empresa. A multa não funciona muito bem, pois as pessoas entram com recurso judicial e adiam a cobrança. Como teremos eleições neste ano, acho que o assunto pode entrar em

## É POSSÍVEL OBTER LUCRO COM RECICLAGEM

pauta, porque um dos dispositivos da lei proíbe os lixões. Quer dizer, não poderá ter mais, apenas aterros sanitários sofisticados. Agora, imagine às vésperas de eleições os jornais mostrando uma fotografia de um lixão clandestino lá no Guarujá? [Entrevista concedida em 2014, data-limite estabelecida pela Política Nacional de Resíduos Sólidos para o fim dos lixões, entre outras metas.]



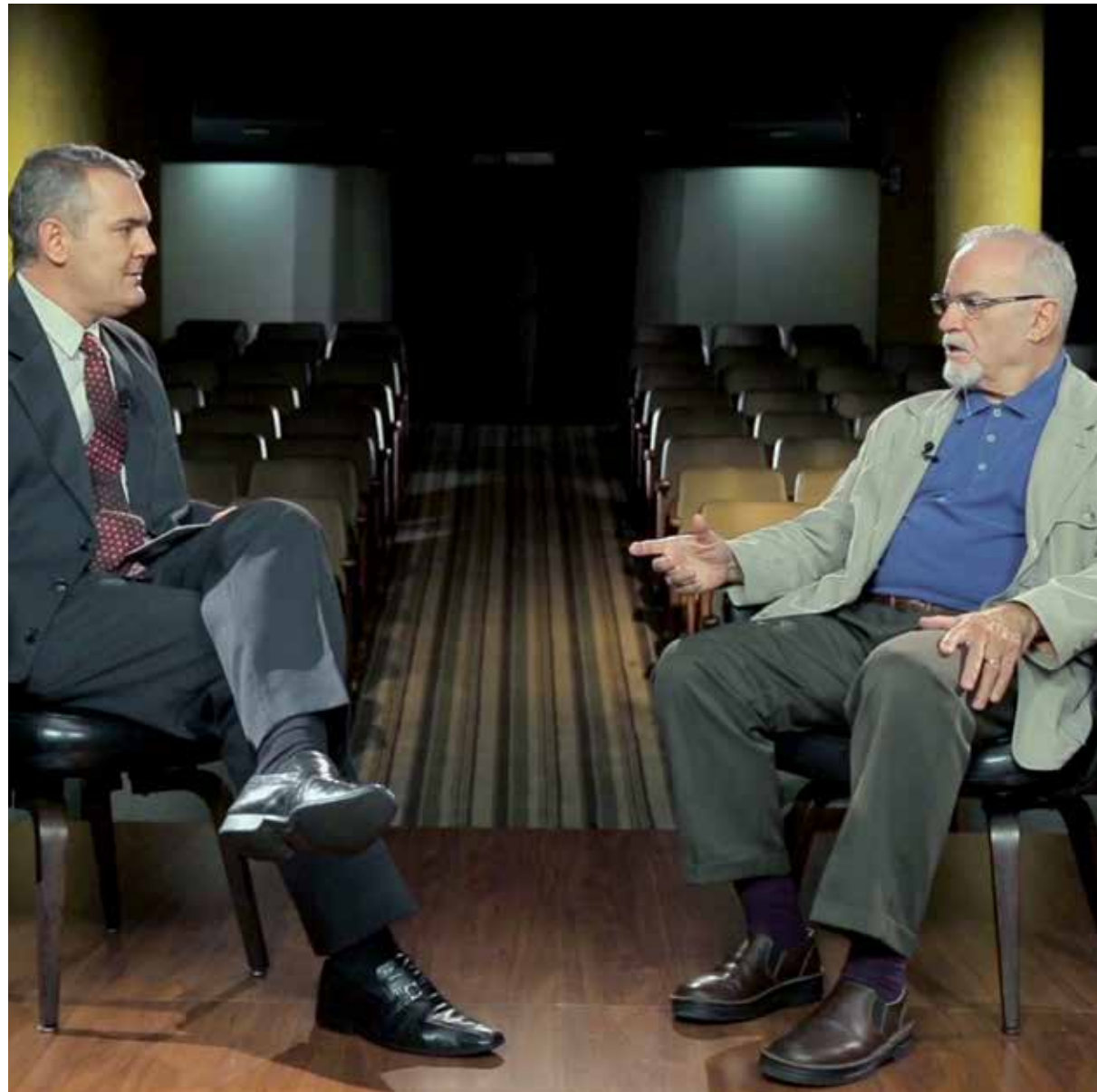
---

# SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA EM ANÁLISE

DESDE O HISTÓRICO MÊS DE JUNHO DE 2013, QUANDO A POPULAÇÃO FOI ÀS RUAS PARA REIVINDICAR UM PAÍS MELHOR, EXISTE UM SENSO DE URGÊNCIA POR MUDANÇAS E PELA GARANTIA DE DIREITOS. AS REIVINDICAÇÕES TAMBÉM LEVANTAM A QUESTÃO DOS DEVERES DE CADA INDIVÍDUO PARA ATINGIR ESSA CIDADANIA PLENA E CONTRIBUIR PARA UMA SOCIEDADE MAIS IGUALITÁRIA. PARA ENTENDER MELHOR A PERCEPÇÃO ENTRE DIREITOS E DEVERES NO BRASIL, O ANTROPÓLOGO ROBERTO DAMATTA EXPLICA AS PARTICULARIDADES DO TECIDO SOCIAL BRASILEIRO E OS DESAFIOS PARA AVANÇARMOS EM CIDADANIA, COM TODAS AS COMPLEXIDADES DAS RELAÇÕES COM O ESTADO E OS VÍCIOS ALIMENTADOS AO LONGO DE SÉCULOS, QUE FAZEM DO BRASIL UMA SOCIEDADE DESIGUAL E RESISTENTE A MUDANÇAS.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



**O senhor considera que, hoje, dever e direito têm pesos diferentes na concepção do brasileiro, na relação dele com o País e com a sociedade?**

Estamos começando a descobrir, sobretudo depois das manifestações de junho de 2013, que todo direito implica um dever. E todo dever, eventualmente, se constitui em um direito. Não estou falando de coisas contratuais, que precisam ser escritas e registradas em cartório. Eu chamo isso de um surto de igualitarismo. Existe uma demanda da sociedade em relação a uma coisa muito óbvia: o Estado tem um dever para com a sociedade que o sustenta. Ninguém aguenta mais olhar o noticiário e ver que o salário de servente de cafezinho na Câmara é maior do que o do professor. Há uma espécie de descoberta de que,

paga imposto e daquele brasileiro que está na condição de governante para com os demais. Havia uma percepção de que ir à rua se manifestar no coletivo era mais fácil do que mudar a forma como cada um fazia no dia a dia. Então, o que as pessoas mudaram para mudar o País? Elas pararam de parar o carro em fila dupla, de jogar lixo no chão, de subornar o guarda, porque não quer pagar uma multa, ou de inventar uma história para poder entrar com recurso de multa? Ou seja, não dá para reclamar ou reivindicar do Estado se você, no seu dia a dia, não faz isso. As pessoas mudaram a sua forma de viver em comunidade?

Essa pergunta levaria a uma pesquisa extremamente interessante, para mostrar, a partir daqueles eventos, se cada um vai procurar desempenhar o seu papel público, ou os papéis que levam essa pessoa ao mundo público. Mas essa pergunta, em geral, pega as pessoas desprevenidas. Quando você personaliza o

que você está fazendo, em geral as pessoas ficam meio desarmadas.

**Dá um certo protagonismo e até um certo charme ir reclamar contra o Estado, que tem suas culpas e são várias, inclusive, mas não se faz uma mudança se não se mudar o indivíduo. Acho que isso é muito pródigo na ciência social, não é? E aí a pergunta é: o que você mudou?**

Sem dúvida. Eu diria que no caso brasileiro é muito importante que se faça um inventário dos papéis sociais que desempenhamos, porque nós atuamos. Em uma peça do Shakespeare, ele diz: "O mundo é um palco, nós todos somos atores nesse palco". É o que eu chamo de "axioma de Shakespeare". Eu acrescento,

como sociólogo: nós não fizemos a peça. Você não inventou o Brasil, nem eu. Nós nascemos e não escolhemos entrar nem na família em que estamos. Por isso, os mais velhos têm mais responsabilidade, sobretudo aqueles que trabalham com opinião pública. É difícil querer mudar em uma sociedade que nunca se pensou através das responsabilidades individuais, que sofre dessa "Estadomania", "Estadolatria" e "Estadopatia", que, aliás, são males latino-americanos. Não queremos mudar e recusamos a discussão da mudança na sociedade. Desejamos um Estado que mude para nós aquilo que é desagradável. Quando você vê uma pessoa jogando lixo no chão, você não reclama com ela. Você critica a falta da fiscalização que deveria estar ali para reprimir.

**É verdade. Espera-se que alguém vá corrigir, e não que a pessoa não jogue o lixo.**

A nossa reclamação é essa: devia ter uma lei que impedisse. Existem leis contra cigarro, celular em teatro e cinema. Até os atores, antes de começar as suas peças, falam. Mas aparece o celular, e aí o que você faz? A única maneira de internalizar nas pessoas as regras que levariam a uma sociedade mais igualitária é justamente mostrando que elas desempenham papéis sociais. Querendo ou não, as pessoas são importantes porque frequentam e constroem os espaços públicos. Portanto, elas são também parte de uma moralidade, que é a coletiva. Construir um espaço público é contribuir para a moralidade de um lugar e para o bem-estar de todo mundo que frequenta aquele espaço público. Mas a gente não acredita na mudança e achamos que há muita coisa que não muda nunca. Temos inclusive uma percepção de que a lei é um obstáculo. Como se pode mudar isso? Primeiro,

## TEMOS A PERCEPÇÃO DE QUE A LEI É UM OBSTÁCULO

juntos, é possível atuarmos de maneira mais profunda, eficaz, clara, visível e bombástica. Outro dia vi um cartaz onde se lia "Estamos mudando o Brasil, não se assustem". Realmente há uma mudança na reivindicação dos direitos ao Estado. Ao pedir seus direitos ao Estado e começar a cobrar os deveres dele, também está implicitamente cobrando a sociedade, que já faz muito. A sociedade faz um bocado, porque a gente paga imposto que não acaba mais.

**Quando as manifestações ocorreram, a principal pergunta que se tinha é se aquilo iria resultar numa mudança conceitual da sociedade brasileira, da relação dela com o Estado, do cidadão que**

politizando o problema e o discutindo. Todas as mudanças que ocorrem no espaço humano, que é bastante complexo, requerem uma problematização, é preciso admitir a mudança. É como uma pessoa admitindo que seja alcoólatra – que é o primeiro passo para ela deixar de ser. Mas, se você acreditar que o Brasil não muda, estará de fato fazendo uma mudança terrível, contribuindo para que o País não mude mesmo. É como falar “Não estou fazendo nada”.

**Os brasileiros têm problema de fazer o mea culpa, independentemente de ser o presidente da república, o governador, o deputado ou o eleitor? Há um problema de se perceber o errado para se corrigir?**

Nós somos o país da vergonha, não da culpa, isso já vem sendo discutido há cinquenta anos. Antropólogos americanos fizeram uma correlação e afirmaram que as sociedades de culpa são mais igualitárias e individualistas. As pessoas têm mais consciência da sua autonomia individual. Logo, quando erram, mesmo que ninguém saiba, confessam. Isso acontece no velho Calvinismo, que colonizou parte da Europa e construiu parte da ideologia e da cultura dos Estados Unidos. Nós somos católicos, então, temos vergonha e confessamos para um padre, que não pode contar para ninguém a nossa confissão. Quando alguém é pego, recorre à mentira, como estamos fartos, cansados de saber. É o cara de pau que não admite a culpa.

**O cenário político tem sido pródigo nisso.**

Para você ser um bom político, tem que ser esse sujeito, que só vai considerar alguma vergonha se for pego. Nós falamos “Que vergonha! A pessoa em que acreditávamos querer mudar o Brasil é

um mero ladrãozinho”. Porém, a gente esquece isso na próxima eleição. Essa é outra discussão, que tem uma profundidade imensa, o que é a coisa pública no Brasil.

**É o de ninguém?**

Sim, é o de ninguém.

**O brasileiro se reconhece como sociedade?**

A ideia de povo não inclui todo mundo no Brasil. Quando se fala do povo, o brasileiro está falando das pessoas carentes, que é outra coisa a ser discutida e reformulada, porque todos nós somos o povo. Todos nós somos pessoas comuns, mesmo as que ocupam cargos de responsabilidade e são ricas. Temos obrigações coletivas que são inadiáveis e inexoráveis para com a nossa coletividade e somente agora, no século 21, estamos descobrindo isso. Não se pode jogar o lixo onde quiser. Você não pode, ao ir a um jogo de futebol, tomar uma bebida e jogar a garrafa onde achar melhor. Em casa, você podia fazer isso porque a mãe pegava a garrafa ou o empregado. Se você vai à praia e faz um piquenique, você pega o seu lixo e o leva para uma lixeira. É simples, assim como você

tem obrigação de cuidar do seu próprio bem-estar e da aparência. É um respeito que estou mostrando para mim mesmo e para a relação que eu tenho com os outros. Eu escrevi um artigo sobre isso outro dia e recebi uma resposta arrevesadíssima, que eu tinha escrito um artigo burguês. Não estou vendo onde que está o rótulo aí de burguês. Mas esse tipo de consciência igualitária está começando a surgir de uma maneira muito epidêmica no Brasil, ou, para usar a

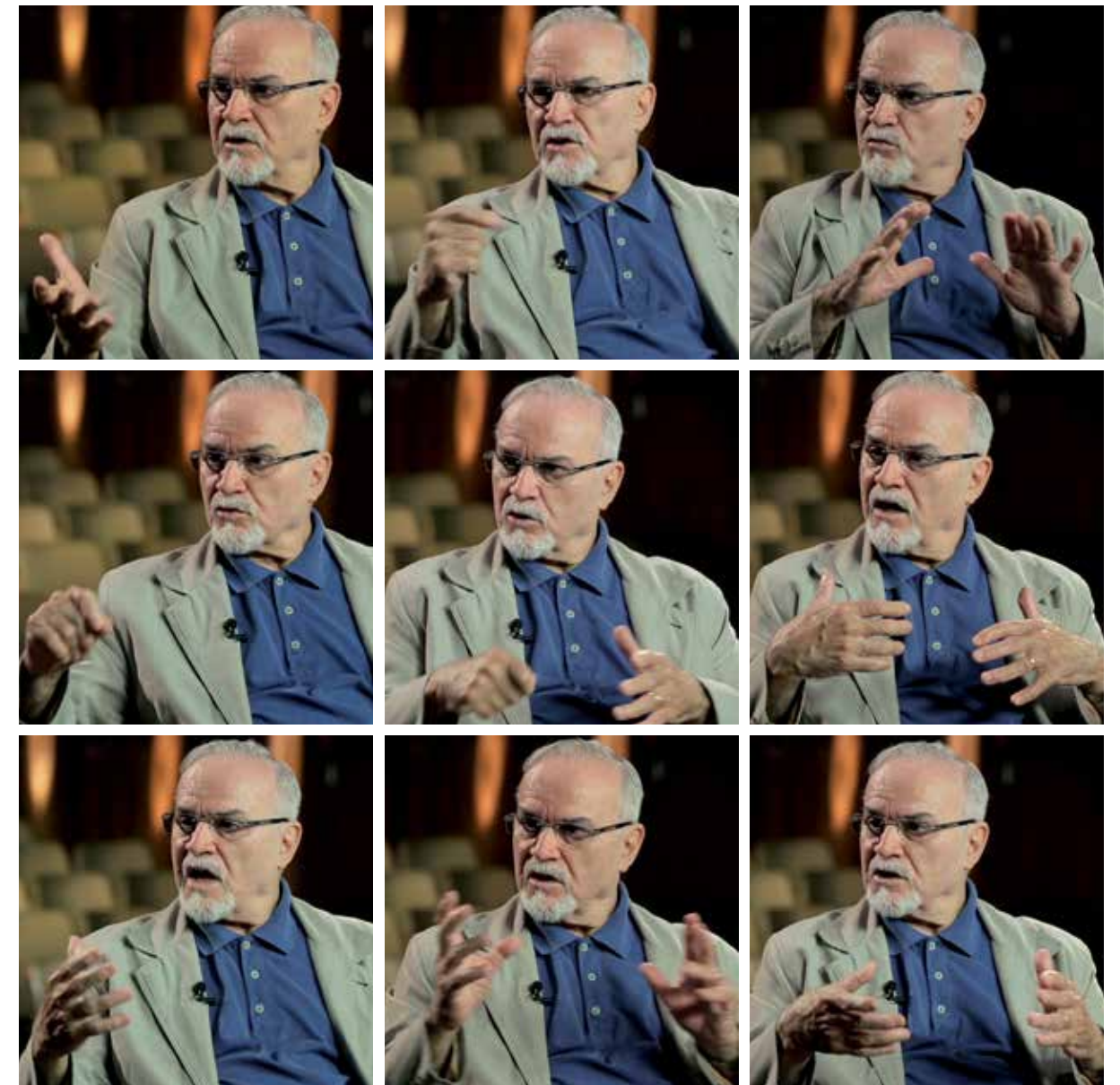
palavra certa: contagiante. Por isso, surge um surto de igualitarismo que pode ser percebido em várias áreas, com as pessoas se sentindo mais incomodadas com a falta de serviços públicos básicos. No fundo, nosso problema é muito mais de igualdade do que de desigualdade. As situações que mais nos constroem não são as situações nas quais você sabe quem é o superior ou quem é o inferior. São aquelas nas quais todos são iguais e têm que obedecer.

**A igualdade constrange a sociedade brasileira?**

Sim. O cidadão brasileiro fica muito mais ansioso e nervoso – e muito mais pronto a argumentar ou a espernear – em situações de igualitarismo, esperando, por exemplo, na fila do restaurante. É quando se diz: poxa, eu vou esperar meia hora? Eu sou fulano de tal, não vou ficar esperando. Aí vem a resposta: se o senhor quer comer no meu restaurante, o senhor precisa entrar na fila. Tem que ter uma fila. A fila ainda é um pro-

## A IDEIA DE POVO NÃO INCLUI TODO MUNDO NO BRASIL

blema para nós. Utilizando um termo de Claude Lévi-Strauss (antropólogo e filósofo francês, considerado fundador da antropologia estruturalista), eu diria que a fila é a “estrutura elementar” da democracia, onde quem chega primeiro é atendido e servido. Quem chega por último fica por último. Essa regra, nem preciso dizer, não é cumprida no Brasil, porque as pessoas mais “importantes” são exatamente aquelas que chegam por último.





#### Qual sua opinião sobre o brasileiro?

Eu diria com toda a sinceridade que é uma pergunta impossível de ser respondida; primeiro, porque é muito difícil definir o que você é. Usamos a palavra Brasil para definir dois objetos bastante diferentes. Um como sociedade e cultura, com sistema de valores e atitudes, e outro como Estado nacional e País. Provavelmente, a maioria das pessoas responde à pergunta “o que você gosta-

são reações anti-igualitárias. Esse tipo de bússola que usamos para nos orientar quando estamos diante de desconhecidos mede quem está em cima e embaixo, diferente de uma sociedade moderna democrática liberal que foi inventada na Inglaterra. É mais difícil para nós olharmos para o lado, sem ficar nervoso, e achar que o vizinho deve ter roubado, porque comprou um carro novo e você, não. Existem também as tensões daquilo

que você é coagido a fazer, como, por exemplo, pagar o Imposto de Renda ou ser parado por um policial para conferir se está alcoolizado. Mas temos também as tensões verticais

## NOSSA ELITE SE DIFERENCIOU DE PORTUGAL FAZENDO PIADA DE PORTUGUÊS

ria que melhorasse no Brasil” pensando nesse último. Eu gostaria que as desigualdades diminuíssem, que fôssemos tão ricos quanto os Estados Unidos ou tivéssemos tantos museus quanto a França. Mas, olhando do ponto de vista da cultura, sociedade e conjunto de valores, eu diria que não tem que mudar nada. Eu vou mudar o quê? O Carnaval? Seria uma resposta absolutamente surpreendente, porque estou falando de coisas que têm a ver com nossos valores.

#### A sociedade identifica o povo às classes mais baixas. Por que essa distinção?

O dilema brasileiro é essa intercessão no modo de ler o Brasil verticalmente, entre superiores e inferiores. Quem quer ser comum em uma sociedade aristocrática, se a bússola de navegação social – eu gosto de usar essa expressão, pois a gente navega socialmente – é querer ser barão? Ninguém quer ser um João Ninguém. Essa oposição entre alguém e ninguém é o que gerou o “você sabe com quem está falando” e o “jeitinho”, que

no trânsito e dentro do shopping. Outro dia foi difundida a fotografia de um senhor que estava de bermuda, sandália de dedo e camiseta em um aeroporto e colocaram na internet comentando “aeroporto-rodoviária”. Foi uma professora que fez isso, e são coisas que a gente faz sem saber. Mas veja a sensibilidade para os detalhes que temos embutido dentro dessa cultura, que é uma cultura aristocrática. Ser comum é ser inferior. Convinhamos que, em uma sociedade desse tipo, falar em democracia igualitária é difícil. Nas sociedades aristocráticas, as pessoas não eram iguais perante a lei: um padre era julgado pelas leis da Igreja; um nobre, pelas leis da nobreza; e, se fosse da plebe, era julgado pelas leis da plebe. Havia vários sistemas legais que conviviam e que, de certo modo, sobrevivem no Brasil.

**Se uma sociedade é baseada nessas amizades, nas quais os amigos podem tudo, é possível avaliar se ela é mais ou menos desenvolvida?**

Se você tiver uma visão distanciada do Brasil, que eu, como profissional de antropologia, tenho, pode dizer que o julgamento não cabe, porque tem vantagens e desvantagens. Tanto é que temos vantagens de sairmos da monarquia para a república sem guerra. A questão da saída do domínio português é mais complicada, porque quem fez a independência do Brasil foi um príncipe português. Então, a nossa elite se diferenciou de Portugal fazendo piada de portugueses. Mas, na realidade, não criamos uma cultura republicana revolucionária, como os americanos fizeram. O Pedro I, filho de Dom João VI, proclamou a Independência do Brasil e depois empossou o Dom Pedro II. Mas nós transitamos da monarquia para a república e do trabalho escravo para o trabalho livre também sem guerras. Nos Estados Unidos, teve uma guerra civil por causa da escravidão, e nós demoramos 60 anos para acabar com ela. E transitamos de uma elite política burguesa de direita para uma elite política esquerdista com o Lula sem revolução, ninguém foi para o paredão. Tivemos um regime militar horrível, mas fizemos todas essas transições. A nossa saída do regime autoritário, tanto do Getúlio Vargas quanto do regime militar, foi feita gradualmente.

#### E fez mal para o Brasil não ter essas guerras?

Eu tenho visto historiadores falando que tem que ter violência. A Europa é o continente que nesse planeta teve mais guerras, mudou mais as suas fronteiras, inventou a guerra e suas regras. Você inventar as regras para guerras, para que a desumanidade seja palatável, é um absurdo em termos humanos. Olhando para a história desses países que inven-

taram um mito da revolução, a mudança é feita por transformações profundas, rápidas e intensas. Esse mito, obviamente, no caso brasileiro, é complexo de ser aplicado. Muita gente tentou fazer revolução, mas somos educados para não reclamar. Eu aprendi com meus pais, e depois na escola, que o aluno que reclama muito é o chato clássico.

**Por que demorou tanto para as domésticas terem seus direitos reconhecidos, quando isso deveria ser normal?**

Isso causa uma polêmica sem fim, do mesmo modo que as cotas para negros em universidades. Eu tenho amigos que são favoráveis a uma legislação trabalhista justa para as empregadas domésticas e são contra as cotas. E tenho amigos que são favoráveis às cotas e são contra a discussão do trabalho doméstico. Eles dizem que o trabalho doméstico é incomensurável, porque ter uma babá é como casar com uma mulher. E você sabe que o brasileiro não se divorcia. Ele corta alguns laços, mas continua por causa do filho. A família, uma vez constituída, não é como uma família americana que, depois de dezoito anos, o pai diz para o filho ir se cuidar sozinho. Não existe isso, porque alguém tem que tomar conta de mim, ou uma empregada ou a minha mulher, porque as mulheres fazem muito esse papel. E nós aprendemos com as nossas mães a sermos absolutamente inúteis. Esse é um trabalho que as mulheres brasileiras têm feito no Brasil, geração após geração. O regime das casas brasileiras é o matriarcado direto. Então, como você vai analisar o trabalho de uma pessoa que está prestando serviços domésticos, que é muito diferenciado dos de um operário? Alguém que vai tomar conta do meu filho... Não estou di-

zendo a minha posição, só estou falando que são zonas nas quais as intercessões entre o personalismo que caracteriza a sociedade aristocrática e o individualismo que caracteriza a sociedade republicana e igualitária não se encaixam muito bem. Todas as situações competitivas no Brasil são complicadas. Todo mundo acha que meritocracia é muito complicada. Como é que se promove uma pessoa, como você distingue uma pessoa das outras? A sociedade moderna se caracteriza pela disputa, pelo conflito que leva à inovação, a um eventual progresso, e nós gostamos disso até certo ponto.

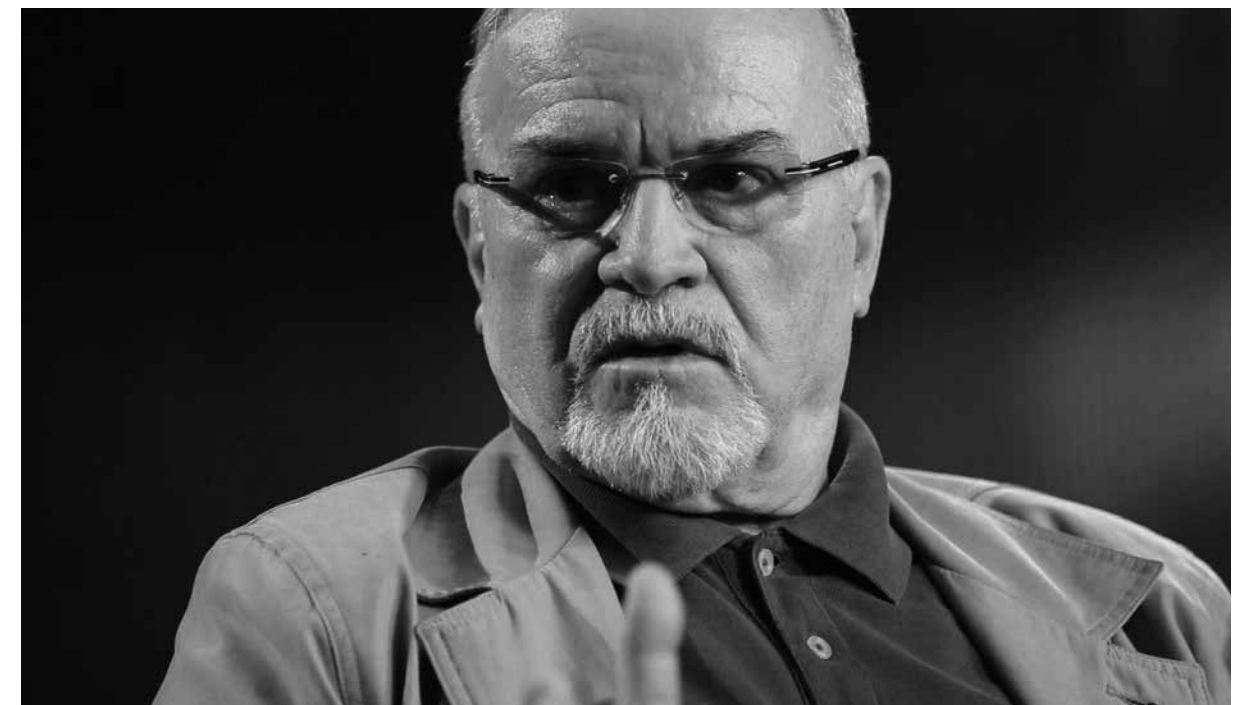
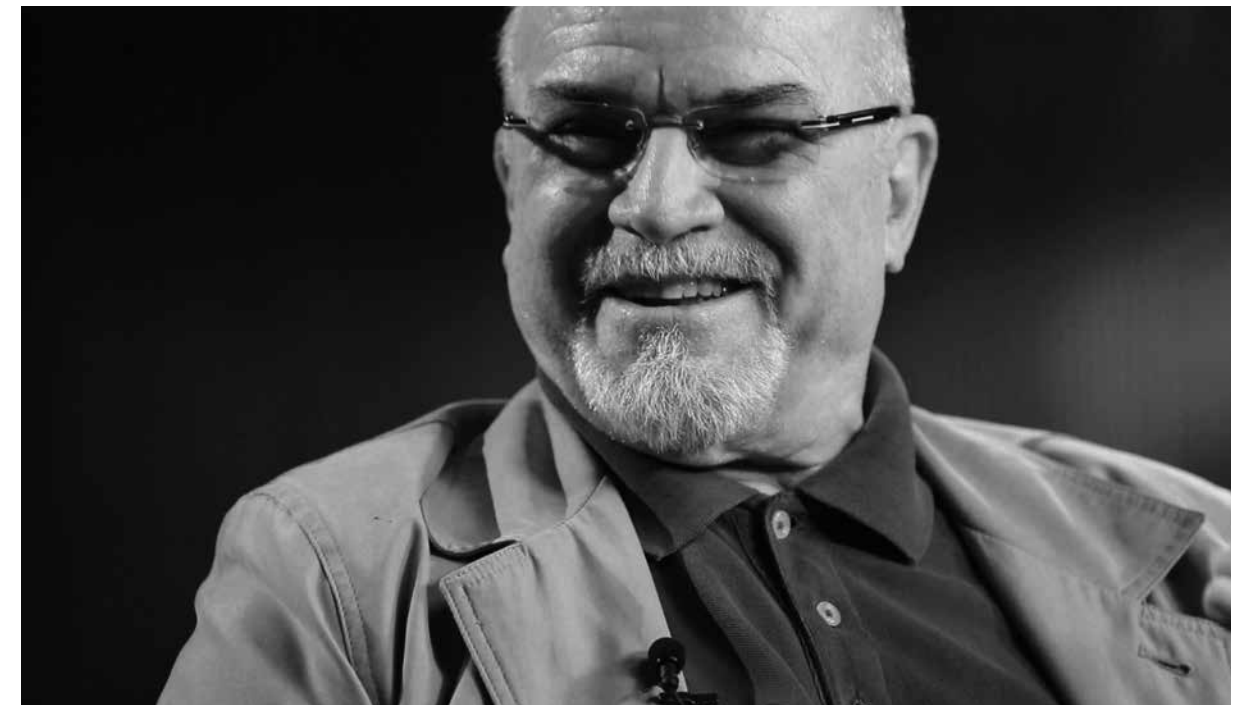
**O senhor citou a questão das cotas nas universidades. Não seria mais fácil melhorar a educação básica?**

A primeira dificuldade é que o ouvinte concorde com seu diagnóstico. Em vez de remeter à escola primária, você teria que analisar o plano do político. Os seres humanos, em geral, também se recusam a discutir aquilo que não está na consciência. Quando eu sou um negro em um teatro ou em um restaurante de luxo em São Paulo, demoram mais tempo para me servir, e é evidente que não sou remetido à minha falta de boa escola primária. Eu sou remetido a um problema de direitos igualitários sendo negados. O preconceito racial abrange toda uma educação sentimental, por isso, a escola primária é um ponto fundamental para discutir. Outra discussão fundamental é essa problemática de uma sociedade hierárquica, na qual ninguém se preocupa com o outro. É uma engrenagem muito complicada. Agora, você não deve jogar o sistema todo fora, porque os franceses

sempre tiveram um antissemitismo violento, e os americanos tiveram segregação. A Alemanha inventou o Hitler, e eles saíram da situação hoje. Para sair desses dilemas, é preciso fazer um trabalho nas escolas, nas empresas e entre as pessoas que tenham os meios de promover mudanças através de discussões. Eu não sei a solução, mas sei que a educação básica deveria ser federal, porém é municipal. E os municípios brasileiros são aqueles que, provavelmente, são os mais injustiçados na redistribuição dos impostos, tanto que, nos mais pobres, é difícil você encontrar uma boa estrutura e professores. Deveria haver uma campanha para que as universidades ficassem por conta dos Estados e municípios, e o ensino básico seria uma responsabilidade do Governo Federal. Ai, sim, você pagaria todas as dívidas históricas, com escolas exemplares, como se vê nos Estados Unidos. Você pode estar em uma cidadezinha pequenina, mas as escolas são bem construídas e gratuitas para todos. Claro

## APRENDEMOS COM NOSSAS MÃES A SERMOS ABSOLUTAMENTE INÚTEIS

que hoje existem processos de gentrificação, como eles chamam, porque tem uma concentração de renda no país. Mas isso é um sistema que foi inventado na Prússia. Aliás, Lutero inventou, porque queria proteger todos os protestantes do Satanás e, para isso, todo mundo tinha que ler a Bíblia e ter boas escolas, coisa que nós jamais nos preocupamos, porque somos uma sociedade católica.



---

# FALTA A PERCEPÇÃO DE QUE A INTERNET É PARA TODOS

APÓS ANOS DE DEBATE – E UMA APROVAÇÃO ACELERADA EM RAZÃO DOS EPISÓDIOS DE ESPIONAGEM PROTAGONIZADOS PELAS AUTORIDADES AMERICANAS –, O MARCO CIVIL DA INTERNET ENTROU EM VIGOR NO DIA 23 DE JUNHO DE 2014. ANTES DISSO, EM MARÇO, QUANDO O TEXTO HAVIA RECEBIDO APENAS APROVAÇÃO DA CÂMARA, O PRESIDENTE DO CONSELHO DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO DA FECOMERCIO-SP, RENATO OPICE BLUM, CONCEDEU A ENTREVISTA A SEGUIR FALANDO SOBRE AS PERSPECTIVAS DA LEGISLAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista

**O Marco Civil era realmente necessário, considerando o caráter dinâmico da internet e a grande quantidade de leis já existente no País?**

No Brasil, sempre mencionamos a questão da inflação legislativa, ou seja, muitas leis e pouco efeito. Infelizmente, o Marco Civil se enquadra na situação, pois, do ponto de vista técnico, não era necessário. Do que está no Marco Civil, já temos 99% em leis distribuídas pelos Códigos Civil e Penal, pela Constituição Federal etc. A legislação começou de um jeito, virou outra e terminou de uma terceira maneira. Do ponto de vista didático é péssimo, porque muitos elementos técnicos complexos constam como novas definições e serviços, dificultando a compreensão – não só por parte da população, mas exige também uma especialização do Congresso, do Judiciário, do Ministério Público e dos advogados. Existe uma complexidade natural que poderia ter sido evitada.

**Mas não havia uma má compreensão ou até uma impossibilidade de compreensão do Poder Judiciário para punir os crimes na internet?**

Sim, pois alguns crimes não estavam caracterizados. O Congresso vem trabalhando nisso e introduzindo novos delitos, como a Lei nº 12.737, conhecida como “Carolina Dieckmann”, que enquadró o crime de invasão de dispositivos informáticos. Precisamos que essas novas condutas tenham uma penalidade para evitá-las. Porém, o marco regulatório é civil e, portanto, genérico. Ele trouxe ou reaqueceu alguns princípios já existentes. Em alguns pontos houve retrocesso, analisando do ponto de vista da investigação ou mesmo da impunidade. O sistema já funcionava usando a jurisprudência, que

cobria a lacuna de uma legislação específica, por exemplo, da guarda de registros de conexão. O Código atual estabelece um ano e a jurisprudência do STJ falava em três anos. Aliás, o Comitê Gestor da Internet recomenda até hoje os três anos, pois o prazo de prescrição de uma ação civil de responsabilização é de três anos. Então, a troca foi ruim.

**Isso pode ser corrigido na votação do Senado?**

Pode. Na questão da guarda dos registros, o Marco Civil excepcionou duas figuras: a pessoa física que explore um serviço de conteúdo não tem que guardar os dados; e a pessoa jurídica que não tenha atividade econômica também não tem que guardar. Eu pergunto: o criminoso vai usar qual serviço? O que tem atividade econômica e tem que guardar os dados, ou o que não tem que guardar para não ser identificado? É uma incongruência clara e fere o princípio da isonomia. Se o Marco Civil for aprovado dessa forma, alguns dispositivos sofrerão discussões sobre inconstitucionalidade. Esse é um deles: a questão da guarda de logs ter sido condicionada só a uma figura e não a todos que oferecerem hospedagens. Outra questão é a remoção de conteúdo. Para remover o mais rápido possível, avisamos os provedores sobre algum conteúdo ilegal na plataforma. Se ele retirar no menor tempo possível, há uma isenção de responsabilidade. Mas se o provedor crê que o material não é ilegal (e não o retira), é corresponsável em um futuro processo, e fica para o juiz decidir. O que o Marco Civil fez? Excepcionou novamente. A remoção de conteúdo extrajudicial só será obrigatória quando envolver nu-

dez. E outras questões que podem ser até mais importantes e mais delicadas, como vazamento de informações ou ameaças? Esses conteúdos obrigatoriamente terão que ir ao Judiciário para obter uma ordem de remoção. Na internet, em um ou dois dias esse conteúdo já está disseminado. Existe um desequilíbrio, pois o mote principal do Marco Civil foi focar na dignidade e na privacidade da pessoa humana.

**Como avaliar o que é ofensivo ou não na velocidade da internet? Não existe risco de censura?**

Quando existe uma publicação na imprensa que possa ser ofensiva à honra de alguém, como calúnia, injúria ou difamação, a vítima pode processar e ser indenizada. Na internet, a regra muda, pois quase nunca a vítima vai conseguir ganhar um processo. Quem publica pode não ter patrimônio algum e simplesmente resolveu provocar uma cadeia de difamação, que é muito fácil pela internet, e destruir a vida de uma pessoa física ou jurídica. Por isso, uma das soluções é a retirada do conteúdo no menor tempo possível. O caminho mais ágil é o extrajudicial, pois, por mais rápido que seja o Judiciário nessas questões, estamos falando de um ou dois dias. Sobra a alter-

## O MARCO CIVIL FOCA NA DIGNIDADE E NA PRIVACIDADE

nativa de pedir para o provedor remover instantaneamente. O provedor tem que ter essa responsabilidade de correr o risco. O risco não pode ser da vítima porque, se o conteúdo continuar no ar, pode se proliferar. Como retirar tudo depois?





**O marco regulatório trata da questão da responsabilidade de conteúdos de blogs de pessoas físicas?**

Essa responsabilidade não foi tratada. O blog não é um serviço de hospedagem, é um site. O conteúdo criado pelo blogueiro ou por uma pessoa que esteja comentando tem reflexões distintas. Se for ilegal, o blogueiro automaticamente será responsabilizado quando identificado.

**E quem hospeda o blog?**

O primeiro passo é procurar o gestor da página, que é o blogueiro. Depois, vamos à plataforma que hospeda o conteúdo. Mas o blogueiro pode ser responsabilizado se, depois de avisado, ele se recusou a retirar o conteúdo. O Marco Civil pode dar margem à discussão, dizendo que o blogueiro está isento dessa responsabilidade, a não ser que um juiz o obrigue a retirar. Novamente entramos na questão do tempo da internet.

**A legislação contempla como o usuário/consumidor do serviço de internet pode contatar o provedor o mais rápido possível?**

Vale o Código de Defesa do Consumidor, que obriga quem presta um serviço na internet a ter um canal de comunicação com aviso de recebimento. A resposta deve ser dada ao consumidor em cinco dias. Então, se não existe esse canal, o serviço está sendo prestado em desacordo com a legislação.

**Um dos pontos de maior debate do marco regulatório foi sobre a neutralidade da rede. Por que é tão importante?**

Existe muita confusão nessa questão. Você não pode proibir uma pessoa de acessar o que ela quer acessar. Quer-se garantir, acima de tudo, o acesso a qual-

quer site, serviço e aplicação. Se você paga mais, vai ter uma banda maior e vai carregar o site mais rápido. O que não se tratou no Marco Civil é a neutralidade de conteúdo. Usamos os serviços de buscadores e nem sempre aquilo que a gente quer aparece em primeiro lugar na busca, nem o conteúdo é verdadeiro. Estamos sendo levados a acreditar em situações que não são reais. É muito fácil usar programas de computador e espalhar conteúdos falsos, mas que parecem verdadeiros e são indexados pelos serviços de busca. Ao aparecer em primeiro lugar, uma notícia falsa parece verdadeira e induz à reflexão das pessoas, que formam opinião sem saber que estão sendo vítimas. Essa censura indireta, o Marco Civil não tratou.

**Qual seria a proposta para contemplar essa questão do conteúdo que não passou pelo crivo da Câmara?**

O texto poderia incorporar mecanismos técnicos aproveitando a própria regulamentação. Ainda que não seja possível avisar aos internautas que aquele conteúdo é direcionado, pode haver um aviso que aquele conteúdo talvez não represente a real percepção da notícia. A título de comparação: isso existe no link patrocinado. Quando são utilizados mecanismos contrários aos termos de uso dos principais buscadores, não recebemos as informações. Não é possível uma regulação em relação ao conteúdo, mas existem ferramentas que conseguem identificar quando o conteúdo foi produzido ou foi disseminado artificialmente. Ter esses filtros é de interesse também dos provedores de conteúdo e buscadores.

**Os políticos brasileiros estão preparados para discutir assunto tão complexo?**

A tecnologia é muito rápida. Basta analisar os termos de uso, que ninguém lê. O Marco Civil tenta reforçar isso, dizendo que você só pode usar uma informação de uma pessoa com consentimento dela, mas nós já demos esse consentimento sem ler. O ideal seria que tivéssemos a informação de forma mais simples.

## HÁ UMA COMPREENSÃO LEGAL, MAS FALTA A COMPREENSÃO TÉCNICA

Precisamos adotar protocolos e procedimentos técnicos. Mas, para isso, precisaríamos de Congresso e Judiciário mais especializados porque, atualmente, existe um entrelaçamento obrigatório da parte técnica com a legal. Porém, às vezes, o que vemos é o contrário. Há uma compreensão legal, mas falta a compreensão técnica.

**É possível ter uma internet livre, segura, regulamentada e sem censura prévia?**

Isso, em tese, já existe hoje. Aliás, há um fluxo extremamente livre e questionamos se essa liberdade excessiva não gera distorção. A internet livre sempre vai existir, não tem como controlar. O que falta é a percepção de que a internet é para todos. Já que esse uso é tão intenso, temos de fazer como no mundo físico. Aliás, urgentemente – para ter segurança, privacidade e credibilidade. E para isso, temos de reforçar princípios constitucionais e trazer novas condutas, além do efeito prático.



---

# AS RELAÇÕES DO BRASILEIRO COM O ESTADO

ENTRE MOCINHOS E BANDIDOS, SANTOS E PECADORES, HERANÇAS MALDITAS E BENDITAS, A HISTÓRIA NACIONAL É CHEIA DE EXEMPLOS EXTREMOS. PARA FALAR SOBRE ESSE ASSUNTO, O JORNALISTA LAURENTINO GOMES, AUTOR DA TRILOGIA 1808, 1822 E 1889, ABORDA OS DILEMAS DA IDENTIDADE NACIONAL E OS PERIGOS DO MITO DO SALVADOR DA PÁTRIA, SEMPRE PRESENTE NA CENA POLÍTICA BRASILEIRA. APESAR DAS REIVINDICAÇÕES DO CIDADÃO POR MELHORES CONDIÇÕES DE VIDA, GOMES APONTA A RESISTÊNCIA DO BRASILEIRO EM ACEITAR SUAS RESPONSABILIDADES PARA QUE A SITUAÇÃO REALMENTE MUDE E DESTACA A IMPORTÂNCIA DA HISTÓRIA COMO FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE UM PAÍS.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



### **Nós, os brasileiros e o Brasil, temos solução?**

Creio que sim. Existe hoje um sonho muito forte de um país melhor. O brasileiro achou que, terminado o regime militar, bastariam alguns anos de exercício da democracia para que todos os problemas fossem resolvidos. Mas está demonstrando além do que as pessoas imaginavam e existe certa exaustão dos sonhos. Há uma corrupção persistente, muita violência e ineficiência do Estado, que geram estranheza entre o que sonhamos e o que realmente temos no dia a dia. As pessoas estão chegando ao limite e isso é bom. Por incrível que pareça, o Brasil está adquirindo um senso de urgência de transformação e não tolera mais a corrupção, embora ela tenha sido cada vez mais frequente e nunca esteve tão exposta quanto hoje. Na democracia, em que somos chamados a transformar o País pela participação política, essa mistura de inconformismo com senso de urgência pode ser muito benéfica.

### **Essa exaustão não leva a uma desistência, mas a um envolvimento maior?**

Leva a uma mobilização maior, porque o brasileiro ainda tem uma perspectiva

de saúde, de segurança, de saneamento e de cidadania. Essa é uma perspectiva monárquica do imperador, o homem sábio, amante da educação, das ciências e das artes que vai prover. Em uma democracia republicana, quem constrói tudo isso somos nós. Então, não adianta achar que a elite é mais corrupta, que o Estado é mais ineficiente e desonesto e o Congresso é formado por ladrões. O que está em Brasília é mais ou menos o espelho do que somos, na média. O brasileiro cobra do Estado padrões de ética, de cidadania e de eficiência que não cultiva nas suas relações privadas. Ele fura fila, ultrapassa o sinal vermelho, anda pelo acostamento e corrompe o agente público quando lhe é conveniente. Precisamos melhorar isso qualificando a sociedade brasileira pela educação, pelo debate, pela cultura e pela leitura.

### **Ainda esperamos um “salvador da pátria”?**

Sem dúvida. É algo um tanto quanto messiânico e o brasileiro está o tempo todo à espera desse “messias”. Apostamos em alguns “salvadores da pátria”: Fernando Collor, que era o pai dos descamisados; Fernando Henrique, que ia dar um tiro na inflação e resolver tudo; Lula, o pai dos pobres; e Dilma, a mãe do Bolsa Família. Esgotamos o nosso arsenal de possíveis candidatos a “salvadores da pátria”. Hoje, é como se o brasileiro estivesse se olhando nu diante do espelho e dizendo: “É isso o que nós somos”. Não é o rei que está nu, é o povo. Não existe fórmula milagrosa, não há atalhos, não é mais possível criar uma ditadura e resolver rápido aquilo que não conseguimos pactuar no Congresso.

## **ESGOTAMOS O ARSENAL DE POSSÍVEIS CANDIDATOS A “SALVADORES DA PÁTRIA”**

monárquica do poder. Ele não participa de nada: nem de sindicatos, nem de partidos políticos, nem de assembleias de condomínio, nem de reunião de pais. Mas ele cobra muito do Estado, que tem de ser um bom provedor de educação,

### **A relação do brasileiro com a escola é a mesma relação que ele tem com o País, independentemente de classe social?**

Isso se dá em relação a tudo. Outro dia, li um artigo de um psicanalista falando sobre a síndrome do “coitadismo” no Brasil. Uma enorme parcela dos brasileiros se julga credora do País. São descendentes de escravos, nordestinos, moradores da periferia, que se consideram sem chance e acreditam que o País lhe deve. E a elite, os que ganham dinheiro e empreendem, que se sente culpada pelos passivos sociais que o Brasil acumulou ao longo da história. Existe uma mistura de expectativa de quem acha que deve receber tudo do Estado, sem muito esforço, que não gera uma relação franca e natural com a riqueza e com o sucesso. O Brasil convive mal com o sucesso, com o dinheiro, com a inovação e com a livre-iniciativa. Estamos travados porque temos um problema de identidade nacional. Não nos relacionamos bem com o passado. Quem são nossos heróis? São os bem-sucedidos ou as vítimas? São os heróis da monarquia ou os republicanos? Isso se reflete em uma identidade nacional muito frouxa e que ainda não está pronta. Somos uma amálgama em formação, mas, agora, no ambiente democrático, porque tivemos uma construção de cima para baixo, na qual as pessoas não se reconheciam. Em uma democracia, você tem de pactuar as coisas. Isso significa que, se formos perseverantes e não cairmos no cinismo, os conceitos ainda frágeis de República e Democracia vão se incorporar plenamente na identidade nacional brasileira.

### **Os brasileiros já assumiram o Brasil? Eles tomam conta do País?**

Ainda não. Temos um problema seriíssimo de cidadania. O brasileiro acha que

o País é um grande provedor, não uma sociedade ou um pacto nacional, no qual todos têm que contribuir de forma igual. O cidadão se sente credor: ele paga impostos, então o Brasil tem que dar tudo, sem que ele participe. Ou se sente parte de um passivo histórico, como os descendentes de escravos que foram abandonados à própria sorte depois da Lei Áurea. Então, quem cuida do Brasil? E existe também a demonização do outro, como dizer que os portugueses nos fizeram pior do que nós somos...

**Está na hora de fazer as pazes com o passado e parar de culpá-los por tudo?**

Sim. Oscilamos entre uma visão muito épica do passado, como a que prevaleceu durante o regime militar – que pregou um Brasil grande e poderoso do filme *Independência ou Morte*, do gigante adormecido que vai acordar – e a visão do vira-lata, do Dom João bobalhão e do Dom Pedro mulherengo e boêmio. Não nos colocamos de acordo com o nosso passado. A história é uma ferramenta de construção de identidade, e somente olhando para o passado se consegue entender quem você é hoje. Temos uma identidade nacional esquizofrênica.

**O brasileiro é patriota?**

O que significa patriotismo? Não é comprar o Brasil, uma ideologia, com cheque em branco, como queria o regime militar quando dizia “Brasil: ame-o ou deixe-o”. Se você não amasse o regime militar, não era patriota. Não; patriotismo significa desejar um país melhor e ser contra a corrupção, a desonestidade e a índole autoritária. Isso é ser patriota, não é comprar o Brasil de um ditador ou de uma ideologia de esquerda, que também distorce do outro

lado. É ter um espírito crítico e perceber as virtudes e os defeitos, tal como um processo de psicanálise, e aceitar que nós somos assim mesmo. Quando você vai para o divã, não vê só coisas boas e ruins: enxerga traumas e dificuldades, contudo, há coisas maravilhosas, recursos emocionais e coragem. Quando se compreende perfeitamente essas duas coisas, você leva a vida adiante de uma forma muito mais alegre e forte. E é assim também com uma sociedade nacional. Se você demonizar excessivamente o passado, terá um problema permanente de autoestima; se você achar que seu passado é épico demais, vai se iludir. O passado é uma mistura das duas coisas, porque nada mais é do que a grande aventura dos seres humanos. É um erro achar que a história do Brasil é pior do que a dos outros povos, como se os portugueses nos tivessem feito mais corruptos e mais ineficientes do que somos. Existem conquistas que precisam ser reconhecidas. Por exemplo: nossa capacidade de manter a integridade territorial, coisa que os outros países não conseguiram. Isso é um mérito da colonização portuguesa que nos legou uma cultura relativamente tolerante do ponto de vista racial, político e religioso. São virtudes que, se aceitarmos e entendermos adequadamente, poderão ser utilizadas no futuro.

**É possível ter perspectivas positivas para o Brasil?**

O grande perigo do Brasil, hoje, é uma mistura de desânimo com cinismo. O desânimo é achar que o Brasil não tem conserto e o cinismo é acreditar que,

sendo o País corrupto e violento, eu também vou corromper e ser violento nas minhas relações pessoais. Essa mistura pode levar a uma acomodação geral ou a uma via golpista. Já que não conseguimos resolver coletivamente nossos problemas, vamos chamar o general, o imperador ou o ditador para resolvê-los. As duas tentações permanecem no horizonte brasileiro, mas precisamos ser otimistas. Isso não significa achar que o Brasil vai virar um país de

## A HISTÓRIA É UMA FERRAMENTA DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE

primeiro mundo amanhã, mas calibrar as expectativas e perceber que existem grandes problemas estruturais históricos e que demoram a serem resolvidos. Mas eles podem ser resolvidos.

**O cidadão precisa ser o protagonista da mudança?**

Sim, mas é uma grande ilusão achar que o Brasil, no ano que vem, vai virar o Japão, a Suíça ou a Inglaterra. Vai demorar muito. Eu tenho certeza que meus filhos e netos não verão o Brasil dos meus sonhos, mas terão um País melhor do que é hoje. Por exemplo: o hábito da leitura, que é uma mudança de natureza cultural demorada. A escola não resolve essa questão sozinha. São várias gerações formando leitores, para que daqui a cem anos tenhamos um país de pessoas capazes de eleger políticos melhores do que temos atualmente – ou porque se educaram ou porque participaram de uma sociedade que conseguiu qualificá-los como cidadãos.





**Você é otimista ou pessimista em relação ao Brasil?**

Eu sou otimista, o que não significa ser ingênuo e achar que os problemas do País são fáceis de resolver. O Brasil é grande, complexo e diverso, com muitas realidades regionais, culturais e históricas, com graus de desenvolvimento muito diferentes. Por isso, quando se tornou independente, foi chamado de império, e não de reino. Portugal era um país relativamente homogêneo, peque-

**Por que temos problemas para entender esses avanços?**

Existem duas razões. A primeira é que o ser humano e o brasileiro, em particular, são por natureza ansiosos, e ainda existem algumas ilusões que nos venderam no passado, como a de que o Brasil era um gigante adormecido, com um grande potencial e que em algum momento ia acordar e se tornar uma potência mundial, mas está demorando a acontecer e perdemos oportunidades. Isso vai criando um grau de ansiedade muito grande. A segunda razão é que somos uma sociedade com passivos históricos muito grandes que não conseguimos resolver. O Brasil não fez reforma

## HOJE TEMOS UMA ECONOMIA COMPLEXA, URBANIZADA E QUE SE ABRE AO MUNDO

no e muito parecido do ponto de vista demográfico. O Brasil é por natureza um país difícil de construir. O Congresso Nacional ou a Presidência da República têm que tomar decisões que valham de Caxias do Sul ao Amazonas. Por isso, tem muito potencial, mas com dificuldades igualmente proporcionais, e tem de equilibrar as expectativas. O Brasil melhorou muito. Se você observar da perspectiva do noticiário do dia a dia, há razões de sobra para ser pessimista, mas, de uma perspectiva histórica, caminhamos muito. Hoje temos uma economia complexa, urbanizada e que se abre ao mundo, sendo oxigenada pelas ideias de fora, além de participar dessa transformação pelas ideias. As pessoas podem morar fora, ter novas experiências e acesso às redes sociais. Nunca a informação e a cultura foram tão democratizadas do Brasil, basta ser criterioso. Existem razões de sobra para acreditar que temos os instrumentos de transformação que precisamos.

agrária no momento adequado, em meados do século XIX, quando os Estados Unidos distribuíram terras na fronteira oeste para atrair imigrantes. Não alfabetizamos as pessoas no momento adequado, também no século XIX, e, quando acabou a escravidão, abandonamos os escravos à própria sorte. Em uma sociedade nacional, que é um pacto que se perpetua no tempo, se uma geração não fez o que tinha que fazer, a outra vai ter que realizar. Essa história de geração perdida não existe: se uma geração não resolver seus desafios, a seguinte vai pagar.

**As pessoas têm consciência disso, de que estão desistindo do País hoje, com desânimo exagerado, e seus filhos terão que fazer o que elas não fizeram?**

Deveriam ter, mas o brasileiro acha que quem vai resolver os problemas é uma entidade intangível, que é o Estado ou o imperador, o pai de todos. O Brasil foi uma monarquia durante 67 anos, mas eu diria que continuou sendo uma mo-

narquia durante boa parte do período republicano, com os ditadores como Getúlio Vargas no Estado Novo e os generais da Ditadura Militar. Em 1993, o brasileiro celebrou um plebiscito para dizer que era uma república e não uma monarquia, mas nós não assumimos essa república ainda e continuamos tendo uma visão monárquica do poder. As pessoas esperam muito do Estado, mas não participam da atividade política, inclusive os jovens. No ano passado, eles foram para as ruas se manifestarem, e isso é muito bom, mas muitos deles, em 2010, defendiam o voto nulo. A eleição daquele ano foi a de menor participação dos jovens desde a Constituição de 1988. Existe uma contradição, e você não pode querer mudanças políticas sem participar com o instrumento legítimo que a república e a democracia conferem às pessoas, que é o voto. A democracia e o voto nulo são contradições, não dá certo. Precisamos ensinar aos jovens que muitas gerações de brasileiros morreram, foram exiladas, torturadas e presas por lutar pelo direito ao voto. Nós não podemos jogar fora essa conquista. O que me preocupa muito também é observar que muitos jovens, que não viveram o período ditatorial, hoje são seduzidos pela tentação autoritária. Existem nas redes sociais, por exemplo, vários grupos pedindo “intervenção militar já”, “fecha o Congresso” e “põe todo mundo na cadeia”. Outro dia, eu estava dando uma palestra para estudantes em Araçatuba, e um me fez uma pergunta curiosa: o Exército brasileiro é ditatorial? É por causa dele que nós nunca tivemos uma democracia? Eu respondi: “não, a sociedade civil brasileira é autoritária”. Nos golpes militares que nós tivemos, por exemplo, o de 1889, na Proclamação da República, ou a Revolução de 30, ou

1964, as Forças Armadas foram seduzidas por uma grande parte da população civil, que não enxergava nas instituições uma via para resolver os problemas. A elite brasileira, não só a elite econômica, mas a elite política também, inclusive a esquerda, é autoritária quando isso lhe convém, e seduz as Forças Armadas.

**O individualismo brasileiro também não é uma chaga, que talvez esteja no DNA?**

Sim. É importante levar em conta que a nossa origem colonial é extrativista. Você não tem uma colônia de ocupação como foi, por exemplo, na parte norte dos Estados Unidos. Ao contrário, quem veio para ficar definitivamente foi o escravo. O Brasil importou quatro milhões de escravos nos seus 350 primeiros anos, sendo que 40% de todos os cativos que vieram para a América tiveram como destino o Brasil. O País foi o maior mercado negreiro das Américas, e Joaquim Nabuco disse que a escravidão deturpou toda a forma como poderíamos ser constituídos. Primeiro, porque fez com que uma parte dos brasileiros passasse a se julgar superior aos outros, dando uma visão distorcida de um ser humano em relação ao outro. Corrompeu também a forma como vemos o trabalho: os estrangeiros diziam que, na época da chegada da Corte, trabalho era sinônimo de escravo, o branco não trabalhava. A escravidão também desviou os capitais, pois, até meados do século XIX, todos os recursos estavam mobilizados para o tráfico negreiro. E tem outra coisa sobre a perspectiva monárquica novamente. O Imperador, que provê tudo, organiza o território e ocupa. Durante o primeiro e o segundo reinados, ele constrói o Estado de cima para baixo e distribui benefícios dos negócios públicos e privados e títulos de nobreza. Ele orga-

niza tudo, sem que as pessoas precisem participar, em um Estado forte e centralizado. O Estado no Brasil era tão forte e tão poderoso que todo mundo queria ser funcionário público, pois todas as outras vias estavam fechadas. Em 2014, perto de 13 milhões de jovens brasileiros vão se inscrever em concursos para o funcionalismo público. Somos um País que não premia a inovação e o sucesso, aliás, demonizamos o sucesso. Por que vou correr risco na iniciativa privada? É melhor eu ter estabilidade no emprego e uma aposentadoria garantida do que correr risco. Neste País, de burocracia complexa, a possibilidade de que surja um Steve Jobs é zero. Ele fecha as portas à inovação, ao risco. Somos um País avesso ao risco.

**Ainda podemos colocar a culpa dos problemas do presente em nossa colonização e nos portugueses?**

Não dá mais para cair nessa tentação de culpar o outro. Os portugueses, o imperialismo americano ou as elites corruptas. Hoje, por exemplo, tem um demônio moderno que é a mídia, e tudo é culpa dela. Mas isso é não assumir o seu papel de cidadão e de fazer uma autculpa, assumindo que tomou decisões erradas. Isso é muito comum no estrangeiro e vemos um político que foi pego em corrupção fazendo o mea culpa em público na televisão. Você jamais vai ver isso no Brasil. O cidadão também não faz. É outra ilusão achar que nós vamos ter em Brasília um Estado ou mais ou muito menos corrupto do que a média da sociedade brasileira, ou mais ou menos eficiente. Brasília hoje é um espelho do que somos. O brasileiro cobra padrões de ética, de honestidade e cidadania

do Estado que ele não cultiva nas suas relações privadas. Se quisermos ter um Estado melhor, precisamos ser mais honestos, mais cidadãos e mais eficientes na média.

**Protestar com milhares de pessoas tem certo charme, mas quando estamos sozinhos não somos bons cidadãos?**

É interessante observar quando o brasileiro veste a camisa de brasileiro. Só em momentos de catarse, ou na Copa do Mundo ou na morte do Ayrton Senna, do Tancredo Neves, em manifestações dos

## SOMOS UM PAÍS QUE NÃO PREMIA A INOVAÇÃO E O SUCESSO, ALIÁS, DEMONIZAMOS O SUCESSO

caras-pintadas. No dia a dia, as pessoas não vestem a camisa do Brasil e são extremamente egoístas, não participam da atividade política e têm o discurso muito pessimista.

**O espaço público é de ninguém no Brasil?**

O brasileiro acha que o espaço público não é seu, é do Estado. Isso se reflete nas pichações e na falta de cuidado com a paisagem urbana. O espaço público não merece ser cuidado e isso reflete uma falta de identidade nacional. Esse é um País que promete muito, cumpre pouco e tem uma história muito fragmentada, que oscila entre o excessivamente épico ou o excessivamente vira-lata. O nosso grande desafio hoje é solidificar nossa identidade nacional e entender realmente quem somos.



---

# PRECISAMOS MUDAR A LÓGICA DE GOVERNAR PELO PODER, PARA GOVERNAR PELA CIDADE

O PRESIDENTE DO CONSELHO DE DESENVOLVIMENTO LOCAL DA FECOMERCIO-SP, JORGE DUARTE, COMENTA OS DESAFIOS DA CAPITAL PAULISTA E A IMPORTÂNCIA DA PARTICIPAÇÃO DO CIDADÃO NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO QUE DESEJA PARA O FUTURO. ELE TAMBÉM DEFENDE A OCUPAÇÃO DO CENTRO, SIMULTANEAMENTE À DESCENTRALIZAÇÃO DA CIDADE, COM A CRIAÇÃO DE POLOS QUE OFEREÇAM SERVIÇOS E OPORTUNIDADES PARA A POPULAÇÃO EM DIFERENTES REGIÕES.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista

**É da cultura brasileira pensar apenas no hoje, sem uma visão de longo prazo? Ou é algo comum em outros países?**

Sim, com certeza. Não somente da cultura brasileira, mas da latino-americana. Estamos tão acostumados a tentar resolver as coisas de forma imediata que não conseguimos prever ações e projetos de transformação de longo prazo. A transformação não acontece como uma mágica, ela acontece no longo prazo. Por isso, os planos são importantes. Também falta a cultura da discussão do que seria um plano a percorrer no futuro. A cidade merece algumas intervenções, mas precisamos pensar no longo prazo para que elas possam acontecer e se sustentar. Falta pensar no futuro desejado, algo que fazemos pouco em relação à cidade. É muito importante que a população entenda, até para poder participar, que o planejamento é um processo para a vida inteira e exige acompanhamento. Não adianta também estar escrito somente no plano e eu não contribuir. Não adianta existir uma ideia de preservação e de promoção do meio ambiente e eu, simplesmente, estar na minha rua e na minha casa e não cuidar daquele espaço.

**Qual sua avaliação sobre o processo de revisão do Plano Diretor Estratégico da cidade de São Paulo?**

Uma coisa é aquilo que se pode prever ao propor um plano e outra é aquilo que efetivamente ocorre. O Plano de 2002 era bastante abrangente, mas não deixava muito claro de onde viriam os recursos para sua realização. A necessidade de revisão veio em 2007 e a discussão durou mais de dois anos devido a uma série de conflitos e interesses diversos dentro da Câmara Municipal, o que acabou impedindo a aprovação. Agora,

o prefeito se viu obrigado a fazer a revisão. A questão da moradia está colocada no centro do plano, inclusive para melhorar o sistema de transporte. Porém, se os polos de desenvolvimento não forem efetivados para descentralizar a cidade, a moradia vai sofrer o mesmo problema da exclusão. Se eu construo somente moradias populares na periferia e não levo o desenvolvimento econômico para esses locais, impeço que as pessoas consigam conviver naquele território. Ou seja, eu perpetuo a ideia de regiões-dormitório.

**Como melhorar a situação do Centro de São Paulo? Estudos apontam que há uma densa área não ocupada que poderia servir para moradia, inclusive de baixa renda. É possível promover a ocupação e acabar com o abandono após o horário comercial?**

Obviamente, no Centro não há espaço para novas construções. O que existem são grandes habitações, algumas já ocupadas ilegalmente. É importante ocupar mais o Centro por questões de segurança, para que se descentralize o conjunto dos serviços e para que a cidade se mobilize de forma mais homogênea. Durante o dia, o Centro é frequentado por quatro ou cinco milhões de pessoas. Durante a noite, é moradia para pouco mais de cem mil pessoas. Então, a gente precisaria ter uma habitação mais adensada, sim, com as pessoas mais presentes. Para atingir esse objetivo, talvez seja preciso associar outras políticas para fazer com que as pessoas tenham outra relação com o Centro, não necessariamente das nove da manhã às seis da

tarde. Depois das sete e meia da noite, você tem o Centro Histórico totalmente vazio. É a realidade, hoje, de São Paulo.

**Os movimentos sociais pensam no coletivo ou agem somente pensando nos interesses próprios?**

As pessoas pensam bastante de forma individual e não em longo prazo. Infelizmente, o sistema partidário privilegia o período de quatro anos e não a gestão da cidade. Falta comprometimento do político que vai viver em uma cidade durante 20, 30 ou 40 anos, assim como seus filhos e netos. Precisamos mudar essa lógica de pensar em governar pelo poder, para governar efetivamente pela cidade. Enquanto cidadãos, estamos sempre procurando qual é o plano de governo dos candidatos, mas tínhamos que pensar qual é o plano para a cidade, independentemente dos prefeitos que virão nos próximos 20 anos. O cidadão precisa compreender que a cidade está desorganizada e tem uma série de problemas; e precisamos organizar ações e propostas de curto, médio e longo prazos e, ainda, revisar esses planos durante

## INFELIZMENTE, O SISTEMA PARTIDÁRIO PRIVILEGIA O PERÍODO DE QUATRO ANOS E NÃO A GESTÃO DA CIDADE

algum tempo. É preciso ter certeza de que em certos locais haverá um desenvolvimento que possa ser direcionado para o investidor ou para o morador, e ter condições de acesso a serviços públicos. Com essa visão, é preciso que as pessoas se mobilizem enquanto cidadãs e con-





tribuem para que isso ocorra. Mas falta muito ainda para termos essa cultura.

#### O que é prioritário para a cidade de São Paulo disciplinar com o Plano Diretor?

Hoje, temos uma cidade muito expandida do ponto de vista da habitação e do seu desenvolvimento. Por isso, o plano prevê o não crescimento horizontal – preservar o que existe de mata e de área rural, voltado talvez para um desenvolvimento do turismo. Mas a questão central está no adensamento e como ele será realizado. Existe, por exemplo, o plano de governo do prefeito de pensar no Arco do Futuro, desenvolvendo a zona leste e as marginais. É uma opção, porém, estamos falando de locais que também estão saturados de trânsito. Então, penso que algo mais efetivo – e que está sendo discutido – não é criar eixos, mas polos de desenvolvimento. Eu acho que isso poderia contribuir para a descentralização da cidade e para criar um desenvolvimento mais homogêneo.

#### Como é possível influenciar o cidadão para que ele participe de processos como a discussão do Plano Diretor?

Somente quando ele participar terá mais conforto e interação com a cidade. Neste Plano Diretor, a participação do cidadão foi garantida nas audiências públicas. No entanto, elas, atualmente, ainda estão em um sistema que estamos acostumados a fazer, onde alguém fala e os outros escutam, ou alguém manipula informações para que os demais façam alguma discussão ou participação. Eu diria que temos de participar menos e interagir mais. As pessoas têm de dialogar mais, aprender sobre o que estão falando e construir planos conjuntamente. Por isso, eu aposto muito nos Planos de

Bairro, que inclusive estão garantidos no Plano Diretor para que os bairros possam se organizar por distritos e para que a própria comunidade, junto com o Poder Público, consiga estabelecer planos de trabalho. O cidadão tem maior identificação com seu local e isso pode trazer grandes transformações para a cidade. E a grande transformação da cidade não está nas questões macro, mas nas micro. O cidadão vai se sentir mais confortável e seguro porque conhece o vizinho.

#### Cidadãos e governos tendem a não ver coisas que pareceriam óbvias e a não lutar por mudanças?

As grandes metrópoles, e especificamente São Paulo pela dimensão, nos afastam das grandes decisões, nos fazem acreditar que os problemas não são nossos e alguém precisa resolvê-los. Por conta dessa dinâmica, as pessoas acabam não se responsabilizando por aquilo que é responsabilidade do cidadão: cuidar dos espaços públicos ou privados, que são, literalmente, de todos. Não adianta só pensarmos na questão da coleta seletiva, por exemplo, mas precisamos trabalhar a questão de educação, desde a escola, de que o espaço público é nosso. Temos direitos sobre eles, mas também responsabilidades. O cidadão precisa se unir a outros para cuidar. O Poder Público para mim deveria ser formado por pessoas efetivamente compromissadas e responsabilizadas pelo espaço, que junto com o chamado Poder Público – que são as ditas autoridades que estão, hoje, nos representando e que organizam a questão administrativa e o poder – efetivamente cuidem da cidade. Nós

temos que nos empoderar, nós somos o Poder Público. Então, se algo não funciona, é porque nós, enquanto cidadãos, também não estamos assumindo a nossa responsabilidade.

#### Dá para ser otimista quanto à participação do cidadão na exigência de seus direitos?

Não estou muito otimista, mas tenho que acreditar que alguma mudança vai acontecer. O responsável por esse modelo não é, necessariamente, o governo ou a Câmara. Somos todos nós, mas continuamos acreditando que virá um salvador nos dizer o que precisa ser feito para termos uma vida melhor. Eu acho que é exatamente o contrário: somos nós, coletivamente, que teremos a força necessária para superar os problemas. Então, não sou otimista, porque eu acho que os governos se utilizam desses mecanismos – uma vez que as pessoas não interagem, ainda que participem de grandes manifestações e causem confusão. Mas nada fica claro do que precisa ser feito. O governo acaba pincelando aquilo

## A GRANDE TRANSFORMAÇÃO DA CIDADE NÃO ESTÁ NAS QUESTÕES MACRO, MAS NAS MICRO

que lhe interessa das reivindicações e diz que atende aos desejos de um movimento e que está fazendo melhorias. É mais para atender momentaneamente e continuar controlando do que, efetivamente, ouvir. De certa forma, é um maniqueísmo. É preciso mudanças.



---

# O BRASIL PROGRIDE, APESAR DO GOVERNO

HÁ UM PROFUNDO DESCRÉDITO DO BRASILEIRO EM RELAÇÃO À CLASSE POLÍTICA, MAS O PAÍS ESTÁ MUITO MELHOR DO QUE ERA ANTES, NA OPINIÃO DO FILÓSOFO, ESCRITOR E PROFESSOR UNIVERSITÁRIO DENIS ROSENFELD. ELE RECONHECE A IMPORTÂNCIA DA ESTABILIDADE INSTITUCIONAL EXPERIMENTADA NOS ÚLTIMOS 20 ANOS E CHAMA ATENÇÃO PARA O FATO DE AS PESSOAS NÃO ASSUMIREM SUAS RESPONSABILIDADES, TRANSFERINDO TUDO PARA O ESTADO.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista

### O que o senhor acredita que acontecerá nas próximas eleições?

Como se diz corriqueiramente, o Brasil não é um país para amador. Existe um fator que as pessoas não estão levando em consideração nas diferentes pesquisas eleitorais: temos um contingente de 30% a 40% das pessoas respondendo com afirmações “não sabe”, “não respondeu” ou branco e nulo. Os eleitores estão descrentes dos políticos e da realidade. O PT, em praticamente 12 anos de governo, mostrou que, do ponto de vista ético, operava diferentemente daquilo que apregoava e, com isso, houve uma reversão muito grande da expectativa. O Mensalão é um marco, porque, pela primeira vez na história do País, os responsáveis políticos terminam na prisão. Nas manifestações de junho do ano passado ficou muito claro que esses insatisfeitos decidiram ir às ruas. Há uma demanda por participação, mas não há reconhecimento nos políticos. Temos hoje um contingente que eu diria “não político”: não estão indefinidos entre candidatos, eles não gostam dos políticos. Eles não gostam da candidata Dilma, do Aécio e do Eduardo Campos. [Entrevista concedida antes da morte de Eduardo Campos, candidato à presidência da República pelo PSB, em um acidente de avião em agosto de 2014] E os nanicos estão crescendo e já têm 5% a 6%. Quem é o Pastor Everaldo? Ninguém tinha ouvido falar nele, mas tem de 2% a 3% sem ter feito uma propaganda intensiva. Ou seja, os votos estão se encaminhando de uma forma mais ou menos aleatória baseada no “não”. Não é baseado no “sim”, de que eu quero tal candidato, ele tem uma boa proposta e eu me reconheço nele. Eu não me reconheço em nenhum desses candidatos e no processo político, portanto, a minha forma de protesto é me afastar desses políticos em geral. Claro que esse pessoal, em determi-

nado momento até outubro, vai ter que se decidir. O processo de negação não pode perdurar indefinidamente e já mostra que o segundo turno das eleições é certo. Existe certa descrença na classe política que preocupa, porque pode também se traduzir em uma descrença nas instituições. É o perigo que nós estamos vivendo.

### Mas o eleitor não reconhece a incompetência nas autoridades?

O que me preocupa é que as coisas vão acontecendo e aumentando o descrédito da classe política. Vem o Mensalão e, logo depois, já temos a CPI da Petrobras. As coisas se multiplicam. Claro que agora começou a punição, pois o Supremo Tribunal deu, pela primeira vez na história do Brasil, um basta. Mas não nasce uma adesão moral às instituições por parte dos políticos. Na Coreia do Sul, por exemplo, quando afunda um navio, as pessoas se responsabilizam. Quantas barcas já foram afundadas no Brasil, e ninguém tem a menor reação moral a isso? No Brasil, você pratica um crime e depois bota a culpa nos “aloprados”.

### Não falta mea culpa na cultura do brasileiro?

O cidadão brasileiro, em geral, é muito omisso, não se compromete e não vai para as ruas protestar. Agora está acontecendo, depois das manifestações de junho e da Copa. Há um medo generalizado do governo, tanto federal quanto estadual e municipal, e de diferentes partidos, de que possa ocorrer alguma coisa. O comportamento humano, e o do político em particular, é baseado na ideia da imitação. O filósofo social francês Gabriel de Tarde dizia: “as pes-

soas não agem por atos livres, mas pelo exemplo, que pode ser para o bem ou para o mal”. Se a pessoa está vendo o tempo todo que são os fraudadores que enriquecem e os bandidos que têm vantagem, isso termina sendo um exemplo. Como vamos punir um ladrão de galinhas se os grandes ladrões não são presos? Ou se há uma impunidade generalizada? O interessante hoje no Brasil é que estamos vivendo um momento de transição. Depois do Mensalão, a impunidade virou um problema, porque qualquer

## OBSERVAMOS NOS ÚLTIMOS 20 ANOS UMA ESTABILIDADE INSTITUCIONAL ENORME

investigação no Brasil funciona bem se a polícia se aplica. Os culpados deixam rastro em tudo, pois estão acostumados com a impunidade. Nunca aconteceu nada, mas agora está mudando.

### O País está melhor ou pior do que no passado?

Eu acho que o País está muito melhor, e me lembra a frase do célebre filósofo e economista Adam Smith, que dizia que a Inglaterra progride, apesar de seu governo. Eu acho que é o caso brasileiro também. O Brasil progride, apesar de seu governo, e temos os exemplos das Diretas Já, do impeachment do Collor e das manifestações de junho do ano passado. Observamos nos últimos 20 anos uma estabilidade institucional enorme. Não se fala em golpe de Estado e em desestabilização institucional. Os próprios militares seguem os ritos da Constituição e o Supremo Tribunal deu mostras de in-





dependência, apesar da tentativa de aparelhamento. O Joaquim Barbosa julgou o Mensalão e foi indicado pelo Lula diretamente, mas não teve nenhum problema em reconhecer que houve um crime. O Brasil nesse sentido avançou institucionalmente e ainda tem liberdade de imprensa. O Brasil se tornou a sexta ou sétima potência do mundo. Os governos Lula e Dilma progrediram do ponto de vista da justiça social com o Bolsa Família e isso é um ganho do ponto de vista do País. Claro

lação vai de uma forma autônoma para as ruas dizer não às políticas municipais, estaduais, federais e não aceita ser instrumentalizada pelos partidos políticos. Mas há uma dicotomia, e o Brasil tem contradições nesse sentido. Primeiro, existe uma complacência enorme do Estado em relação a atos individuais transgressores, como ser tolerante com quem estacionou mal ou jogou lixo no chão. Existe a cultura no Brasil de que qualquer multa é repressão. No fundo, as pessoas liberam a

violência, e é só ver o caso dos Black Blocs para comprovar. Em vários lugares do Brasil, eles depredaram prédios públicos e privados com a polícia olhando. No Rio Grande do Sul, havia

## EXISTE UMA COMPLACÊNCIA DO ESTADO EM RELAÇÃO A ATOS INDIVIDUAIS TRANSGRESSORES

que deveria haver uma porta de saída, e o programa precisaria ser reformulado, mas são ganhos que devem ser reconhecidos.

**O Brasil se redemocratizou, conseguiu estabilizar a economia e começou a fazer a distribuição de renda. Qual seria o próximo passo agora?**

Ainda existe um quarto ponto importante. Apesar de todos os problemas, os contratos passaram a valer no Brasil, e existe o respeito institucional. Não existe país democrático que tenha se desenvolvido seriamente sem o cumprimento dos contratos. Não acho que o Brasil esteja bem nesse quesito, mas avançou.

**O brasileiro evoluiu individualmente nos seus deveres com o País? Coletivamente existe glamour em participar das manifestações, mas como ele age no cotidiano?**

Outro dia me perguntaram se eu era a favor das manifestações de junho, e eu disse sim. Fiquei encantado, porque a popu-

ordens do governador para que a polícia não interviesse. O problema é que isso cria o clima da impunidade e da ausência do Estado. Por outro lado, as pessoas não assumem suas responsabilidades, e existe uma cultura de transferir tudo para o Estado provedor. Se o poder público, por exemplo, põe uma coleta seletiva de lixo, as pessoas vão lá e destroem o contêiner. Isso acontece frequentemente e passa pela educação e pela formação das pessoas, mas leva tempo. Tudo que diz respeito à educação leva tempo, mas, em algum momento, deve-se começar a fazer isso.

**O Brasil tem problemas com o seu passado?**

O regime militar terminou há mais de 30 anos e vão continuar justificando a incompetência de hoje pelos acontecimentos? Não faz o menor sentido. As pessoas que assumam, no presente, as suas responsabilidades. Querem investigar problemas no passado, como a tortura, que se investigue. Eu sou frontalmente favorável.

Agora, investigue também os que foram justificados pela esquerda. Isso é a memória do País e é absolutamente central. Reverter a Lei da Anistia? Isso é uma quebra de contrato institucional. Acho gravíssimo, porque temos a anistia, a Assembleia Nacional Constituinte, a nova Constituição e o regime democrático, no qual todas as partes obedeceram ao que estava escrito e foi acordado. Trinta anos depois, você vai simplesmente dizer que isso não vale nada porque a Argentina fez isso? A Argentina é um belo exemplo: o país está afundando. O país está falido, e nós vamos imitar a Argentina? Se não dissermos basta e começarmos de novo, não se olhará para o futuro. E a vingança vai ser o mote e a razão das ações humanas. É uma série de revanchismos. Na Irlanda, os protestantes e os católicos brigam há séculos e, só há poucas décadas, estão no processo de pacificação. Não adianta olhar para o passado. A Alemanha cometeu as maiores atrocidades e teve que começar de novo. Eles olharam o passado, fizeram um processo educativo e assumiram culpas. Hoje é a terceira potência do mundo.

**O senhor é otimista ou pessimista em relação ao País?**

Eu sou um homem sempre otimista, por isso, continuo sendo em relação ao Brasil. Se a Dilma ganhar ou o Aécio ou Eduardo Campos, enfim, qualquer um dos três vai ter que resolver os problemas da economia no ano que vem. Esse será um ano de incertezas e de deterioração da situação econômica, que terá de ser enfrentada em 2015. O modelo atual faliu. [Entrevista concedida antes da reeleição da então presidente, Dilma Rousseff, e seu posterior processo de impeachment, em abril de 2016]

---

# EXISTE BUROCRACIA PROFISSIONALIZADA E CONCURSADA NOS ESTADOS

O PRESIDENTE DO CONSELHO SUPERIOR DE DIREITO DA FECOMERCIO-SP, IVES GANDRA MARTINS, APONTA O TAMANHO DO ESTADO E O CONTROLE DE PREÇOS COMO DESAFIOS PARA O PRÓXIMO GOVERNO, INDEPENDENTEMENTE DE QUEM VENCER AS ELEIÇÕES. O JURISTA TAMBÉM DISCORRE SOBRE AS CARACTERÍSTICAS DA PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF E O REFLEXO DELAS SOBRE A ATRAÇÃO DE INVESTIMENTO PARA O PAÍS.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



#### O senhor está otimista em relação a 2014?

Considero este ano relativamente perdido para o Brasil. Perdido do ponto de vista econômico, das reformas e também de o próprio governo apresentar diretrizes que possam dar mais tranquilidade aos investidores e aos brasileiros. Considero que, indiscutivelmente, o Brasil tem grandes possibilidades, principalmente quanto à evolução econômica, mas tem que mudar o modelo. Analisando o cenário mundial, eu acredito (embora muitos não compartilhem da mesma ideia) que o Brasil passará a ser, de novo, um polo de investimento. Internacionalmente, vemos o presidente da Rússia retomando a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. O Putin não vai parar, e é evidente que os investidores têm preocupação. Possivelmente vão tirar dinheiro da Rússia enquanto não tiverem certeza de que o sonho expansionista dele terminou. Com esse cenário conturbado, o Brasil volta a ter possibilidade de captar, só que precisamos mudar o modelo econômico no qual a presidente é a verdadeira ministra de Economia. No Governo Lula, o ministro da Economia não era o [Guido] Mantega, mas o Henrique

#### Quais as consequências desse controle?

Ela conseguiu reduzir o valor de mercado da Eletrobras e da Petrobras, prejudicando as duas estatais e, inclusive, todos os investidores. Isso começou nas licitações. Por que os três primeiros anos de licitações fracassaram no Governo Dilma? Ninguém se interessou porque quem vai prestar o serviço público tem que ter aquilo que a lei prevê: a possibilidade do equilíbrio econômico-financeiro do contrato. Se as condições de mercado mudam, eu não tenho de ter um limite no meu lucro, tenho que adaptar o contrato de acordo com o que determina a Lei de Licitações. Ela também utilizou as estatais para, por meio do congelamento de preços, tentar segurar a inflação. Em vez de fazer como em todos os países civilizados, que reduziram o déficit público com a eliminação do peso da máquina estatal, ela resolveu controlar os preços, segurando o preço do petróleo e da energia elétrica, levando as estatais desses setores a prejuízos e desestimulando investidores a vir para o Brasil. Isso nunca deu certo em nenhum lugar do mundo em longo prazo. O primeiro congelamento que se conhece na história estava previsto do Código de Hamurabi, em torno de 1700 a.C., e fracassou ao tentar estabelecer um tabelamento. Recentemente tivemos Plano Cruzado e Plano Bresser no Brasil, e Plano Primavera e congelamentos na Argentina,

que até hoje trazem problemas para eles. Nunca deram certo porque o congelamento não controla o mercado. Os preços terão de ser reajustados e, quando forem, teremos pressão inflacionária; e não vai dar para segurar aumentando juros. Então, do ponto de vista econômico,

#### Quais as consequências de não fazer esse ajuste?

A Venezuela é um exemplo. O país tem uma vasta reserva de petróleo, mas falta tudo, porque o governo afastou toda espécie de investidores com seu modelo econômico. Quem vai investir em um momento no qual falta tudo e o governo considera que todo investidor que ganhe um pouco é especulador? Um país que queira crescer tem necessidade de investidores. Qual a poupança ideal para os países? Entre 24% e 25% do PIB. Estamos com uma poupança inferior a 18%. Quando a Grécia chegou a 4% de poupança, vimos o que aconteceu.

#### Por que essa discussão ideológica e modelos econômicos ultrapassados ainda sobrevivem?

A presidente da República foi forjada em relação ao modelo quando era guerrilheira. A maior parte de seus amigos foi treinada em Cuba. Então, ela tem uma formatação. Ela também estudou na Unicamp, que em matéria de Economia é diferente da USP, pois tem uma tendência mais socialista. Houve um momento em que ela entendia que podia ter um mercado nas mãos e que, como o governo é um grande investidor, poderia definir o que o mercado deveria ter de lucro. Poderia intervir direta-

## NÃO TEMOS UMA RESPOSTA DA JUSTIÇA NA VELOCIDADE QUE GOSTARÍAMOS

Meirelles, presidente do Banco Central. Porém, Dilma define as linhas econômicas, e nem o Mantega nem o [Alexandre] Tombini têm capacidade de enfrentar. A presidente tem certa aversão aos lucros. Basta dizer que há três anos ela controla todos os preços.

que até hoje trazem problemas para eles. Nunca deram certo porque o congelamento não controla o mercado. Os preços terão de ser reajustados e, quando forem, teremos pressão inflacionária; e não vai dar para segurar aumentando juros. Então, do ponto de vista econômico,

mente nas empresas e nos preços. Ela permitiu porque entendia que o Estado é necessariamente investidor, e que a burocracia crescerá. Aquele número de servidores públicos que o Fernando Henrique [Cardoso] tinha diminuído cresceu consideravelmente.

**Precisamos de reformas para que o presidente, seja ele quem for, mantenha o Estado previsível e estável?**

Quem assume o poder define o estilo que será adotado pelo governo. No início do mandato, o governante tem capital político para gastar e a Dilma gastou mal, pois permitiu o aparelhamento do Estado. Existe burocracia profissionalizada e concursada nos Estados e, qualquer que seja o presidente, um staff burocrático lhe permite governar, mesmo que seja um mau presidente. Sabe quantos comissionados tem o presidente Barack Obama? Duzentos. Sabe quantos comissionados tem a presidente Dilma? Vinte e dois mil. Não estou fazendo nenhuma análise de valor sobre honestidade ou integridade; estou falando sobre competência. Por isso, a nossa carga tributária é de 37% do PIB; não temos serviços públicos; os investimentos não avançam; as obras públicas e o PAC estão empacados há anos; a inflação está em alta; e há perda de competitividade no mercado internacional. Temos um modelo absolutamente equivocado no qual o peso do Estado esmaga o cidadão.

**Esse modelo híbrido de capitalismo com orientação socialista pode dar certo?**

Esse é um modelo de casamento que dificilmente dá certo. Deu certo na Rússia e na China porque eles disseram o seguinte: "Somos comunistas e ninguém tem o

direito de discutir o modelo político". Criaram uma economia de mercado em uma época na qual não havia leis antitrustes como as criadas pelos Estados Unidos para combater abusos. No Brasil, temos um Estado pesadíssimo sobre o cidadão, com carga tributária de 37% sobre o PIB. Os Estados Unidos, maior economia do mundo, têm 31%. O Japão, terceira economia do mundo, tem entre 31% e 32%. A China tem abaixo de 25%. Estamos nesse patamar para sustentar as estruturas, porque o governo não investe e não temos reforma tributária. Na prática, temos um sistema absolutamente inadequado, confuso e arbitrário, no qual o governo cobra mais dos contribuintes todo ano.

**A Justiça não consegue enfrentar os desmandos do governo?**

Temos Ações Diretas de Inconstitucionalidade esperando para serem julgadas há 14 anos pelo STF. Não temos uma resposta da Justiça na velocidade que gostaríamos. Isso faz com que o governo se beneficie da lentidão e de coisas que poderiam ser contestadas. O Delfim Netto disse que o Estado é necessariamente aético e ele tem toda razão. Quando precisa de recursos, vale a máxima: "Necessidade não conhece princípios". E, como o governo brasileiro precisa cada vez mais de recursos para fazer o superávit primário, usa esse raciocínio. É a antidemocracia.

**O ex-presidente Lula disse que o mensalão teve 80% de decisão política e 20% de decisão jurídica. É razoável o questionamento de uma decisão judicial?**

Acho que o ex-presidente Lula tem um valor impressionante, mas a declaração

foi de uma infelicidade monumental. Mas não foi a primeira vez. Primeiro, ele declarou que os envolvidos no Mensalão não eram homens de sua confiança. Mas o José Genoíno era presidente do Partido dos Trabalhadores e o José Dirceu foi ministro da Casa Civil. Acho um verdadeiro absurdo. Aplicaram a teoria do domínio do fato contra o Dirceu, porque não há prova material contra ele, somente testemunhal. O ex-presidente argentino Jorge Rafael Videla foi condenado com base na teoria do domínio do fato, assim como o ex-presidente do Peru, Alberto Fujimori. Mas quem foi o maior beneficiário do mensalão? Foi o Lula. Eu sempre fui contra a teoria do domínio do fato. Em uma democracia, o processo penal protege o criminoso para que ele tenha o direito de defesa. A teoria do domínio do fato fere o direito de defesa e, se fosse aplicada corretamente, era contra o Lula, não contra o Dirceu. Nesse ponto, o Lula tem razão: foi um julgamento político. Caso contrário, era ele quem deveria estar lá. O PT tem um projeto de poder. No Brasil, como verificamos na Comissão da Ver-

## NO BRASIL, TEMOS UM ESTADO PESADÍSSIMO SOBRE O CIDADÃO

dade, há uma tentativa de pichar quem não pensa como o governo. Eu mesmo, que fui presidente do Partido Libertador e apoiei a revolução, rompi e nunca mais fiz política a partir do Ato Institucional nº 2, porque achei que aquele momento foi uma traição daqueles que fizeram o movimento para garantir a democracia.



---

# COPA MARCA O FIM DE UM CICLO POLÍTICO- -ECONÔMICO

EM ENTREVISTA CONCEDIDA ANTES DA COPA DO MUNDO, O SOCIÓLOGO DEMÉTRIO MAGNOLI CRITICA O USO DE RECURSOS PÚBLICOS PARA CONSTRUÇÃO DE ESTÁDIOS, PONDERA QUE O RESULTADO DOS JOGOS NÃO TEM INFLUÊNCIA NA CORRIDA ELEITORAL E PREVÊ QUE A PRESIDENTE DILMA ROUSSEFF SERIA VAIADA PELO PÚBLICO. ELE ACREDITA QUE O EVENTO MARCA O FIM DE UM CICLO ECONÔMICO E POLÍTICO NO PAÍS E QUE A SÉRIE DE MANIFESTAÇÕES QUE ANTECEDEU A COPA INDICA O GOVERNO COMO GRANDE PERDEDOR. PARA O SOCIÓLOGO, TORCER CONTRA O BRASIL NOS JOGOS POR TEMOR DE QUE A VITÓRIA FAVOREÇA O ATUAL GOVERNO É UMA "BOBEIRA", PORQUE, EM UMA DEMOCRACIA, EXISTE CRÍTICA, LIBERDADE DE EXPRESSÃO E PLURALIDADE DE OPINIÕES.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista





**O que a Copa do Mundo vai representar para o Brasil? Um sonho realizado ou um pesadelo ainda não contabilizado pelo enorme custo do evento?**

A Copa é uma desgraça e um desastre, lamentável em vários aspectos. Desde que a Fifa decidiu fazer a sequência de Copas na África do Sul, Brasil, Rússia e Qatar, ela transformou em um negócio que não é bom para as sedes, mas que é muito bom para a própria Fifa, para os patrocinadores e para um pequeno grupo de empresários que se beneficia dos negócios do evento. É ruim para o Brasil, porque a Copa foi pensada como o coroamento de um processo político e não como um momento de avanço social, econômico e de infraestruturas do País. Implica um desvio imenso de recursos públicos para a finalidade errada: construir estádios. Esses recursos públicos, que não foram aplicados nos lugares corretos, produziram uma reação popular anticopa. A Copa é uma desgraça também porque chegamos a uma

na manutenção da segurança pública. Milhares de soldados são mobilizados em conjunto com a PM nas cidades e, depois, tudo volta ao normal. A Copa é um grande momento de exceção no País, do ponto de vista da segurança pública, da circulação das pessoas nas cidades, em que se congela um país para realizar uma comemoração e depois tudo volta ao normal.

**De onde veio essa magia e fascinação de trazer a Copa do Mundo para o Brasil?**

Não é magia. Houve um cálculo político. Quando o Brasil vivia um período de grande crescimento econômico, em função da conjuntura internacional, o então presidente Lula imaginou que a Copa do Mundo funcionaria como o coroamento de um longo período de poder e como uma grande festa que misturaria o verde e o amarelo do Brasil com o vermelho do PT em uma celebração da sua própria personalidade. Nada disso aconteceu, porque a conjuntura

mudou, o ambiente do País em relação ao governo mudou e o otimismo infundado deu lugar ao pessimismo – até exagerado demais. No lugar

dessa grande comemoração, o que temos é esse anticlímax. O evento marca o fim de um ciclo econômico e político no País. Não é um acaso que o Lula não vai à abertura da Copa, pois quer que as vaias sejam reservadas à Dilma Rousseff e não o atinjam. É um ato de covardia. A Copa foi produzida por uma decisão do Lula em conjunto com o Ricardo Teixeira, então presidente da CBF, e em acordo com a Fifa. Dilma Rousseff tinha pouca importância na época, mas quem vai ser vaiada é ela.

**Qual a parcela de culpa do cidadão, que, em 2007, não fez manifestação contra a Copa quando ainda era possível evitar?**

Não adianta culpar o cidadão pela culpa que é do governo. Quando disseram que a Copa seria no Brasil, garantiu-se que o dinheiro público seria reservado para obras de infraestrutura que iam modificar a cara das cidades brasileiras. Mas obras de infraestrutura não se completaram, grande parte delas foi abandonada no meio do caminho e jamais se completará. O dinheiro público foi aplicado nos estádios, quando o governo, naquela época, disse que isso não aconteceria. Estamos reagindo a uma mentira. Você pode dizer que alguns analistas disseram – eu cheguei a escrever naquela época que era mentira –, mas o que o governo anunciou para a população foi completamente diferente. Anunciou-se uma Copa como a da Alemanha, na qual o dinheiro público vai para os bens públicos e o dinheiro privado vai para os privados. Era mentira, não foi isso que aconteceu. O clamor popular veio, não quando isso ficou claro, mas quando um ciclo econômico terminou e ficou evidente para grande parte da população que esses 12 anos de euforia política foram anos em que o Brasil consumiu muitos bens privados, aumentou a capacidade de consumo e aumentou a renda da população. Porém, não se criaram os bens públicos, na área de educação, saúde e segurança, que permitiriam dizer que o País mudou de patamar de desenvolvimento. Esse conflito entre o crescimento do consumo de bens privados e o não crescimento dos públicos é que produziu as manifestações de junho do ano passado e revelou uma consciência política interessante da população. Nesses dez anos, não fizemos o que devíamos e perdemos

## A COPA É UM GRANDE MOMENTO DE EXCEÇÃO NO PAÍS

situação na qual o ambiente político do País, desde junho do ano passado, é de manifestações minoritárias que param cidades inteiras, transformando a população em reféns de pequenos grupos de manifestantes. Não são mais as grandes manifestações de junho, e isso fez com que o governo resolvesse militarizar as sedes da Copa durante os 30 dias do evento para garantir aquele direito que deveria existir sempre, que é o de ir e vir das pessoas. Esse direito vai ser garantido pelo uso do Exército diretamente

uma grande oportunidade que foi dada pelo cenário internacional, por um crescimento do PIB e da renda muito grande. Nós perdemos a oportunidade e ela não aparece toda hora.

**A Copa, que era para ser o coroamento de uma gestão, pode marcar o início de uma nova conscientização do povo?**

Isso já aconteceu. Não foi a Copa que produziu isso, mas apareceu como um símbolo daquilo que não deve ser feito e de erros que foram constantes nos últimos dez anos. Foi o símbolo de um modelo de crescimento do País não baseado nos bens públicos, mas em bens privados. A Copa acabou sendo o apito de uma panela de pressão: quando as câmeras da Copa das Confederações chegaram ao Brasil, as pessoas saíram às ruas para dizer isso. Só não saíram às ruas como foi em junho do ano passado porque as ruas foram ocupadas por grupos minoritários, violentos, autoritários, vândalos e depredadores, que afastaram as centenas de milhares de pessoas que saíram às ruas no ano passado. Por isso que, durante a Copa, veremos, principalmente, policiais militares, soldados e pequenos grupos de vândalos tentando criar confusão. Isso não muda a percepção da maioria da população, que olha para essa Copa como uma síntese de erros cometidos.

**Qual sua opinião sobre a cobertura da imprensa e midiática do evento?**

Vamos separar duas coisas: mídia e jornalismo são duas palavras que têm sido confundidas pelos inimigos do jornalismo. Mídia é toda indústria de comunicação. Jornalismo é uma parte específica dessa indústria de comunicação, que tem regras particulares e possui princípios especiais. Eu acho que o jornalis-

mo foi relativamente bem na cobertura de todo esse processo da Copa. Desde o começo foi mostrando que o evento não era como o governo estava falando que era. A mídia é outra coisa, quer transmitir a Copa. A mídia tem os direitos de transmissão e está ligada aos patrocinadores. Ela está fazendo o papel dela como indústria do entretenimento. O jornalismo é outra coisa. Os grandes jornais do País, pelo menos alguns deles, mostraram desde o começo que entrou dinheiro público onde não deveria e a obra que deveria estar pronta acabou não ficando. Então, o jornalismo não foi mal, e a mídia fez o papel que se esperava dela.

**A Copa influencia, seja qual for o resultado, nas eleições de outubro?**

Não. O resultado da Copa no campo não tem nenhuma influência eleitoral. Isso é um mito, uma lenda que se repete Copa após Copa. Nós já tivemos o Brasil vencendo a Copa e o partido do governo perdendo eleições e vice-versa. O eleitor sabe distinguir o resultado esportivo da disputa eleitoral. Na minha opinião, não há relação entre essas duas coisas. Existe, sim, uma relação da Copa como evento de mídia e de negócio. Não foi a Copa que acordou as pessoas. As pessoas acordaram antes. Porém, o evento serviu para coagular toda uma série de insatisfações que apareceram antes dele. Nesse sentido, a Copa já foi perdida pelo governo, porque, se você analisa as pesquisas de opinião pública, a maioria das pessoas diz que o evento não deveria ser realizado aqui, não foi feito do jeito certo, que os aeroportos não estão prontos, a mobilidade urbana não melhorou – aliás, piorou – e

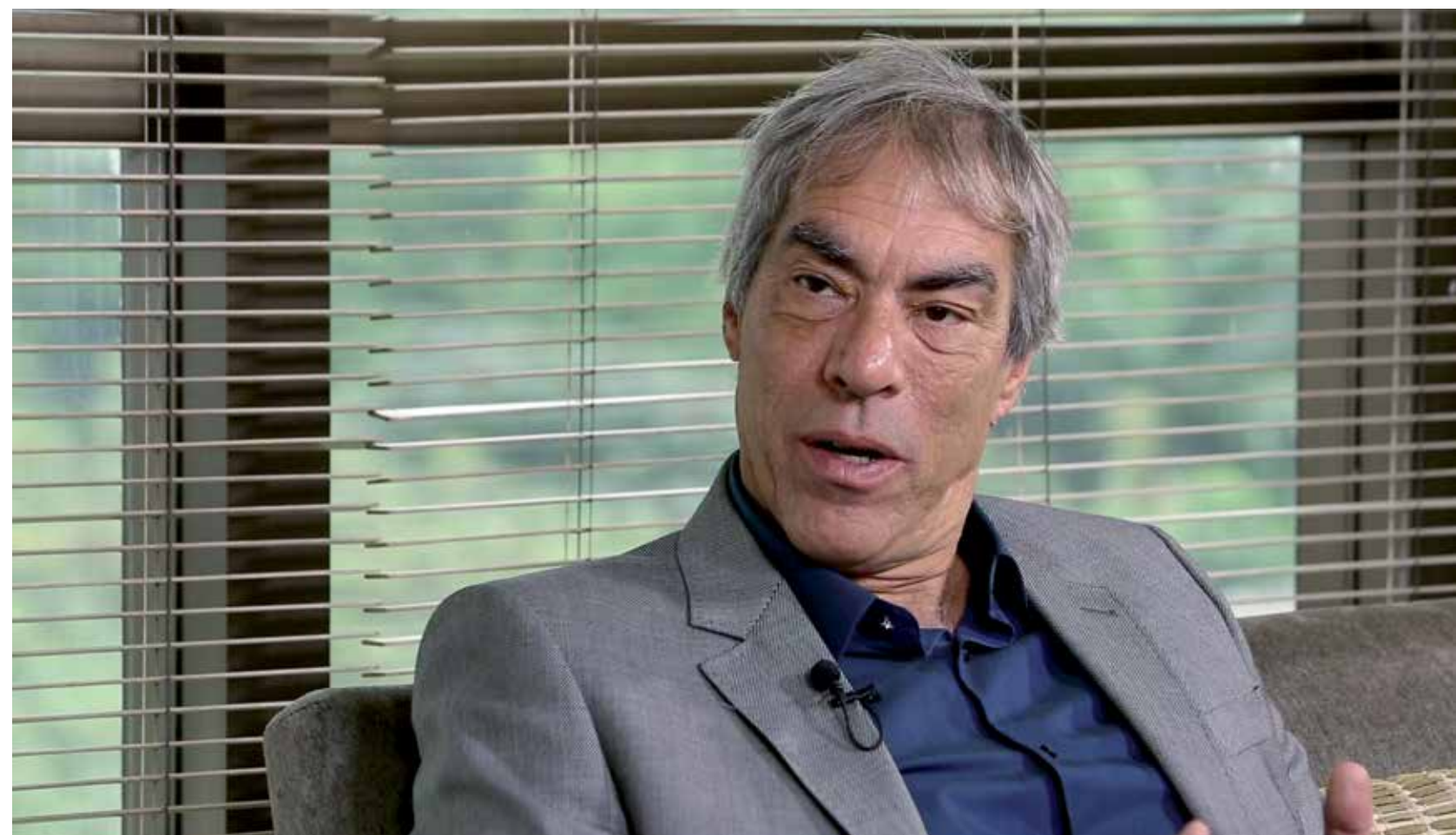
que os recursos públicos foram usados de maneira errada. A Copa “do campo” não tem impacto sobre as eleições, mas eu sei que a minha opinião é minoritária. Não adianta demonstrar através de várias outras Copas que não existe relação, porque as pessoas acham que tem.

**Muitas pessoas fazem essa relação e acabam não torcendo pela seleção com medo de que o País piore.**

É tão curioso isso. Eu tenho idade suficiente para ter vivido a Copa de 1970 e me lembro de que amigos dos meus pais pensavam em torcer contra, porque a vitória na Copa favoreceria a ditadura. É muito curioso ver em 2014 as pessoas falarem aquilo que se falava em 1970. Naquela época, podia até ser verdade que a vitória do Brasil nos campos favoreceria a ditadura, porque era uma ditadura. Essa é a diferença. Em uma ditadura, a vitória esportiva do time pode favorecer o regime porque não existia a crítica, liberdade de expressão e a pluralidade de

## O RESULTADO DA COPA NO CAMPO NÃO TEM NENHUMA INFLUÊNCIA ELEITORAL

opiniões. Eu sugiro que o pessoal que diz que vai torcer contra o Brasil deixe de bocejar. Torça como o seu coração mandar, portanto, a favor da seleção, no caso de 99,9% das pessoas. Separe a competição esportiva da disputa política. Eu vou torcer pelo Brasil, sem grande entusiasmo, não por causa da situação política, mas porque há muito tempo eu acho o futebol jogado um tanto chato.



---

# OS GOVERNANTES ESTÃO PERDENDO A NOÇÃO DA REALIDADE

DIREITOS E DEVERES AINDA NÃO FORAM ASSIMILADOS PELO CIDADÃO. ESSA É A AVALIAÇÃO DO JURISTA LUIZ FLÁVIO GOMES, PRESIDENTE DO INSTITUTO AVANTE BRASIL, CUJA MISSÃO É ACOMPANHAR E PROPOR POLÍTICAS PÚBLICAS. COM UMA VISÃO SOMBRIA PARA OS RUMOS DA CIDADANIA E DA JUSTIÇA NO PAÍS, ELE CRITICA A FALTA DE COMPROMETIMENTO DAS ELITES GOVERNANTES COM A CONSTRUÇÃO DE UMA NAÇÃO DESENVOLVIDA E SE DIZ TEMOROSO COM O CRESCIMENTO DA INDIGNAÇÃO DA POPULAÇÃO.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



#### **Entre direitos e deveres, a sociedade brasileira faz a sua parte?**

As duas coisas são precárias no Brasil. Temos direitos que não são dados, pois o Estado não cumpre bem o seu papel, e, ao mesmo tempo, no que diz respeito às responsabilidades, o cidadão também não cumpre seus deveres. Os motoristas, por exemplo, não cumprem a responsabilidade de respeitar sinais e de não beber e dirigir depois. Ele bebe e dirige. Depois que mata uma pessoa, não cumpre os deveres de arcar com o ressarcimento dos danos em favor da vítima ou dos seus familiares. Tratamos uns aos outros, nas relações do dia a dia, com total descaso. Logo, muita gente não cumpre suas responsabilidades e os direitos não estão sendo atendidos na extensão que se deveria.

#### **Uma coisa é consequência da outra? A ausência de direitos gera falta de responsabilidade para com os deveres?**

Historicamente, quem primeiro começou a descumprir o acordo foi a elite, que sugou o Brasil, fez fortuna e colocou todo mundo na escravidão. Eles descumpriram a obrigação civil de construir uma nação aqui – e que não se construiu até hoje. Quem trabalha deve ser bem remunerado, e a população tem direito a moradia, hospital e educação. É o mínimo que se pode oferecer ao trabalhador.

## **A ELITE QUE GOVERNA NÃO PENSA COMO NAÇÃO**

No entanto, os brasileiros não têm isso. O primeiro ponto seria ter um bom salário, como acontece nos 18 países com o IDH mais alto do mundo. Essas nações

têm poucos conflitos e registram um assassinato a cada 100 mil pessoas. O Brasil tem 27 assassinatos para cada 100 mil pessoas. Isso acontece por causa do estado conflitivo em que vivemos. Está todo mundo infeliz, do empresário ao assalariado. O Poder Público, que arrecada como no Primeiro Mundo, é lento, moroso, custoso, presta poucos serviços e desvia muito dinheiro.

#### **É o próprio brasileiro fazendo mal para o Brasil?**

Não há dúvida. A elite que governa (ou os governantes) não pensa como nação. Está rompida a doutrina de Rousseau, que dizia que o Poder Público vê os interesses gerais. Isso acabou. O Poder Público hoje está mancomunado com o poder econômico, que o compra na hora da eleição e só atende aos interesses próprios, não mais o interesse geral. Os interesses são sempre particularizados, e quem tem mais influência leva mais.

#### **A insatisfação demonstrada por parte da população em relação à Copa do Mundo vem do fato de a negociação para trazer o evento ter sido baseada no interesse do governante à época e não do País?**

Uma Copa do Mundo seria um ótimo momento para comemoração se o País estivesse em ordem. Quando se decidiu que a Copa seria no Brasil, a classe C estava em ascensão e o mundo jogava dinheiro no País. Hoje, o momento é completamente distinto. Temos a volta da inflação, o povo não acredita nas instituições e vai para as ruas porque está indignado com a educação, com a saúde e com a mobilidade urbana. Essa humi-

lhação vai virando ódio e isso desencadeia uma violência brutal. É a prova de que o brasileiro não acredita mais nas instituições. Linchamentos, por exemplo, são a expressão de massa e não de um país fundado em valores positivos, que possam construir uma nação competitiva perante outros países.

#### **Qual é a parcela de culpa do cidadão brasileiro?**

O cidadão brasileiro tem parcela de culpa na medida em que não há um esforço para progresso individual, como estudar mais e se preparar para o mercado de trabalho. Existem muitas vagas de empregos não preenchidas porque o brasileiro não tem essa preocupação, como tem o sul-coreano, que estuda das 8h às 18h na escola e até as 23h em casa. Quem está mais preparado para o mundo competitivo e globalizado? Existe uma parcela de culpa do brasileiro, mas também há muitas promessas feitas para ele que não são cumpridas. Ele fica na expectativa de que o Poder Público cumpra e a frustração é grande. Frustração gera indignação, indignação gera ódio e ódio gera violência. Isso explica esse contexto no qual vivemos. O império da lei não existe no Brasil. Todo mundo viola as regras e a impunidade é generalizada. Não é só a impunidade dos ricos, também a impunidade dos pobres. Menos de 2% dos crimes são punidos no País. O Estado está fundado em quatro coisas: democracia, mercado econômico, império da lei e sociedade civil. Os quatro fundamentos de uma nação próspera estão degenerados no Brasil. A sociedade civil não tem responsabilidade com a comunidade, cada um faz por si o que quer, não pensa no coletivo. Há muito lucro, porém, não há distribuição.

### Também não há excelência na prestação de serviços privados...

Os mesmos vícios do poder podem ser notados nas grandes empresas privadas. Tudo aqui é mais caro e a qualidade do serviço é precária. Nossa democracia vive hoje a crise de legitimidade mais aguda de toda a história, e as pesquisas mostram que a maioria dos brasileiros acha que os políticos são corruptos ou muito corruptos. Isso degenerou completamente a estrutura democrática. Ou seja, nada funciona no País. Não dá para dizer que o Brasil é um país competitivo. Competitivo com quem? Estamos perdendo, em termos sociais, para Venezuela, Uruguai, Chile e Argentina. Criticamos a Venezuela por suas escolhas políticas, mas, no social, somos menos que a Venezuela.

### Mas de onde veio, então, aquele entusiasmo todo até 2010/2012? De onde veio esse entusiasmo de que faríamos finalmente o “gigante acordar”?

O entusiasmo veio porque se elevou o salário mínimo e o povo começou a consumir, sendo a classe C a que mais consome até hoje. Depois, parecia que o Brasil iria controlar a inflação definitivamente e, por fim, conseguimos reservas fantásticas de dólares. Porém, o Brasil foi degringolando. Nossas mercadorias, que valeram muito há uma década, hoje já não valem tanto. Nosso câmbio, que estava estável, hoje está desvalorizado. Todos os fatores econômicos foram perdendo consistência. O Brasil mudou muito de 2008 até 2014. Estamos vivendo agora um período de vacas magras, em que se exporta pouco, o salário está caindo e já começa a ter problemas com o emprego. Fala-se de emprego pleno no Brasil, mas temos 17 milhões de pessoas

que nem sequer buscam trabalho. Temos 22 milhões trabalhando e 17 milhões não procuram. Se eles buscarem, não encontrarão emprego ou receberão salário muito baixo. O Brasil não apresenta bons indicadores socioeconômicos e a culpa é generalizada, porque escolhemos mal a elite que nos governa. Historicamente, nossas escolhas são péssimas. Hoje, metade do Congresso Nacional responde por inquérito ou por ação penal e é reeleita continuamente. Então, é culpa do eleitor e do político. O País foi construído de maneira muito equivocada. Ou muda tudo ou vamos ficar piores daqui para a frente.

### O brasileiro acredita que tem direito a tudo, mas ninguém tem obrigação de nada?

O que explica isso é uma teoria do filósofo e sociólogo espanhol José Ortega y Gasset, que há um século escreveu o seguinte: “A sociedade desorientada e desnordeada vira uma sociedade de massa. Quando se rebela, não vê mais nenhum poder pela frente e não cumpre normas”. Somos, indiscutivelmente, uma sociedade de massa. O que Ortega y Gasset diagnosticou para a Europa no princípio do século XX vale para nós. Uma sociedade de massa não respeita normas, hierarquias, poderes instituídos e desconfia de tudo, e cada qual se julga no direito de fazer o que bem entende. As normas que existem não são cumpridas e o poder não tem capacidade de impor o império da lei. Os laços e os vínculos já não existem mais. É por isso que, por exemplo, hoje, ninguém sabe o que vai acontecer nas próximas eleições. São tantos acontecimentos daqui até lá,

e diariamente acontecem tantas coisas, que a sociedade de massa pode estar, hoje, em um rumo e amanhã, em outro. Ninguém governa a massa e ninguém é responsável por nada.

### Existe cinismo por parte dos governantes?

Os governantes estão perdendo a noção da realidade. Não percebem que o brasileiro está com a emoção à flor da pele e

## OU MUDA TUDO OU VAMOS FICAR PIORES DAQUI PARA FRENTE

está ficando extremamente intolerante. Os governantes não percebem que um ano ou dois anos é tempo suficiente para mudar o quadro do País inteiro. O risco de o Brasil entrar em um fascismo absoluto é enorme.

### O que o senhor espera do Brasil?

Temos um país cheio de desgraças e isso não anima a população a fazer o bem e a se engajar em projetos coletivos. Estamos caminhando para um autoritarismo brutal. Não vejo perspectiva de melhoras: os políticos estão dormindo e vão acordar com o povo quebrando tudo. As pessoas não confiam na Justiça nem na polícia, os hospitais são horrorosos e a educação é indecente. O povo está ficando ressentido. Se você olhar na internet, em que todo mundo se expressa à vontade, verá a quantidade de ódio. Ideias não são discutidas. Por isso, ninguém pode prognosticar o que vai acontecer nas eleições de outubro.



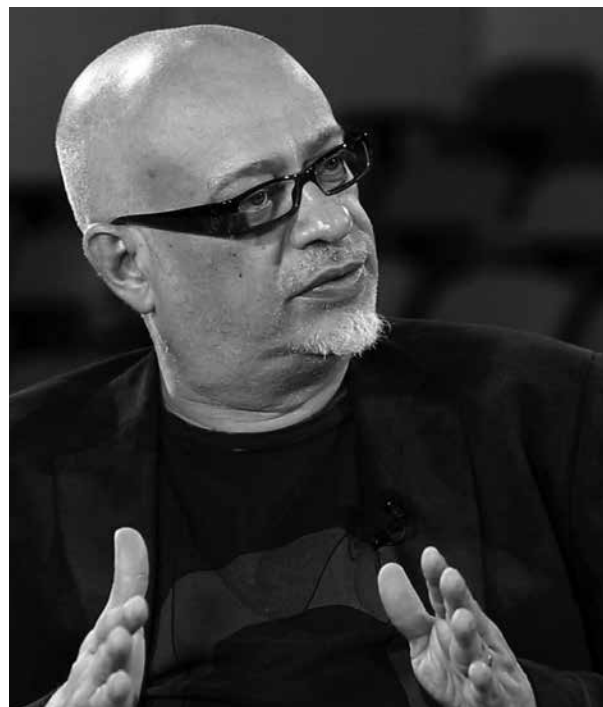
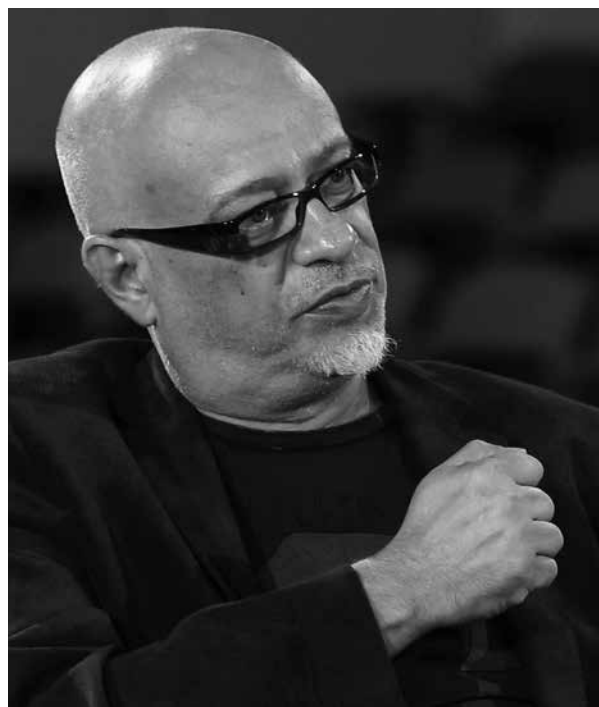
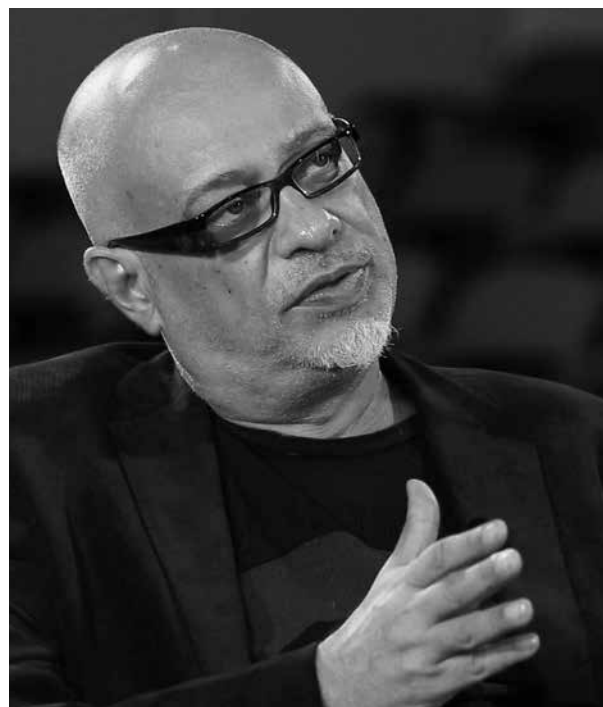
---

# DEMOCRACIA É ORDEM INSTITUCIONAL

A DEMOCRACIA BRASILEIRA CORRE O RISCO DE SER SEQUESTRADA PELA FALSA SENSÇÃO DE REPRESENTAÇÃO. ESSA É A VISÃO DO FILÓSOFO, ESCRITOR E PROFESSOR DAS UNIVERSIDADES PUC-SP E FAAP, LUIZ FELIPE PONDÉ. O TEMOR, DIZ ELE, É NOS APROXIMARMOS DE UM MODELO VENEZUELANO, FORMADO POR MILITANTES PROFISSIONAIS. O ACADÊMICO TAMBÉM CRITICA A DOCTRINAÇÃO ESQUERDISTA DE ESTUDANTES POR PROFESSORES NOS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS, QUE, SEGUNDO ELE, VIVEM NO PASSADO, COM SAUDADES DA GUERRA FRIA E DE TER UM REGIME MILITAR PARA ODIAR.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



#### Como está a democracia brasileira?

A democracia está muito viva e ativa, para o bem e para o mal. A expressão “quem nunca comeu melado quando come se lambuza” define o momento, com os excessos nas manifestações. Acho negativo acreditar que as ruas são do povo, então se pode atrapalhar a vida de todo mundo. Acho positivo o fato de

uma tendência que parece um “democratismo populista”: você põe o nome social e todo mundo pode fazer o que quiser. Ou seja, o social, por si só, é uma palavra mágica que significa legitimidade. A democracia não está legitimada só em uma soberania popular que invade prédios, e sim, antes de tudo, em voto e em instituições sólidas. Não em alguém

que acha que tem de ter casa de graça e invade uma propriedade ou órgão público. A democracia brasileira corre um sério risco nos últimos tempos de lentamente migrar para um modelo bolivariano, semelhante ao da Vene-

### VOCÊ ACHA QUE QUEM TRABALHA PODE FICAR ORGANIZANDO MANIFESTAÇÃO NA AVENIDA PAULISTA?

zuela. É claro que o Brasil é uma economia muito forte, uma democracia muito mais complexa e rica do que a venezuelana, mas corre esse risco, no sentido de você criar comitês de participação social, o que é uma grande mentira. Esses comitês são formados por militantes profissionais. Você acha que quem trabalha pode ficar organizando manifestação na Avenida Paulista? Por isso, tem basicamente estudante, sindicalista e gente que é militante profissional. Essa história de que eles representam o povo é uma falácia. [Entrevista concedida antes das manifestações que reivindicaram o impeachment de Dilma Rousseff]

que o Brasil, mesmo vivendo momentos difíceis no último ano, ainda tenha ordem institucional. Democracia é ordem institucional. Entendo o sistema, antes de tudo, como regime em que se tem instituições que acolhem e fazem eco aos conflitos da sociedade. Quando você quebra essas instituições, eu não acho mais uma democracia, mas sei que tem gente que acha. Não acredito em democracia direta e em plebiscitos excessivos. Não acho que seja democracia invadir a rua o tempo inteiro e atrapalhar as pessoas de irem trabalhar, ao hospital ou buscar filho na escola. Entendo que a democracia é um regime institucional em que você tem diferentes câmaras, com Executivo, Legislativo e Judiciário, além de sindicatos e mídia livres. Ou seja, você tem um mecanismo de pesos e contrapesos institucionais que acolhem e reverberam os conflitos da sociedade. Nesse sentido, a nossa democracia continua funcionando e acho isso positivo. Tem passado por dificuldades e escândalos, como o Mensalão. Porém, acho negativa

#### Esse militante está de má-fé ou com a cabeça no passado, pensando que ainda vivemos na época do Regime Militar?

Essa situação começa com gente de uma geração que hoje está com 50 a 60 anos, professores de jovens, para fazer essa relação entre as duas gerações. No fundo, acham que a vida perdeu a graça depois que a ditadura acabou. Você não tem

mais o mal para ficar xingando. Sabe quando se fala em viúvas do socialismo? São pessoas que acham muito mais bonito ter um regime malvado para condenar, porque era ruim mesmo. A maioria dos manifestantes me parece ter má-fé, pois acham que a democracia não é suficiente. Recentemente, um desses novos gurus de movimentos sociais que têm aparecido falou que a democracia brasileira era tosca e, por isso, o mínimo que as pessoas tinham de aguentar é que o seu cotidiano fosse interrompido por movimentos sociais. A mim eles não convencem de que querem salvar o País. Para mim, é muito claro que querem o Brasil igualzinho a eles, que pense como eles de forma totalitária e, inclusive, corrupto, porque todo regime que tentou estabelecer formas centralizadas de socialismo é corrupto. Há uma mistura de gente que vive no passado, por isso eu falava antes das viúvas do ódio à ditadura, e esse grupo de jovens políticos de má-fé. É uma espécie de arrivismo político, que se diz preocupado com o País, chamando a democracia de tosca. É claro que a democracia brasileira não é a ideal, mas a democracia nunca é ideal. A política é a arte do possível. O PT está fazendo aliança com o Paulo Maluf, mas isso é parte da política. O problema é que parte dos petistas sempre teve a autoimagem de santos salvadores do mundo. Então, na hora em que o PT está no poder e faz acordo com o Maluf, fica todo mundo surpreso. Política é isso, precisa de participação, acordo e jogo. É legítimo fazer acordos. Estou dizendo que essa ideia de democracia ideal e perfeita não existe. Parece que o Brasil vive uma espécie de surto, desde junho do ano passado, de grupos pequenos numericamente que interrompem a

vida e se acham representantes do País. Para mim, são totalitários.

#### O brasileiro está mais maduro em relação à democracia?

À medida que as décadas passam, a democracia vai se estabilizando e as pessoas vão melhorando um pouquinho a escolaridade, o salário, vão conseguindo trabalhar mais, viajar e ver mais televisão, onde existe debate de ideias. Por exemplo, sabemos que grande parte da classe C assiste à TV Cultura, porque entendem que assistir o canal significa “preciso comer melhor, preciso dormir melhor e também entender melhor”. É uma linha direta, e quem está procurando é a classe média, que não são pessoas que têm uma tradição de cultura e de pensamento. O brasileiro aparentemente está começando a ser mais exigente com as coisas, assim como é mais exigente quando compra um sapato com defeito. Ele começa a ficar mais consciente, crítico e reclama, pois paga imposto e sabe que tem de receber de volta. Essa é a dimensão civilizadora do consumo. Quando você começa a trabalhar, consumir e pagar imposto, passa a julgar. Essa relação é civilizadora e passa inclusive pelo crescimento do comércio nas suas várias relações, criando trocas: um dia faço negócio com você e cobro de você, porque lhe paguei. Isso vai criando relacionamento que passa pela troca de interesses e faz parte da vida civilizada. Grande parte da população no Brasil quer trabalhar, ter filhos, não dormir na rua, seguro-saúde razoável, viajar nas férias, transar, sair à noite para jantar, ir ao cinema e passear na praia. É o que todo mundo quer. E quer trabalhar, ganhar seu salário e poder comprar as coisas que deseja. Conforme vai ganhando melhor,

migra para uma posição na qual enxerga a transferência de renda de uma forma complicada, seja do Bolsa Família ou, no caso dos metroviários de São Paulo, que querem receber aumentos maiores do que a inflação e são empregados públicos, portanto, quem paga eles sou eu com meus impostos. Eles estão pegando de mim esse dinheiro e eu não tenho de onde pegar, apesar de trabalhar muito.

#### Essa consciência interior está aumentando? Podemos dizer que isso levará ao ativismo?

Acho que essa pessoa dificilmente irá para a rua, no sentido de protestar e interromper o cotidiano. Esse tipo de pessoa que eu estava descrevendo é o tipo que vai adorar dar uma entrevista para um canal de TV e xingar uma greve. Vai adorar ver o grevista ser multado e demitido. Não acredito que o primeiro movimento dela seja ir para a rua, porque tem o cotidiano preso às responsabilidades imediatas. Ela pode, sim, começar a pressionar e querer quebrar e invadir a estação do metrô, quando tiram o seu direito de usar o transporte. Na hora de votar, essa pessoa pode começar a observar mais, ser mais chata e crítica. Quer saber melhor quem são os políticos, então nesse sentido pode ser mais ativista. O ativismo de parar a Avenida Paulista faz parte do processo de o brasileiro começar a perceber que democracia depende do que ele faz, mas é um tipo de atitude que está mais relacionada com certos grupos da franja da sociedade, muitos deles pouco produtivos, e de estudantes de Ciências Sociais e Ciências Humanas.

Portanto, uma franja entre os estudantes também, que são extremamente organizados e conseguem se impor no espaço público. O Brasil está passando por um momento em que a democracia está muito viva e as pessoas descobriram o que elas são. A democracia fica muito viva em momentos de crise e de tensão, pois aprendemos com a dor e tomamos consciência das coisas.

#### Você, como professor, pode comentar melhor. O que os alunos estão aprendendo nessas universidades de Ciências Sociais? Eles discutem os problemas atuais?

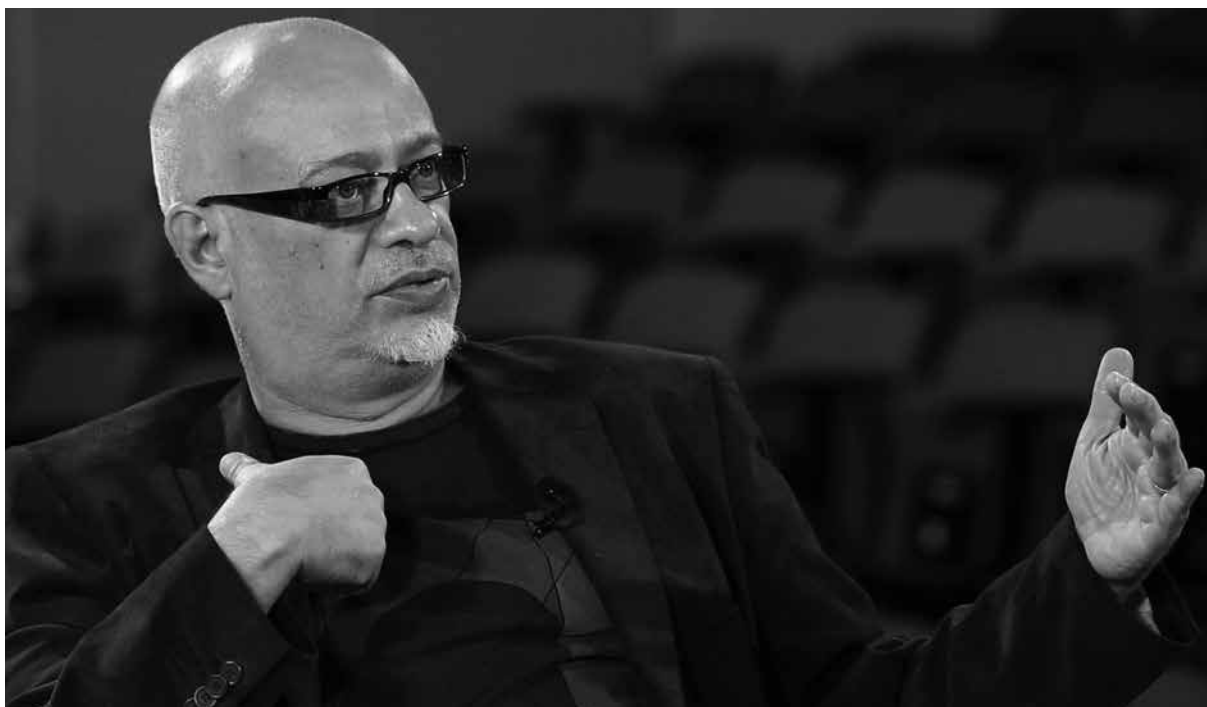
Discutir o passado dá sempre uma proteção, porque já passou. Você, de fato, não pode fazer muita coisa sobre ele. Discutir o presente é sempre mais problemático, porque ele está irritando o tempo inteiro e exigindo de você. Os cursos de Ciências Sociais no Brasil, a grosso modo, viraram uma igreja de pregação marxista nas suas mais variadas formas. Os alunos vão, normalmente, porque querem essa

## OS CURSOS DE CIÊNCIAS SOCIAIS NO BRASIL, A GROSSO MODO, VIRARAM UMA IGREJA DE PREGAÇÃO MARXISTA NAS SUAS MAIS VARIADAS FORMAS

pregação. Eles já vêm de escolas caras da Zona Oeste, nas quais os professores de Geografia, História, Filosofia e Sociologia já os preparam para isso, a aprender a ser do PSTU ou PSOL. Então, discutir Mao Tse-Tung é muito comum. A culpa principal é dos professores, não dos alunos, porque eles já vêm contaminados do ensino médio. Do ponto de vista do jovem,







é sempre melhor pensar em mudar o mundo do que ter de arrumar o quarto. Você vai mudar o mundo com dezoito anos? São dessas causas abstratas que muitos jovens gostam, pois a realidade imediata é insuportável. É bom abraçar a causa do PSTU e dos índios, por exemplo, apesar de que ele abraça a partir do Mac dele no Facebook.

**Essa fuga é uma coisa humana, dadas às incompetências humanas, ou é apenas conveniente e covarde?**

Tentar fugir da vida é uma coisa natural, pois a vida é difícil. Faz parte do processo de amadurecimento lidar com essas ambivalências da vida. Então, se você pergunta se isso é covardia, parece-me que, quando isso se transforma em uma tendência, como no caso do Brasil hoje, é, sim, covardia e oportunismo. Porque esses professores viram gurus e têm alunos que os seguem. Tem toda uma sociabilidade ao redor do professor-

ças difíceis de aceitar. Eu tenho um sentimento de que nos últimos 250 anos a política, para muitos, virou uma espécie de teologia. Deus não existe, mas existe a história, a justiça social e os movimentos sociais. Houve uma migração da expectativa da salvação pela Graça para o terreno do ativismo político. Isso é típico da democracia como um todo: a ideia de que a política é que transforma, o que, de alguma forma, é verdade.

**De qual maneira o jornalismo está contando isso hoje? Você vê a imprensa cobrindo o cotidiano de uma maneira madura?**

Acho que o jornalismo é melhor do que a universidade nesse sentido. Não é perfeito, mas é melhor. E é porque tem mais gente dentro dele, mais competição e conflito de ideias. Quando falo assim, parece que está ótimo, mas não é. A universidade, nas áreas de Ciências Humanas, cobre muito mal tudo isso,

no sentido de discutir. É uma pregação quase o tempo inteiro. Parece-me um problema para o jornalismo o fato de que grande parte dos meninos e meninas que vão para a redação é formada nas universidades que

falei antes. Por exemplo, em relação às manifestações, grande parte desses meninos e meninas que conheço trabalhando em jornais está achando que os movimentos sociais são transformadores, libertários e democráticos. Eles têm um Eros com esse tipo de movimento que torna, muitas vezes, o olhar enviesado e erotiza a manifestação. Aquela camada média da redação faz com que muitos jornalistas fiquem, no final das

contas, torcendo o tempo inteiro pelas manifestações ou tendo uma visão ingênua. Existe democracia sem polícia? É claro que não. A polícia tem de evoluir na forma de agir, ser mais competente e menos violenta, mas não pode deixar de existir. Inclusive, essa discussão da militarização da polícia eu acho ridícula. Na Europa é militarizada. Você tem uma série de polícias que têm processos de polícia de choque. Então, a discussão do problema é meio pobre e com pouca pesquisa empírica. A polícia militar não foi inventada pela ditadura militar, tem uma história anterior. Mas o jornalismo, muitas vezes, acaba não cobrindo muito bem. Primeiro porque o jornalista está correndo, tem de pagar conta, ganha mal e vive uma situação de estresse completo. Depois, porque o jornalismo é ainda muito enviesado ideologicamente.

**Onde está a esperança do Brasil hoje? É naquele profissional que começou a ascender e descobriu que as coisas têm preço e vai reclamar do serviço público?**

Ela está em conseguir produzir uma sociedade, uma democracia liberal moderna com direitos civis, com mercado ativo e um mercado de trabalho rico e competitivo, no qual as pessoas possam ganhar mais, comprar mais, estudar mais, viajar mais e conhecer mais. É nesse brasileiro que está a esperança. Um brasileiro que está valorizando a autonomia, sua responsabilidade e veja a si mesmo como causa do seu sucesso. Não um brasileiro que olha para o governo como Deus.

## SÃO DAS CAUSAS ABSTRATAS QUE OS JOVENS MAIS GOSTAM, POIS A REALIDADE IMEDIATA É INSUPORTÁVEL

-guru que fica ensinando na sala de aula que aqueles jovens fazem parte de um processo transformador da história. O problema da esquerda é, antes de tudo, moral, não é político. É não querer assumir as diferenças insuportáveis entre as pessoas e a autonomia solitária na qual nos encontramos. Antes de tudo é um problema de caráter e, por isso, pode resvalar em covardia, em ressentimento, lidar com o fato de que existem diferen-

---

# ECONOMICAMENTE, O PAÍS ESTÁ DOENTE

COM A INFLAÇÃO EM ALTA E O CONTROLE DE PREÇOS IMPOSTO PELO GOVERNO ÀS ESTATAIS, A RECEITA É DE DESASTRE PARA A ECONOMIA NACIONAL. PARA O ECONOMISTA E PROFESSOR DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO – E TAMBÉM EX-SECRETÁRIO DE POLÍTICA ECONÔMICA DO MINISTÉRIO DA FAZENDA NO INÍCIO DA DÉCADA DE 1990 –, ROBERTO MACEDO, O CRESCIMENTO PÍFIO DO PIB PROVA QUE ESTAMOS EM APUROS E QUE AS PESSOAS COMEÇAM A NOTAR QUE ALGO NÃO VAI BEM. PARA DESATAR O NÓ, O ECONOMISTA ACREDITA NA PARCERIA ENTRE OS SETORES PÚBLICO E PRIVADO.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



**O senhor considera que a lógica da política econômica brasileira olha para o futuro e é sustentável no longo prazo?**

Não, olha exclusivamente o presente. Ela tem um horizonte muito curto e sua preocupação fundamental é a política. Temos um governo que está no poder há 12 anos e quer continuar. Isso é razoável, mas, para fazer isso, pôs uma espécie de cabresto na economia, que é conduzida

das, porque as pessoas saem para fazer turismo e fazem compras e, nas nossas lojas, 90% do estoque é de produtos chineses. Vão se acumulando distorções que podem, no futuro, causar uma crise cambial. Hoje não estamos na situação, porque temos muita reserva, mas vivemos o período de menor crescimento do País. O primeiro trimestre deste ano teve uma taxa ridícula do PIB de 0,2%. O

peçoal fala "PIBinho", mas está errado, porque o PIB brasileiro é muito grande, por causa do tamanho do País. É o sétimo ou oitavo do mundo, dependendo da taxa de câmbio. Deveriam falar é "taxinhas do PIBão", pois o que nos preocupa é a taxa de variação dele, que está muito pequena. Neste ano, já tem gente

estimando que vai ser perto de 1% e que, no segundo semestre, talvez a variação seja negativa. O quadro é muito ruim e desestimula o próprio consumidor. Quando os jornais começam a falar má notícia, o sujeito fica com medo de consumir e até de perder o próprio emprego. E também tem a inflação, que come o salário. Se ela aumenta, mesmo que o seu reajuste seja igual à taxa de inflação, você perde dinheiro, porque a inflação é mais rápida do que o reajuste.

**Por que os temas relacionados à economia não chegam às pessoas? Deixou de ser assunto?**

Não deixou, por várias razões, mas é que estamos em uma situação em que a taxa de desemprego é pequena. Os problemas que nós temos não têm aquela gravidade de gerar crises como na época em que não tínhamos reservas.

Tínhamos crise cambial, o governo emitia dívida em dólar e, quando o câmbio subia, ficava em dificuldades e tinha que aumentar impostos, gerando uma crise cambial. Hoje não existe isso, temos reservas e a taxa de juros é menor do que já foi no passado. Mas as pessoas estão percebendo que o clima não está bom, e isso gera um mau humor. E uma coisa que afeta os mais pobres são os preços dos bens e serviços, que estão ficando caros. Eles não sabem que é a inflação, isso é linguagem de economista. O economista, às vezes, tem dificuldade de se comunicar com o público e usa uma linguagem muito hermética. Então, hoje, as pessoas não estão necessariamente focadas na economia como no passado, em que tínhamos muita crise, porém sentem que algo não está bem. Existe uma demanda também para a qual a Copa contribuiu, porque as pessoas começaram a ver que estavam gastando muito com estádio e pouco com os serviços dos quais a população é tão carente. Muitas pessoas morrem, porque não são tratadas no hospital.

**O senhor acha que os gastos com a Copa evidenciaram que o Estado tinha recursos para fazer investimentos e não fez, nessas áreas mais vitais, como educação e saúde?**

Tudo que será gerado de receita nos estádios vai para a Fifa e já se sabe que ela terá um lucro imenso. O País dá muito, mas vai ficar com o quê? Uma manada de elefantes brancos, que são os estádios, com o custo muito alto e com recursos que poderiam ser usados em outras coisas. As pessoas vão percebendo isso. Confesso a você que percebo isso há muito tempo, por causa da minha formação de economista, mas compreendo

## O GOVERNO NÃO TEM DINHEIRO PARA INVESTIR POR CAUSA DOS PROGRAMAS SOCIAIS. ESTIMO QUE EXISTAM 60 MILHÕES DE PESSOAS RECEBENDO BENEFÍCIOS

quase exclusivamente em função de variáveis políticas e para agradar determinados grupos, como dar aumento para o Bolsa Família. Existe o problema das tarifas de energia elétrica, que precisam ser reajustadas, mas isso é adiado para o ano que vem, segura-se o preço da gasolina, porque é impopular. Porém, isso não está nos manuais de economia, tem de manter os preços realistas. Vão se acumulando distorções que, lá na frente, terão de ser corrigidas, seja pela Dilma reeleita ou pelo candidato de oposição. Se não corrigir, tem distorções muito sérias e os empresários ficam retraídos e reduzem investimentos. O empreendedor olha muito o futuro, pensando em fazer um investimento e lucrar. Mas, com esse "mexe-mexe", fica inseguro. Outro aspecto é como o governo privilegia muito o consumo e gera um problema nas contas externas, que estão desequilibra-



## O PRÓPRIO GOVERNO TINHA QUE DAR UM JEITO DE SEGURAR OS GASTOS DE CONSUMO, PORQUE GASTA DEMAIS

que as pessoas têm muitas razões para reclamar. Agora, há ilusões. Uma ilusão muito grande, que está completamente equivocada, é que temos uma carga tributária muito alta. Tem até uma história inventada que você tem a carga tributá-

ria da Inglaterra, de 40% do PIB, e tem o serviço público de Gana. Isso está errado, porque temos que pensar o seguinte: arredondando a nossa carga para 40%, que é próxima à da Inglaterra, o correto é olhar o que se arrecada por pessoa e o recurso que tem para prestar serviços aos habitantes do País. A Inglaterra tem uma renda ou produto per capita por habitante de US\$ 40 mil, enquanto no Brasil são só US\$ 10 mil. Então, com os US\$ 40 mil de lá, o governo arrecada US\$ 16 por habitante, com uma população muito menor. No Brasil, só arrecada US\$ 4. Se o Brasil não crescer a uma velocidade maior, vai ficar perenemente nessa situação, com todos os seus problemas, como a má qualidade do serviço público. Tem de aumentar mesmo é a produção por habitante.

### É de novo a lógica de fazer crescer o bolo para repartir?

Antigamente tinha essa história, que se atribuía ao Delfim Netto, que primeiro era preciso crescer o bolo para depois distribuir. E agora se fala que estão só

distribuindo, com todos esses programas sociais, e que isso está impedindo o País de crescer. Eu sou a favor de programas sociais, defendo isso há muito tempo. Mas tem de haver um equilíbrio, com recurso para fazer mais estradas, hospitais e shopping centers, porque aí vai gerar emprego e renda. Mandasse só consumir, dá crédito e, em algum momento, a pessoa vai estar endividada. Caso contrário, seria fácil desenvolver o País, bastava montar um banco e dar crédito. Mas isso termina com um grande

déficit nas contas externas, sem produção interna e as pessoas endividadas. Se você faz investimento em shopping center, fábrica ou hospital público, gera emprego, renda e não fica só dependendo do crédito.

### Como é possível resolver essa situação econômica em que estamos hoje?

Você tem de fato um nó, porque economicamente o País está doente. Está na UTI, com uma fraqueza muito grande, uma situação de gente mal nutrida. O problema básico, na visão do economista, é que ele está fraco, pois só consome e não sobra dinheiro para investir. Você precisa de uma liderança política que convença o povo de que é necessário fazer algumas coisas. Talvez ele não goste, porque vai aumentar o preço da gasolina, por exemplo. Mas tem que ter a confiança para dizer que lá na frente nós vamos melhorar. O governo não tem dinheiro para investir por causa dos programas sociais. Estimo que existam 60 milhões de pessoas recebendo benefício do Governo Federal, como Previdência,

Bolsa Família, seguro-desemprego e um monte de outras coisas. Um colega economista refez as minhas contas e diz que já estamos beirando os 70 milhões. E não contei os dependentes e os gastos dos Estados também. É um negócio maluco. A saída, e a própria presidente Dilma percebeu isso, é dar um jeito de passar mais coisas para o setor privado. Em 2012, acordaram para isso e lançaram um programa de ferrovias e rodovias e estão também privatizando aeroportos. Tem de incluir o setor privado, porque o governo não tem condições de fazer sozinho. O governo tem uma dificuldade também na parte de gestão. Eu sou do tempo do Juscelino Kubitschek, que falou que ia fazer e fez a indústria automobilística e Furnas. Hoje temos uma complicação, pois o governo não tem quadros e tem o Ministério Público e pessoal do meio ambiente em cima. Outro setor muito importante é o da construção civil. Ele é autofinanciável, e as pessoas querem habitação. O que está acontecendo é que os financiamentos imobiliários estão aumentando muito mais do que os gastos em consumo. Isso é uma das coisas que está segurando o consumo da nova classe média, porque eles estão devendo, têm que pagar o apartamento e sobra menos para outras despesas. Mas isso é muito bom, porque uma coisa é você comprar só bem de consumo e não construir patrimônio. Quando você compra um imóvel, está poupando dinheiro e, ao mesmo tempo, investindo. É muito justificável você contratar um empréstimo de 20 ou 30 anos, pois o seu imóvel vai durar um século ou mais. É preciso meter isso na cabeça do povo e dar condições de fazer. O próprio governo tinha que dar um jeito de segurar os gastos de consumo, porque gasta

demais. Isso não seria em grande proporção, mas para dar exemplo. Ele paga salários maiores do que o mercado e, por isso, hoje todo mundo quer passar em um concurso público.

**Não demorou para o governo perceber que a solução são as parcerias com o setor privado?**

Você viu como fizeram o terminal do Aeroporto de Guarulhos? Um ano e pouco, o lugar estava pronto. Perdemos muito tempo, e eu acho que o governo tinha que pagar penitência. Confessar os pecados e levar uma penitência eleitoral. A ficha só caiu em 2012. Eu estudei muito economia, não há milagre que você possa fazer. Você tem dois horizontes: um de curto prazo, que vai de um a dois anos, e outro de médio prazo, de três a dez anos. A macroeconomia de curto prazo vai cuidar para não haver desequilíbrio – olhando a inflação, o câmbio, o déficit público e a dívida pública – que pode atrapalhar muito no futuro. Agora, mais no longo prazo, a gente chama de macroeconomia do desenvolvimento, e isso está em falta no Brasil. Estão muito obcecados com o curto prazo e esqueceram que tem de planejar o desenvolvimento. Tem de melhorar a infraestrutura, todo mundo está de acordo que as estradas, os portos e aeroportos são ruins. A soja do Brasil, por exemplo, é competitiva até a porteira da fazenda. E a vantagem de fazer infraestrutura é que você não está escolhendo campeões, como faz hoje o BNDES, para dar financiamento. Você faz uma estrada e todo mundo pode passar nela.

**O senhor acha que temos vergonha de ser um país de commodities, como sempre foi na nossa história?**

Eu não tenho vergonha nenhuma, porque estudei nos Estados Unidos, e eles acham que a gente é o máximo. Eles são os maiores produtores de soja e milho do mundo e produzem muito mais do que a gente. Agora, você não pode é só ficar naquilo, tem que tentar colocar valor adicionado. A base é boa e é o que sustenta nossa balança no exterior. Muitos economistas falam mal, pois pensam em curto prazo. Eles também falam muito do tal tripé econômico, que é o câmbio flutuante, a meta de inflação e o superávit primário para mostrar que o governo está controlando seus gastos. Mas tripé nenhum leva o País para a frente, só estabiliza a economia e não pensa no longo prazo.

**O senhor acha que temos uma lacuna educacional que vai atrasar o crescimento ou o desenvolvimento do País?**

Já atrasou e muito. O que promove o cidadão em uma sociedade é estar inserido no mercado de trabalho e um rendimento para constituir família. O sistema de ensino é muito mal formulado, tem gente que não tem a menor condição de fazer curso superior. Eu sou muito a favor do ensino técnico. Você tem que dar uma oportunidade, pois a pessoa precisa ter conhecimentos, senão vai ser servente de pedreiro ou faxineiro de prédio, porque não tem um preparo que lhe permita ascender a uma ocupação mais sofisticada, que paga um salário mais alto. Ela tem de dominar uma série de conhecimentos que facilitam a inserção na sociedade. Não é só diploma, pois diploma você só prega na parede. Conversando com as pessoas,

percebo que a saúde é uma grande preocupação, assim como a educação dos filhos. Embora eles não tenham tido uma educação boa, percebem que precisam. O povo reclama da falta de condições para ter um padrão de vida melhor do que o que eles têm.

**E qual é o maior alento para o Brasil, que pode nos encher de expectativa positiva?**

Eu acho que a nossa ansiedade é tornar o Brasil, o país do futuro, em país do presente. Fazer chegar o futuro finalmente. A diferença entre o Brasil e a Argentina é que lá eles sonham com o passado que não volta; e o Brasil, com o futuro que não chega. Se eu fosse candidato nessa eleição, procuraria vender a esperança. Mas depois tem de entregar. Os grandes líderes são esses, que até em períodos de guerra falam que vamos sair dessa; e entregam. Mas não vejo a nossa classe política com essa capacidade, eles

## O QUE PROMOVE O CIDADÃO EM UMA SOCIEDADE É ESTAR INSERIDO NO MERCADO DE TRABALHO E UM RENDIMENTO PARA CONSTITUIR FAMÍLIA

querem fazer coisas para ganhar voto. Ninguém tem coragem. Mas a população também não está pronta para essa conversa hoje, porque quer mais Bolsa Família e aposentadoria mais cedo.



---

# NOTICIÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO É DIGNO DE PÁGINA POLICIAL

PARA O DIRETOR-EXECUTIVO DA ONG TRANSPARÊNCIA BRASIL, CLAUDIO WEBER ABRAMO, A ECONOMIA É A BASE DO DESENVOLVIMENTO, INCLUSIVE SOCIAL, POIS, NA MISÉRIA, NÃO HÁ INTEGRIDADE. OU SEJA, É PRECISO GERAR RIQUEZA PARA QUE AS PESSOAS VIVAM MELHOR, MOTIVO PELO QUAL ELE APRESENTA UMA VISÃO PESSIMISTA PARA O BRASIL. DEFENSOR DA ADOÇÃO DE MECANISMOS PARA MELHORAR A EFICIÊNCIA DO ESTADO, ABRAMO CRITICA A SOBREPÓSICÃO DA VONTADE DO EXECUTIVO SOBRE O LEGISLATIVO E DIZ QUE O GOVERNO COMPRA OS PARTIDOS POLÍTICOS POR MEIO DA DISTRIBUIÇÃO DE CARGOS. ELE TAMBÉM ANALISA A CRISE INSTITUCIONAL VIVIDA PELO BRASIL DIANTE DA FALTA DE CONFIANÇA DO ELEITORADO NA CLASSE POLÍTICA, BOA PARTE DELA ENVOLTA EM PROBLEMAS COM A JUSTIÇA.



Acesse o aplicativo  
de QR Code pelo  
celular e assista  
à entrevista



#### Qual é o nível de democracia hoje no País?

É baixo e muito deficiente, sob o ponto de vista de atingir os resultados sociais que se esperam. Falando das instituições democráticas, você tem um Judiciário que só funciona para quem tem dinheiro e uma relação entre o Legisla-

dio negócio de empresa. A situação é de criminalidade no Legislativo, como a Transparência Brasil mostrou quando lançou, em 2006, um projeto chamado “Excelências”, tratando do tema. Entre 50% e 60% dos deputados federais e senadores têm algum problema na Justiça.

E não são coisas simples: é peculato, crimes contra a administração pública, compra de votos etc. Existem algumas assembleias legislativas estaduais em que mais de 70% dos deputados estaduais estão nessa situação.

## O GOVERNANTE COMPRA OS PARTIDOS POLÍTICOS ATRAVÉS DA DISTRIBUIÇÃO DE CARGOS

tivo e o Executivo, que é fundamental para o funcionamento da democracia, completamente dominada pela vontade do Executivo. Isso configura uma verdadeira crise institucional. No Brasil, o governador, o prefeito ou presidente da República não pode nomear livremente pessoas para ocupar funções de gestão do Estado. Após eleito, ele precisa reunir os partidos e pedir o apoio, dando em troca ministérios, secretarias, subprefeituras etc. Ele loteia a administração para que o Legislativo aprove o que seja de interesse do seu governo e não cumpra o seu papel fundamental, que não é legislar, e sim fiscalizar o Executivo. O governante compra os partidos políticos através da distribuição de cargos. As pessoas percebem isso, talvez não diretamente, mas pelos maus efeitos que causam essa relação viciada, que se reflete nos serviços públicos de péssima qualidade; nas legislações necessárias para tornar o Estado mais eficiente, que não passam; e nas malfeitorias de que o Legislativo, em geral, é cúmplice. O noticiário político brasileiro é digno de página policial, fala-se pouquíssimo de política e de ideologia. Discute-se qual deputado recebeu dinheiro de doleiro e interme-

diu negócio de empresa. A situação é de criminalidade no Legislativo, como a Transparência Brasil mostrou quando lançou, em 2006, um projeto chamado “Excelências”, tratando do tema. Entre 50% e 60% dos deputados federais e senadores têm algum problema na Justiça.

#### Por que só o Legislativo, que se vende, é mal avaliado e o poder Executivo, que compra, tem avaliação melhor?

Porque essa relação não é clara para o eleitor. As pessoas que têm um pouco mais de noção de como o Estado funciona sabem que é assim. O eleitor, de modo geral, não sabe. A eleição é o local ideal para se discutir esse tipo de coisa, mas quem está na oposição não tem nenhum estímulo para abordar a questão com seu oponente, porque faz exatamente a mesma coisa. Esse fenômeno de loteamento acontece em todos os partidos.

#### Isso é um problema da democracia brasileira ou da democracia como sistema?

É um problema das democracias mais jovens, dos países latino-americanos, da África e da Ásia. Não é um problema das democracias em geral, porque nos países desenvolvidos, por exemplo, não existe o poder de nomear pessoas. Uma das primeiras medidas de qualquer instituição internacional com preocupações quanto à eficiência dos governos é reduzir o

número de indicações políticas. Além do problema institucional, isso também causa ineficiência do Estado e na prestação dos serviços, porque quem está lá não tem em vista o interesse público, só o partidário. Por que um partido quer um ministério? Normalmente é para tocar um programa naquela área e perseguir interesses políticos.

#### Qual a relação da imprensa com o poder?

Os meios de comunicação estão nas mãos dos políticos. Em grande parte do País, eles são os czars da comunicação nos seus Estados, e isso chega até os municípios também. É claro que existem mídias independentes, mas é muito menos. Grande parte dos parlamentares são detentores de concessões de rádio e de TV. Por isso, não se pode esperar independência, pois as mídias existem para satisfazer os interesses empresariais ou políticos. Você também tem um mecanismo que é mortífero, e que já foi objeto de críticas e de tentativas de alteração, que é a liberdade dos governos de fazer propaganda. Não para a comunicação de fatos ou de necessidade de mobilização da população, é fazer propaganda dele mesmo. Os governos compram o apoio dos veículos por meio da colocação de anúncios. Notoriamente todos os governos fazem isso, não é só o PT e o PSDB. Como é feita a distribuição de riqueza entre os municípios? De acordo com a Secretaria do Tesouro do Ministério da Fazenda, cerca de 80% dos municípios brasileiros dependem de repasses de dinheiro, que vêm da União ou dos Estados. Olhando melhor, veremos que 40% dos municípios brasileiros dependem desses repasses para suprir mais de 90% dos seus orçamentos. Eles não produzem economicamente o suficiente para



sobreviverem. A imprensa escrita tem cerca de 820 jornais diários no Brasil, e eles não estão no Rio de Janeiro ou São Paulo. Estão majoritariamente nesses 40% dos municípios. O dono do jornal faz dinheiro com a publicidade, não com assinatura ou compras na banca. Então, em sua vasta maioria, esses jornais não servem para informar a população, que é a sua função fundamental. A imprensa brasileira é muito débil.

#### Quais os impactos das redes sociais nesse cenário?

As redes sociais são mecanismos de transmissão de informação, assim como os jornais. Quanto mais redes sociais existem, menos inteligência há. Não acho que elas tenham valor para disseminação de informação relevante. Ninguém se informa pelas redes sociais realmente; é só uma besteira. Eu enxergo a utilidade das redes sociais para coisas

última eleição presidencial, que contrapunha Dilma Rousseff a José Serra, o que se discutia? Questões individuais, como o aborto, e em cima das crenças das pessoas ou de como elas querem viver as suas vidas particulares. Ninguém jamais falou de um assunto central em uma eleição presidencial de qualquer país decente: a ideologia. Em eleições na França, na Grã-Bretanha e na Alemanha, é esse o debate, focado em tendências ideológicas do partido ou do candidato que assumirá o poder. No Brasil, não existe “esquerda”; dizer que o Partido dos Trabalhadores é de esquerda é uma brincadeira. O PT é um partido democrata cristão, e olhe lá. Eu diria centro-direita, como o PSDB, e eles são muito parecidos sob o ponto de vista ideológico. A direita brasileira é uma brincadeira, dizendo que é libertária, mas quer a acumulação de capital. A política brasileira é fundamentalmente centrada em partidos que são de centro-direita, não tem esquerda. O que os distingue é a maior ou menor sede com que vão ao pote.

#### O cidadão está fazendo a sua parte?

Acho que não. A pessoa só deixa de jogar lixo na rua ou de parar em fila dupla se um guarda aplicar uma multa. É o Estado, com suas regras escritas e com a aplicação delas sobre os cidadãos, que cria os hábitos. Não é por decisão moral individual que uma sociedade muda. Uma sociedade muda se as regras e a aplicação delas se tornam universais e perseguidas. Fazendo um paralelo, estamos ouvindo há milhares de anos “não roubarás”. Isso não resultou em nada, doutrina não adianta. Outro exemplo é a educação. Para que ela serve? Se fizer

essa pergunta para muitas pessoas, vai ouvir que existe para formar cidadãos, tornar as pessoas felizes etc. Acho que só eu respondo que serve para formar mão de obra. Vão dizer que é politicamente incorreto, mas é para isso que serve a educação, para formar pessoas para cumprir funções na sociedade.

#### Institucionalmente, o País melhorou do ponto de vista de transparência?

Há mais conhecimento, claro. A sociedade brasileira tem muito mais informação do que tinha há dez anos. Inclusive, você só sabe que tem problemas porque há mais informação. Sem ela, você nem sabe que os problemas existem.

#### Você é otimista ou pessimista em relação ao País?

Pessimista, porque não enxergo progressos na gestão do Estado ou na quantidade de informações que circulam, na promulgação de novas legislações e na adoção de novos mecanismos administrativos para melhorar a eficiência do Estado. Não vejo caminho que esteja sendo perseguido no sentido de desenvolvimento econômico para o País. Para mim, tudo parte da economia. Na miséria, você não tem integridade, e precisa ter criação de riqueza para que as pessoas vivam melhor. E não consigo enxergar o Brasil indo nessa direção, pois a economia brasileira é baseada na exportação de carne, soja e produtos minerais. Não há criação de inovação, e o que se ouve nesse sentido é coisa de marketing. Dizem muito que o Brasil é um país criativo. De onde tiram isso? Só porque você tem o Gilberto Gil e o Chico Buarque? Criatividade é muito mais que isso.

## A POLÍTICA BRASILEIRA É CENTRADA EM PARTIDOS QUE SÃO DE CENTRO-DIREITA

muito pontuais, como, por exemplo, informar sobre a falta de água no bairro. Ou seja, mecanismos de pressão, motivada por algo que seja do cotidiano. Reflexão não é exatamente o que você encontra em uma rede social, pois uma discussão supõe organização, e os meios de comunicação têm isso por excelência, porque existe a edição. Na rede social vale qualquer coisa, qualquer idiota pode dizer qualquer coisa. No entanto, isso tudo entra em outro aspecto que é característico da política brasileira. Na





PRESIDENTE – FECOMERCIO-SP  
Abram Szajman  
SUPERINTENDENTE – FECOMERCIO-SP  
Antonio Carlos Borges



www.agenciatutu.com.br  
Redação  
Rua Santa Cruz, 722 – 5º andar – CEP 04122-000  
São Paulo/SP – (11) 3170-1571

#### PUBLICAÇÕES

DIRETOR DE CONTEÚDO E JORNALISTA RESPONSÁVEL  
André Rocha – Mtb 45653/Sp

EDITORA  
Marineide Marques

EDITOR ASSISTENTE  
André Zara

REEDIÇÃO  
Joana Santana, Lucas Mota e Raíza Dias

REVISÃO  
Flávia Marques, Virginia Baumont Romano,  
Raquel Benchimol e Marina Jarouche

FOTOS  
Emiliano Hagge

EDITORES DE ARTE  
Clara Voegeli e Demian Russo

CHEFE DE ARTE  
Carolina Lusser

DESIGNERS  
Renata Lauletta e Lais Brevilheri

ASSISTENTES DE ARTE  
Paula Seco e Carolina Coura

#### TV

DIREÇÃO DE NÚCLEO  
Demian Russo

DIRETOR DE CONTEÚDO  
André Rocha

ENTREVISTAS  
Adalberto Piotto

DIREÇÃO DE CENA  
Tomas Egger

DIREÇÃO DE ARTE  
Tomas Egger e Demian Russo

EDIÇÃO DE CONTEÚDO  
Fernando Sacco e Camila Silveira

PRODUÇÃO EXECUTIVA  
Lilian Lirio

IMAGENS  
Alessandro Aiello, Anderson Da Silva, Bruno Oliveira,  
Bruno Di Giorgi, Dartagnan Antonio, Fábio Nicolodi e Rafael Rocha

DIREÇÃO DE FOTOGRAFIA  
Cristiano Wiggers

CENOGRAFIA (REVISTA FECOMERCIO-SP | FEVEREIRO 2014)  
Joana Mc

EDIÇÃO DE IMAGENS  
Fábio Nicolodi

ESTAGIÁRIO  
Bruno Di Giorgi

RELAÇÕES PÚBLICAS  
Maria Izabel Collor de Mello e Paula Dias

---

TODOS OS DIREITOS PATRIMONIAIS RELATIVOS AO CONTEÚDO DESTA  
OBRA SÃO DE PROPRIEDADE EXCLUSIVA DA FECOMERCIO-SP, NOS TERMOS  
DA LEI Nº 9.610/98 E DEMAIS DISPOSIÇÕES LEGAIS APLICÁVEIS À ESPÉCIE.  
A REPRODUÇÃO TOTAL OU PARCIAL É PROIBIDA SEM AUTORIZAÇÃO.

B823

Um Brasil: análises e discussões sobre um povo em busca de uma identidade/ Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo; apresentação Abram Szajman. – São Paulo: Fecomercio; Fischer2, 2017.

128 p.: il.: color.

Formato aberto: 22 x 27,8 cm

Formato fechado: 80 x 27,8 cm

ISBN 978-85-65274-16-6

1. Brasil 2. Economia 3. Política 4. Sustentabilidade  
5. Administração Pública 6. Mídias sociais 7. Tecnologia  
8. Sociedade 9. Personalidades – Entrevistas.

I. Szajman, Abram II. Título

CDD 320.0981

CDU 316.3:339(81)

ISBN 978-85-65274-16-6  
9 788565 274166



FECOMERCIO  SP

---

Senac | Sesc

AQUI TEM A FORÇA DO COMÉRCIO

[WWW.UMBRASIL.COM](http://WWW.UMBRASIL.COM)